

# O COMPANHEIRISMO MAÇÔNICO



**RIZZARDO DA CAMINO**

Livraria Maçônica Paulo Fuchs

**Rizzardo da Camino**

# **O Companheirismo Maçônico**

**Exemplar nº 00**

Exemplar para uso exclusivo do Ir.:

**Permitida apenas uma única cópia, em arquivo  
ou papel, para uso próprio e segurança.**

**Dedico o presente livro ao Amigo e Ir.: José Ebram,  
Presidente da Academia Paulista Maçônica de Letras.**

© **RIZZARDO DA CAMINO** – Todos os direitos reservados  
Reprodução Autorizada para Repar Minden Mercantil (**Livraria Maçônica Paulo Fuchs**)  
**São Paulo, SP – (0xx11) 5510-0370** internet: [www.livrariamaconica.com.br](http://www.livrariamaconica.com.br)  
Maio de 2001.

# Índice (1)

Capa.....	1
Dados do Livro .....	2
<b>Índice (1) .....</b>	<b>3</b>
<b>Índice (cont) .....</b>	<b>4</b>
Apresentação.....	5
Prefácio .....	6
Preliminares do Segundo Grau .....	8
A Transição .....	8
A Palavra de Passe .....	11
As Posturas do Grau Dois .....	13
O Avental .....	18
A Marcha .....	21
A Pedra Burilada .....	24
A Pedra Cúbica .....	29
A Ampulheta .....	31
A Estrela de Cinco Pontas .....	35
A Estrela Flamígera.....	37
Os Sentidos .....	37
A visão.....	39
A audição .....	40
O gosto.....	41
O tato .....	41
O Livro Santo.....	43
Leitura Bíblica .....	45
O Número Cinco Dentro da Numerologia .....	47
A Estrela de Cinco Pontas .....	48
As Provas do Grau Dois .....	49
A Palavra Sagrada, .....	54
A Palavra de Passe, O Sinal do Grau .....	54
A palavra de passe .....	55
O sinal do grau .....	58

## Índice (cont)

<b>As Cinco Viagens Iniciáticas</b> .....	<b>60</b>
<b>A Primeira Viagem</b> .....	<b>62</b>
<b>A Segunda Viagem</b> .....	<b>66</b>
<b>A Terceira Viagem</b> .....	<b>69</b>
Gramática.....	<b>69</b>
Retórica .....	<b>70</b>
Lógica.....	<b>71</b>
Os números .....	<b>72</b>
As medidas .....	<b>72</b>
Sistema métrico decimal .....	<b>72</b>
Geometria .....	<b>73</b>
Música .....	<b>73</b>
Astronomia .....	<b>77</b>
<b>A Quarta Viagem</b> .....	<b>77</b>
Sólon .....	<b>78</b>
Sócrates .....	<b>78</b>
Licurgo .....	<b>79</b>
Pitágoras .....	<b>81</b>
I. N. R. I. ....	<b>83</b>
<b>A Quinta Viagem</b> .....	<b>83</b>
O Exame .....	<b>86</b>
<b>As Lições</b> .....	<b>88</b>
<b>Primeira lição</b> .....	<b>89</b>
<b>Segunda lição</b> .....	<b>93</b>
<b>Terceira lição</b> .....	<b>104</b>
Orador .....	<b>106</b>
O Tetragrama hebraico .....	<b>107</b>
O quaternário.....	<b>108</b>
O quinário .....	<b>108</b>
O hexagrama .....	<b>109</b>
O setenário .....	<b>110</b>
<b>A Parábola dos Talentos</b> .....	<b>110</b>
<b>A Cadeia de União</b> .....	<b>113</b>

## Apresentação

A literatura maçônica tem-se desenvolvido a contento e, a cada ano que passa, novos autores aventuram-se no lançamento de obras, com títulos os mais diversos, livros que surgem com cada vez menor número de páginas, predominando trabalhos que não ultrapassam o número de cem.

Os críticos às vezes mostram-se impiedosos ao apreciarem tais livros e o mote principal fixa-se em que “surge mais uma apreciação repetitiva da Arte Real”.

O autor que se ilude, especialmente se é contemplado com uma sucessiva edição, tem a convicção que todos os maçons do País adquiriram o seu insuperável e magnífico “trabalho”!

O maçom brasileiro não é muito afeito à leitura; se nos detivéssemos a pesquisar em cada biblioteca maçônica privada, ficaríamos admirados em encontrar obras esparsas e em número muito limitado.

Assim, todo escrito novo, mesmo com assuntos repetitivos, chega ao consumidor como uma “novidade”.

Sim, é de se recomendar que o maçom não só leia muito, mas que ao mesmo tempo, escreva também!

Nós os autores, somos maçons especiais no sentido de adquirir ou colecionar tudo o que diga respeito à Maçonaria; mesmo que recebamos cortesias e em primeira mão nos cheguem novas obras, a busca é incessante de encontrar novidades.

Todo autor é um viciado no freqüentar o comércio de livros usados, eis que, repentinamente, encontra raridades.

Outra fonte inesgotável para quem viaja é a aquisição de livros estrangeiros.

Jamais esqueceremos de uma viagem feita a Veneza, onde em um comércio de bijuterias, encontramos uma estante de livros maçônicos, os mais diversos e preciosos!

Já não existe mais, no mundo, aquela restrição e até discriminação pela exposição de nossos livros; raras são as exceções, como por exemplo, nos Estados Unidos da América do Norte, onde os livros maçônicos somente são expostos para venda dentro dos Templos!

Para aqueles críticos que lendo apressadamente uma obra maçônica a acham “vazia”, “repetitiva” ou até “mal escrita”, diremos com toda sinceridade que devem deixar de buscar falhas, mas encontrar “uma frase”, que seja apenas, “uma só frase”, que tenha o condão de despertar algum sentimento! “Uma só frase”, em todo um livro, justifica o que se gastou para adquiri-lo!

Todo livro, profano ou maçom, contém sempre uma mensagem.

O curioso é que essa mensagem soa para o leitor como se fosse escrita e dirigida para ele!

Assim, qualquer livro maçônico constitui uma preciosidade porque é alimento sólido para uma mente ansiosamente carente!

Dentro dessa ótica, aqui está mais um dos nossos livros, não para ocupar a crítica, mas para contribuir para o conhecimento.

Os autores trocam idéias através de suas obras; apresentam sugestões e desafios.

Quando um livro vem à luz, para o autor é uma vitória!

Quanta luta, quanta dificuldade para obterem-se editoras que nos satisfaçam!

Exemplificando, nós já, nesses últimos cinquenta anos, contatamos um grande número de editoras; algumas cumpridoras fiéis dos contratos; outras... uma decepção!

O propósito do autor maçônico nunca foi a obtenção de lucros; tão-somente, o prazer de dar um pouco de si, para —penetrando nos lares dos Irmãos— comungar intelectual e espiritualmente com os que possuem a centelha do divino e são impelidos a avançar, crescer e prosperar.

Poucos livros existem a respeito do **companheirismo** e nossa ousada pretensão é aumentar esse acervo.

O Segundo Grau, de certa forma tem passagem muito rápida, ficando entre a novidade iniciática e o coroamento da obra.

O grande interesse está em dar o primeiro passo e chegar ao último esforço, estancando no mestrado!

Nós escrevemos e os caros leitores maçons, leiam! Encontrarão muita surpresa, conceitos inesperados, experiências agradáveis.

Ao lerem um livro sobre a Arte Real, procurem lê-lo usando a "terceira visão"; somente assim descortinarão novos horizontes atingindo, bem ao "final do túnel", a Luz tão confortante do conhecimento.

Alimentar o cérebro é viver, disse um sábio.

A leitura, posto não seja o único alimento, é um dos mais substanciosos e de sabor inigualável.

Rendendo graças ao Senhor dos Mundos, rogamos que espada o Seu Poder sobre cada um de nós, em especial, sobre você, Irmão e Amigo Leitor!

## Prefácio

*No ano de 1648, Elias Ashmole, destacado membro rosacruciano, instituiu o Grau de Companheiro, que precedeu o próprio Grau de Aprendiz; encontramos muita dificuldade em obter os originais desse Grau, que com o passar dos anos, foi profundamente alterado; no entanto, mantêm-se as principais características.*

*Visa o Segundo Grau, como filosofia, a orientação da **"juventude, ao bem-estar humano, através de um honrado trabalho, sem descurar da ciência e da Virtude."***

*A Maçonaria cultiva a Virtude, eduzindo de dentro do Iniciado, as necessárias para o desenvolvimento da Vida.*

*Todo ser humano possui o "feixe" completo das Virtudes; a Maçonaria, ou mesmo as Religiões, não "criam" essas Virtudes, pois o ser humano as traz consigo, oriundas da formação dos genes.*

*Acreditamos que essas Virtudes não são idênticas nos indivíduos, mas que, uns as possuem em maior número que outros.*

*Se o maçom descende de um tronco que surgiu dentro de uma civilização mais apurada, como a ocidental européia, os seus genes surgem mais "apurados", diferentes dos que surgiriam de uma pessoa natural de povos primitivos; exemplificando, um nosso Índio somente poderia contar com os genes recebidos de seus ancestrais e, obviamente, não englobariam o mesmo "conhecimento" dos melhor civilizados.*

*As Virtudes de um Índio não são as mesmas de uma pessoa culta e provinda de uma família de cientistas e sábios; no entanto, um Índio que se unisse a uma mulher que descendesse de um povo de civilização européia ocidental, transmitiria ao filho genes suficientes para iniciar uma nova etapa, eduzindo daí, Virtudes novas.*

*Em suma, e em tese, todo o conhecimento humano já existe pela natural evolução da ciência, da filosofia e da religião, o jovem apresenta plenas condições para integrar-se à Maçonaria com a finalidade de se aperfeiçoar; o aperfeiçoamento nada mais é que a educação das Virtudes que jaziam estáticas dentro de si.*

*Hoje, para o ingresso na Maçonaria, é estabelecida uma idade padrão; se o candidato é filho de maçom, supondo-se, assim, ser um **"lowton"**, ou um **"De Molay"**, a idade mínima, será dezoito anos; caso contrário, a sua admissão, somente poderá ocorrer aos vinte e cinco anos; obviamente, pelos poderes que um Grão-mestre enfeixa em suas mãos, toda a idade poderá ser reduzida.*

*Pela legislação atual brasileira, uma pessoa com dezesseis anos de idade já pode votar em pleito político; não tardará que essa menoridade civil, passará a ser considerada "maioridade"; assim, o jovem com dezesseis anos passará a ter responsabilidades civis e criminais; essa diminuição não pode escandalizar a ninguém, porque diante da evolução geral, inclusive sexual, uma pessoa com dezesseis anos pode ser considerada responsável pelos seus atos.*

Já a **Ordem De Molay**, que vem sendo disseminada vitoriosamente pelo Brasil todo, graças ao esforço e capacidade de seu ex-Grande Mestre, Alberto Mansur, apresenta em sua programação um cerimonial apropriado a conduzir um jovem dos treze aos vinte e um anos de idade, ao "coroamento" da maioridade, preparando-o para a Vida; nesse caso, a maioridade não poderá ser diminuída.

Os "**Lowtons**", que agrupam filhos de maçons, apesar de ser uma agremiação antiga, não vem sendo cultivada como deveria, considerando os "valores" que cada Loja tem, com a finalidade de orientar esses jovens para a Vida; o que vemos constitui tão-somente uma cerimônia realizada no dia de São João, equinócio do inverno, para nunca mais reunir esses "lowtons".

A Maçonaria instituiu esse cerimonial visando não só amparar os filhos de maçons em caso de necessidade, mas formar um grupo de "reserva", como futuros maçons.

Dissemos que o Segundo Grau é consagrado à juventude; devemos considerar que o aprendiz, dentro da Instituição Maçônica, equivale a uma "criança" que cuidada, instruída de protegida, cresce em todos os sentidos, inclusive em idade; a sua juventude, fará com que passe para o Segundo Grau, o de companheiro.

Temos, portanto, no maçom, as três idades: infância, juventude e maturidade; a maturidade diz respeito ao mestrado.

Formar a "personalidade" retirando as Virtudes de "dentro" e orientando para a Vida, eis no que consiste o "companheirismo".

O "trabalho" consiste no esforço, no comportamento, na dedicação, ficando na dependência da orientação; porém as condições para que o trabalho apareça como concretização do esforço, "autodeterminadas"; a Loja, apenas, apontará o que deve ser feito e como deve ser feito; o "fazer" é esforço individual.

Por ciência, entendemos o conhecimento filosófico, ou seja, instruir o intelecto, visando o burilamento das pedras que serão usadas para a construção do Templo interior de cada maçom.

Nos últimos instantes do companheirismo, o companheiro atingirá a sua virilidade, capacitado a viver, primeiramente, dentro de sua Comunidade Fraternal, e após, dentro da sociedade civil.

Abraçar as ciências humanas, constitui o caminho seguro em direção ao aperfeiçoamento.

A Loja do Segundo Grau possui disposições e decorações definidas, a saber:

O Quadro da Loja vem traçado sobre o pavimento de mosaicos, brancos e negros.

Cinco Luzes iluminam a Loja, duas a mais que a Loja de Aprendizes.

Uma Estrela Flamígera "brilha"; no seu centro, a letra "**G**", que é a inicial da palavra "**Geometria**", que corresponde à quinta ciência maçônica e a mais útil entre todas. E, ainda, a inicial de Deus, que em inglês, como foi escrito o Ritual, é "**God**".

A Coluna "**J**", passa a ser iluminada.

No centro da Loja, o Ara, denominado de "Ara do trabalho" sobre o qual são depositados os seguintes utensílios:

Régua, Malhete, buril, colher de pedreiro e Esquadro.

Não se confunde o Ara com o Altar, onde somente serão colocados o Livro Sagrado, o Esquadro e o Compasso.

Colocados em suportes, estão quatro cartazes onde se lê:

No primeiro, colocado a Oeste, o nome dos cinco sentidos: Visão, audição, tato, olfato e gosto.

No segundo, colocado ao Sul, o nome das quatro ordens arquitetônicas: **Toscana**, **Dórica**, **Jônica** e **Coríntia**.

No terceiro, colocado ao Oriente, o nome das artes liberais: **Gramática**, **Retórica**, **Lógica**, **Aritmética**, **Geometria**, **Astronomia** e **Música**.

A Música origina-se das antigas ciências das Musas, que compreendiam a poesia, o canto, a história, etc.

No quarto, colocado ao Norte, os nomes dos filósofos:

### **Sólon, Sócrates, Licurgo e Pitágoras.**

*Os Títulos, são os mesmos de uma Loja de Aprendizizes; a Loja recebe o título específico de **Loja de Companheiros**.*

*As vestes são simples, traje de passeio, escuro, luvas brancas e Avental em pele branca com a abeta erguida; entre nós no Brasil, o traje mais usado é o negro, com camisa branca, gravata longa, ou branca ou negra.*

*A postura, sentado, à natural; de pé e à ordem, o braço direito, sobre o coração, mão em "garra", o esquerdo, erguido em esquadria com a mão espalmada.*

*Há uma Palavra de Passe e uma Palavra Sagrada, que são mantidas em sigilo.*

*O sinal consiste em colocar-se de pé e à ordem; abaixar a mão esquerda, roçando o corpo; da mesma forma, proceder com a mão direita.*

*O toque é o mesmo do Grau de Aprendiz, sendo os toques em número de cinco; também, é sinal sigiloso.*

*A marcha é inicialmente igual à do Aprendiz, seguida de dois passos oblíquos; parte com o pé direito e termina com os pés juntos em esquadria. As "duas direções" simbolizam que o companheiro deve propagar o "Espírito Maçônico", por onde andar, sem que isso constitua uma ação de proselitismo.*

*A bateria é executada com cinco golpes, compostos em duas partes, três por uma.*

*O salário consiste na passagem da Coluna "B", para a coluna "J".*

*Os trabalhos são abertos ao meio-dia e encerram-se à meia-noite.*

*A legenda do Segundo Grau é a "maturidade do homem".*

*Por fim, temos o "trolhamento", que consiste em cinco perguntas, cujas respostas devem satisfazer o interlocutor; sendo parte sigilosa, é vedado transcrevê-lo.*

## **Preliminares do Segundo Grau**

### **A Transição**

O aprendiz esforça-se para alcançar o companheirismo e lá chegado, o seu objetivo, obviamente, será o mestrado.

Inicialmente, quando ainda não havia uma Maçonaria organizada, e as escalas diziam respeito, exclusivamente, ao preparo do artesão, o estágio no aprendizado era de três anos e o do companheirismo, de cinco anos.

Esse acréscimo de dois anos justificava-se, porque para atingir o mestrado, o artesão necessitava conhecer com perfeição o manuseio dos instrumentos que lhe foram entregues.

O interessante é que entre o mestrado e uma próxima etapa, deveria haver um período estabelecido; qual seria essa próxima etapa: a de arquiteto ou a de artífice?

Na História Sagrada, não vem esclarecida essa parte, quanto à construção do Grande Templo de Salomão.

Hiram Abif, o artífice de Tiro, enviado pelo Rei Hiram do Líbano, desempenhou um papel muito amplo, o de acabamento das partes interiores do Templo em suma, o seu "embelezamento".

Esse personagem misterioso, filho de Ur, que era um fundidor de metais, entendida de "todas as artes" e a ele fora confiada a construção de todos os utensílios, como candelabros, Mar de Bronze, bacias, enfim, tudo o que era de ferro, bronze, ouro e prata; dos metais pesados e precisos, às ricas cortinas de seda, trabalho mais delicado de bordador.

Portanto, os "seguidores" desse Artífice passaram a dedicarem-se à parte "interior" do Templo Humano.

Para que o Grande Templo fosse concluído e consagrado numa festa inimitada até hoje, pela sua grandiosidade, houve um período de transição.

A "arte de construir" correspondia à parte de alvenaria; os maçons da Idade Média dedicaram-se a construir o que era de "pedra e cal", deixando a parte interna de ornamentação para mãos mais delicadas.

Por que a História Sagrada não revela o fim do trabalho de Hiram Abif? Por que não destaca a sua obra?

Creemos que esse trabalho silencioso, minucioso significa mais a parte espiritual que a material.

O trabalho quase anônimo de Hiram Abif pode ser comparado ao trabalho dos companheiros.

O companheiro não pode andar só; caso contrário, não haveria razão para o seu nome.

Ele acompanha ou é acompanhado? Sua atuação dentro da Loja é de passividade ou de atividade?

Sabemos que os aprendizes "obedecem", "escutam" e "aprendem"; ao passo que os companheiros, "executam tudo aquilo que foi obedecido, que escutaram e que aprenderam".

Cabe ao companheiro "buscar" a companhia, assimilando-se aos aprendizes e chegando muito perto dos mestres.

Não podem distanciar-se dos aprendizes, porque eles já foram aprendizes; não podem infiltrar-se no mestrado porque eles ainda não chegaram lá.

Encontram-se numa posição de "transição", que significa transpor alguma coisa.

O "poder" dos companheiros revela-se na formação da Cadeia de União; essa parte mística, sempre presente, recolhe no círculo que é compilado, todos os membros de uma Loja, sejam aprendizes, companheiros e mestres; porém os "privilegiados" são os companheiros, que se entrosam entre os aprendizes e os mestres.

Dentro do Templo, os companheiros, sentados na Coluna do Sul, ficam "separados" dos demais presentes. Enquanto os aprendizes têm os mestres à sua frente e o Oriente à sua esquerda, os companheiros, têm, também, os mestres à sua frente, mas o Oriente à sua direita.

As suas funções dentro da Loja estão limitadas, tanto como sucede com os aprendizes.

No entanto, na Cadeia de União, dão-se as mãos em perfeita união; os companheiros deslocam-se de sua Coluna e vão postar-se na Câmara do Meio, à esquerda do Oriente; contudo, o primeiro companheiro dará a sua mão esquerda ao mestre que lhe está à direita; o último companheiro, dará a mão direita ao mestre que está à sua esquerda, eis que considera-se que essas mãos provêm dos seus braços cruzados.

E a oportunidade de "embelezar" o Templo Interno de cada "elo" da corrente, dando a sua indispensável participação.

Nesse momento, não haverá transição, mas sim postura adequada emitindo toda energia acumulada durante longos períodos.

Transpondo o que, antes, constituía empecilho, surge a libertação total para o "burilamento" das pedras que encontra no seu caminho, não apenas a sua própria e antiga pedra bruta, mas a do seu próximo.

E preciso que os companheiros se conscientizem de seu papel muito importante dentro do "grupo".

A passagem do aprendiz para mestre ocupa um período de grandes cuidados, abnegação e a paciência própria dos "artistas" que se empenham em apresentar a sua obra, com a máxima perfeição.

Esse período de "transição" envolve a função do "artífice" executando o trabalho dentro de si próprio, selecionando materiais, procedendo à limpeza, ordenando, colocando cada coisa no seu devido lugar, dando destino certo a tudo.

Obviamente, quando pensamos em Iniciação, em morte mística para alcançar uma "Nova Vida", estamos dentro de um terreno puramente, simbólico. Na realidade física, ninguém morre e ninguém se despe de sua individualidade.

No entanto, como formulava o Divino Mestre, através de suas Parábolas, a verdade é outra.

A nossa vida material é que é ilusória!

O que precisamos é adentrar à Vida Verdadeira!

Muitos já experimentaram “materializar” a Iniciação, obtendo resultados positivos; porém... são poucos.

Sem pretender incursionar no terreno religioso do cristianismo, resguardando ao máximo a filosofia maçônica, de total separação religiosa nos conceitos da Sublime Ordem, Jesus — além de expor a sua Doutrina — a experimentou e realizou a “façanha” de morrer, para ressuscitar.

O companheiro não deve viver “apressado”; notamos a sua preocupação na apresentação de suas “lições”; trabalhos que demonstram o grau do seu aproveitamento e o tornam apto para a sua exaltação ao mestrado.

O companheiro lida com toda a arte e toda ciência; tem tudo nas mãos e é preciso que utilize essa oportunidade.

Depois que alcançar o mestrado, o que fará?

Curiosamente, o mestre é assim considerado, um dia após a sua exaltação, quando ainda está muito “verde” e inexperiente.

Todo o seu conhecimento para orientar os aprendizes e companheiros, é adquirido numa única cerimônia, a de sua exaltação; após, vem um curtíssimo período que recebe algumas lições e ei-lo apto a exercer o seu “poder”, daí em diante!

Realmente, o lapso de tempo despendido dentro do Segundo Grau, é um período de grande lucro e aproveitamento.

O próprio nome “companheiro”, significa “em companhia”, e essa companhia é distribuída entre os aprendizes e os mestres.

Na França, o “Companheirismo” transformou-se em uma instituição à parte, dada a sua importância no complexo ritualístico.

Os companheiros suportam o estigma do “assassinato” de Hiram Abif, pois, segundo a Lenda, Jubelas, Jubelos e Jubelum eram companheiros.

Com o objetivo de apressarem o seu ascenso ao mestrado, necessitavam conhecer a Palavra de Passe, única forma de poderem se apresentar como mestres.

A Lenda é por demais conhecida: um dos três companheiros aguardou dentro do Templo, após o término dos trabalhos, que Hiram Abif saísse por uma das três portas do Templo; ao encontrá-lo, interceptou-lhe o caminho e exigiu a revelação do segredo; como não o conseguisse, deu um golpe na cabeça de Hiram Abif com a Régua de Vinte e Quatro Polegadas; porém o golpe apenas atordoou o Mestre, que fugiu em direção à segunda porta; lá o aguardava o segundo companheiro que procedeu de igual forma; sem nada conseguir, golpeou o Mestre, também, na cabeça, com um Esquadro; mas também esse golpe não foi suficiente para abater o Mestre que reuniu forças para tentar fugir pela última porta; lá estava o terceiro companheiro; exigiu o segredo e, nada conseguindo, abateu o Mestre com violento golpe de um Maço.

Esses companheiros, que em certos rituais tomam outro nome, o de **Sebal**, **Oterlut** e **Stokin**; ou **Abiram**, **Romvel** e **Gravelot**; ou **Giblom**, **Giblass** e **Giblos**, ou ainda, **Obbhen**, **Steké** e **Austerfluth**, foram daquele momento em diante, considerados de “maus companheiros”.

Chamar a um companheiro maçom de **Jubelas**, **Jubelos** ou **Jubelum**, constitui a maior ofensa que se possa cometer.

O maçom que “cai”, assim procede porque mantém em si raízes que vêm dos Jubelos; desperta nele o desejo desonesto de “crescer”, para obter vantagens com a Maçonaria, mas explorando os seus próprios irmãos, sem ter os merecimentos para a sua evolução.

Esse estigma deve deixar alerta o companheiro; suas luvas e seu avental alvo, devem permanecer imaculados; sem sinais de sangue derramado no trucidamento do mestre Hiram Abif.

A Lenda de Hiram Abif deve ser muito bem “conhecida” pelos companheiros, porque é a eles que se exige a prova de sua inocência no assassinato do grande Artífice.

O simbolismo da Lenda é parte relevante na cerimônia de exaltação, quando o

companheiro somente ingressará se provar ser limpo e puro; deve apresentar ambas as mãos com a palma voltada para cima para provar que estão imaculadas; da mesma forma o avental é inspecionado para que não possua nenhuma mácula.

A Lenda conduz à introspecção; o companheiro deve convencer-se de que não “tomou parte” no plano hediondo, que suprimiu alguém posicionado, hierarquicamente em posição elevada.

Deve provar a si mesmo que não teve qualquer responsabilidade no trágico evento.

A Lenda de Hiram Abif inicia, de modo superficial, no aprendizado; depois, amplia-se até complementar a escala, que se denomina de Ápice da Pirâmide.

O Rei Salomão estabeleceu a partir do assassinio de seu Artífice a organização administrativa de seu Reino.

O profundo simbolismo dessa Lenda serve de orientação permanente a todos os maçons e em especial aos companheiros.

Depois de passar pelo aprendizado, o maçom é considerado como uma “esperança”; enquanto aprendiz, nada há para preocupar a administração; porém, no companheirismo, surge a “desconfiança” sobre se esse aprendiz que venceu a “batalha”, resultou em companheiro sincero, apto a penetrar nos segredos mais íntimos do mestrado.

Essa transição é delicada; o companheiro deve “provar” a sua “capacidade” global.

Para tanto, despende muito maior esforço que um aprendiz, e mais tarde, o mestre.

Em conseqüência, a posição do companheiro, como “fiel” de uma balança, ficando ao meio, ao meio-dia, ao equilíbrio da neutralidade, onde o sol não faz sombra sobre o que ilumina, é de expectativa, da qual participam todos os membros do Quadro.

Aquele maçom que julga ser o Segundo Grau mera posição intermediária, engana-se — e muito!

Todo companheiro, ilustrado nas ponderações expendidas acima, deverá, para sua própria satisfação, antes de iniciar o seu “terceiro passo”, especular um pouco mais; incursionar um pouco mais; identificar-se um pouco mais com o conhecimento.

Oswaldo Wirth, esse insigne autor francês, assim resume o posicionamento dos maçons, no Simbolismo:

***“En résumé, pour être admis à l’Apprentissage, il suffit de montrer des aptitudes; pour passer à Compagnon, il faut en plujs avoir fait preuve d’application, de zèle et d’ardeur ao travail; le Maître, enfin, ne s’affirme que par le talent et par des capacités reconnues, par la compréhension intégrale de l’Art”.***

## A Palavra de Passe

Para compreendermos a Palavra de Passe do Companheiro, faz-se necessário conhecermos, embora superficialmente, a vida de Jefté, o gileadita.

Era um homem valente, porém, era filho de uma prostituta; a sua origem não foi bem recebida pelos seus irmãos que, atingida a maioridade, entenderam expulsá-lo de casa, indo fixar-se na terra de Tobe onde constituiu família, obtendo de seu casamento, uma filha.

Desde que Moisés conduzira o seu povo da escravidão do Egito para as terras de Canaã, em Israel, os filhos de Arnom lutavam para reconquistar as terras de que os israelitas tinham se apossado.

No momento em que os amonitas aprontavam-se para a reconquista, os anciãos de Gileade procuraram Jefté porque o sabiam valente e capaz e lhe suplicaram que fosse seu chefe para pelear contra os filhos de Amom.

Jefté argüiu que a sua família o havia expulsado de sua casa e que agora lhe pedia que fosse o seu Juiz, o nono quanto o que fora estabelecido por Jeová no período de declínio e desunião após a morte de Josué; treze foram esses Juizes, sendo doze homens e uma

mulher de nome Débora, o que não aceitaria porque ainda sentia-se muito ultrajado.

Porém, os anciãos o convenceram e Jefté iniciou a sua tarefa enviando aos amonitas mensagem de paz, sem êxito.

Para enfrentar os amonitas, que haviam reunido um poderoso exército, Jefté fez voto a Jeová de que se resultasse vitorioso da luta, ofereceria em holocausto a primeira pessoa que surgisse da porta, quando retornado em sua casa.

Vencidos os amonitas, Jefté recolheu-se a sua casa e estando atento, viu chegar a sua única filha, que o abraçou alegremente.

Jefté, abatido porque deveria cumprir seu voto, mandou que a filha, virgem ainda, se retirasse por dois meses aos montes em companhia de suas amigas, para chorar a sua virgindade.

O texto bíblico (Juizes, capítulo 11), não esclarece sobre aquele holocausto supõe-se, porém, que Jefté tivesse dado sua filha em sacrifício ao Senhor; esse sacrifício deveria consistir na morte da moça. Existem outras interpretações de que aquela filha tivesse conservado a virgindade, sem casar.

O texto bíblico referente à Palavra de Passe, vem assim consignado em Juizes, capítulo 12:1-7:

***“Então foram convocados os homens de Efraim, e passaram para Zafom, e disseram a Jefté: porque foste a combater contra os filhos de Amom, e não nos chamasse para ir contigo? Queimaremos a tua casa, estando tu dentro dela.***

***E Jefté lhes disse: eu e o meu povo tivemos grande contenda com os filhos de Amom; chamei-vos e não me livrastes da sua mão. Vendo eu que não me livráveis, arrisquei a minha vida e passei contra os filhos de Amom; e o Senhor os entregou nas minhas mãos; por que, pois, subistes, hoje contra mim, para me combaterdes?***

***Ajuntou Jefté todos os homens de Gileade e pelejou contra Efraim; e os homens de Gileade feriram a Efraim, porque este dissera: Fugitivos sois de Efraim, vós gileaditas que morais no meio de Efraim e Manassés.***

***Porém, os gileaditas tomaram os vaus do Jordão que conduzem a Efraim; de sorte que, quando qualquer fugitivo de Efraim dizia: Quero passar; então os homens de Gileade lhe perguntavam: és tu efraimita? Se respondia: não; então lhe tornavam: Dize pois Chibolete; quando dizia Sibolete, não podendo exprimir bem a palavra, então pegavam dele, e o matavam nos vaus do Jordão. E caíram de Efraim naquele tempo, quarenta e dois mil.***

***Jefté, o gileadita, julgou a Israel seis anos; e morreu, e foi sepultado numa das cidades de Gileade.”***

Efraim pertencia à casa de Israel; os filhos de Amom passaram o rio Jordão para pelejar contra Judá, Benjamim e a casa de Efraim.

Os desígnios de Jeová eram outros, pois, selecionou Jefté para derrotar os amonitas, sem o auxílio dos filhos da casa de Efraim; esse, enciumado, após Jefté ter derrotado os amonitas, voltou-se contra Jefté e lhe deu combate.

Portanto, o episódio que originou a Palavra de Passe, originou-se de um ataque de um israelita contra Jefté.

O rio Jordão alimenta o Mar Morto, cujas águas salobras ao extremo não podem ser usadas; diz a lenda que essa condição salobra veio do sangue dos efraimitas, derramado nos vaus do Jordão; o rio foi redimido por João Batista ao batizar a Jesus.

O episódio não foi tomado à esmo pela Maçonaria para compor a Palavra Sagrada do Segundo Grau.

O defeito verbal da pronúncia traíra os efraimitas; esse defeito, nos dias atuais, desapareceu; temos, para exemplificar, idêntico defeito daqueles que são da língua espanhola.

Por brincadeira, nós os brasileiros, com os turistas argentinos e uruguaios, lhes pedimos que repitam a frase: "caí num poço, sair não posso"; o de fala espanhola dirá: "**caí num poço, sair não pôsso**", fechando o som do primeiro "o".

Essa dificuldade nos ensina a usar os sons da palavra de forma exata.

## As Posturas do Grau Dois

A Liturgia Maçônica exige que os maçons mantenham, quando em Templo, as Posturas do Grau.

Já conhecemos as posturas do Aprendiz e o seu significado. A posição do corpo físico contribui para o êxito de uma sessão. Contudo, muitas Lojas, não por ignorância, mas por desleixo e desinteresse, não dão muita importância de como senta o maçom e como de pé, se coloca, para receber os fluidos e as vibrações, bem como transmiti-las aos seus irmãos que compartilham com ele das benesses místicas e esotéricas que a sessão distribui.

Sabemos que nem sempre o organismo está capacitado a manter a postura adequada; basta uma simples calcificação nos ombros para que um braço erguido não possa manter-se em perfeita esquadria na posição exigida.

Uma postura mal executada redundará na sua inexistência; será como um maçom sem avental; estará despido.

A postura do aprendiz, estando esse de pé e à ordem, raramente é apresentada com a perfeição exigida pelo Ritual.

Da mesma forma, a postura do companheiro.

Duas são as posturas tradicionais e imutáveis; uma é a apresentada encontrando-se o maçom sentado; outra, estando de pé.

Em movimento, inexistem posturas; se a mão direita é mantida numa posição correta, bastará que o braço esquerdo se movimente para destruir a postura, isso no que diz respeito ao aprendiz; o companheiro, porém, mantém os dois braços erguidos e isso não lhe impediria o movimento, como o de caminhar.

No entanto, basta que os pés se movimentem para romper uma das esquadrias. Ou a postura é feita na sua integridade ou ela deixa de ser uma postura.

A postura sentada é uniforme nos três Graus; pés unidos, joelhos encostados, corpo ereto, braços caídos com as mãos e seus dedos unidos descansando sobre os joelhos.

E a postura essencialmente estática. Assemelha-se a uma postura de ioga; o maçom terá oportunidade de interrompê-la várias vezes, quando é solicitado a pôr-se de pé.

Essa postura dá ao corpo o descanso natural; pode permanecer um longo período naquela posição sem sofrer câibras ou sacrifício.

Recordamos que no tempo de estudante tínhamos um colega que permanecia sentado dessa forma, naturalmente, usando as mãos ou para escrever ou para manusear os livros, durante horas a fio, sendo preciso que seu pai o retirasse quase à força daquela posição, para alimentar-se. Com a intimidade que tínhamos com ele, nos esclareceu que, com aquela posição, conseguia memorizar o que estudava compensando a falta de inteligência e que não cansava.

Mais tarde, com a experiência maçônica, constatamos que realmente pode-se habituar o corpo àquela posição, que é vantajosa.

Porque a Maçonaria a adotou, ignorando-se quando iniciou e quem inspirou as posturas, tem razão de ser, se observarmos atentamente que as posturas "neutralizam" totalmente os freios naturais entre as funções físicas e as funções da mente.

Para que a mente tenha a amplitude desejada de compreensão, criatividade, liberdade absoluta, o corpo físico não deve interferir.

A postura sentada envolve todos os sentidos materiais e permite que a mente

acompanhe o desenvolvimento do Ritual unindo-se as mentes dos maçons presentes, para a construção da Egrégora e para o envio da Grande Mensagem, para o centro espiritual da Loja e de cada maçom individualmente.

Não se trata de “espiritualizar” a mente; apenas o efeito mecânico para separar a mente do corpo; sem dúvida, é a própria mente que “subjuga” o corpo físico, num ato de autolibertação.

Não podemos “espiritualizar nem a mente nem o corpo”, porque existem em nós as partes espirituais, todas distintas das partes materiais; estamos nos referindo, dentro da postura, de uma mente que faz parte do ser humano.

A mente humana, apesar de desconhecidos os seus instrumentos de ação, é apenas “veículo” para que o corpo espiritual se apresente.

Todo ser humano possui corpo físico e corpo espiritual; raramente, no entanto, o corpo físico percebe a existência em si, do corpo espiritual.

A Maçonaria oportuniza esse conhecimento e “liberta” o corpo espiritual.

Poderíamos questionar se a mente pertence a ambos os corpos e o resultado será claro: a “mente” do corpo espiritual, é a Vontade do Criador; é a presença do Grande Arquiteto do Universo em nós, em suma, o Deus em nós; o Deus conosco.

Para a exata compreensão dessas sutis diferenças, o maçom deverá usar as posturas com a devida atenção e a máxima perfeição.

O corpo físico é a substância “pesada” e material; ele presta-se a permanecer estático em repouso.

Raros os casos de “levitação”, quando o corpo físico se eleva do solo e permanece flutuando.

A levitação não é um fenômeno maçônico.

Porém, a mente tem a capacidade de sair do lugar onde está, certamente, do cérebro, para não só levitar ou flutuar, mas percorrer distâncias infinitas.

Tudo podemos realizar com a mente; absolutamente tudo, e percorrer, com a velocidade da luz, as distâncias cósmicas.

Há muita confusão no uso da mente; um dos maiores entraves é a imaginação; saber distinguir a realidade da ilusão é tarefa ingente e muito difícil, porém, não impossível.

O “transporte” da mente acontece diuturnamente; basta deixar que “voe” livre um simples percurso dentro de um coletivo, basta para que, “distraindo” (separando a parte física da mental), a pessoa “se perca” no emaranhado dos seus pensamentos.

Freqüentemente estamos assistindo a uma palestra e quando nos damos conta, estamos muito longe do local; uma palavra proferida pelo palestrante é suficiente para atuar como se fosse uma senha, dando ordem para que nossa mente busque outro local.

Quando temos notícias de uma viagem através do Cosmos de algum artefato interplanetário, lá podemos estar, chegando ao planeta visado muito tempo antes.

Ninguém sabe nem percebe onde se situa o Reino dos Céus ou o Reino das Trevas; sobre o Hades ou inferno, já temos a descrição dos buracos negros, essas misteriosas formações que absorvem inteiramente a luz que criam.

Nossa mente, no entanto, tem a capacidade de atingir esses Remos, apesar de inexistir uma localização conhecida.

Em suma, a Maçonaria ensina e orienta o maçom a usar a sua mente, subjugando, através das posturas, o corpo físico, para que não haja qualquer interferência sobre a “mente que viaja”.

A postura sentada, também, “neutraliza” o poder gerador, porque imobiliza o aparelho procriador.

A mobilidade dos braços e das mãos, cessa; os pés unidos impedem o caminhar. A pessoa fica inerte embora sua percepção se ative.

O maçom assim postado fica em contemplação: apenas a sua mente se agiliza.

Durante os trabalhos, surgem momentos em que todo o grupo está paralisado, concentrando-se na postura sentada, e apenas o Venerável Mestre atua, emitindo sua palavra orientadora e de comando.

Quando houver movimento, dos Diáconos, do Mestre de Cerimônias ou do Hospitaleiro, somente esses espargem energias e recolhem a força que emana do pensamento grupal.

Em nenhum momento há dentro do Templo um instante de paralisação geral.

O uso da mente pode ser individual e autônomo, como coletivo e induzido.

Podemos exemplificar usando um indígena no seu hábitat que desconhece o que há no Cosmos, o que sejam as constelações, a Via Láctea, as nebulosas, os buracos negros.

Caso lhe expliquemos esses aspectos científicos, obviamente, não entenderá nossa linguagem; mas se junto com ele o convidarmos a dar um "passeio" pelo Cosmos, a sua mente nos acompanhará.

A velocidade do pensamento e a sua movimentação, nada têm a ver com o conhecimento.

Dentro da Loja, o Venerável Mestre ou um palestrante poderá, com grande facilidade, conduzir a "mente grupal" para as viagens em direção ao ignoto; as mentes todas viajam induzidas e orientadas.

Dentro da formação de uma Cadeia de União, o Grupo unido pelos pés, pelas mãos e pelas mentes, forma um "todo" que induzido pode dirigir-se a um destino determinado para colher resultados predeterminados.

Essas "viagens" proporcionadas pela Cadeia de União, querem alguns que se trate de um fenômeno hipnótico.

Seja o que for, porém, a realidade é que a mente humana pode ser coletivamente orientada e dirigida.

Comumente, quando um irmão está enfermo, forma-se uma Cadeia de União solidária.

O Dirigente faz com que o Grupo se transporte até o local onde se encontra o enfermo e lá, as mentes atuam e beneficiam aquele que necessita do apoio do Grupo.

O convívio fraterno faz com que cada maçom conheça o lar do seu irmão e assim, a mente sabe para onde vai.

Sucede, no entanto, especialmente com os recém-iniciados, que alguns desconhecem o local onde o Grupo irá mentalmente para beneficiar o irmão enfermo ou aflito.

Neste caso, as demais mentes conduzirão consigo os que não sabem o caminho.

Dentro das Lojas Maçônicas há grande atividade quanto ao trabalho das mentes.

Uma Loja que sabe conduzir as mentes dos que fazem parte do seu Quadro, será uma Loja científica, esotérica e espiritualmente atuante.

Dentro da Cadeia de União é usada uma postura diversa das duas acima referidas; como no mestrado, há uma postura específica para o "Sinal de Socorro".

Os coletores de propostas e de óculos "postam-se" diante dos irmãos, obedecendo a uma postura convencional. Essas diversas posturas têm sua razão de ser. Nada é feito em Maçonaria que seja supérfluo ou desnecessário.

Vejamos, agora, a postura "de pé e à ordem"; como as palavras indicam, o maçom se encontra diante de sua cadeira, ereto e de pé.

Cada Grau tem sua postura específica.

O Companheiro mantém os seus pés em esquadria; mão direita em garra sobre o coração; mão esquerda erguida formando o braço e o antebraço um esquadro; a mão direita também forma um esquadro; são, portanto, três esquadros; mas surge um quarto e menor feito com a mão esquerda em decorrência dos quatro dedos unidos e o polegar afastado.

O esquadro formado pelos pés — calcanhares unidos, ponta dos pés afastados —, forma um ângulo reto.

Os pés afastados simbolizam as duas direções que algum dia o maçom deve percorrer em sua longa trajetória; o caminho material, através das dificuldades que surgem e o caminho ameno, o da direita, que é o espiritual.

O esquadro formado pelo braço direito simboliza que o coração deve enquadrar-se com perfeição, para que possam as decisões sentimentais serem corretas.

A garra sobre o coração que se situa no centro do plexo solar, recorda a punição que um dos companheiros assassinos de Hiram Abif escolheu; trata-se apenas de uma afirmação do compromisso de jamais trair os juramentos feitos por ocasião da Iniciação.

A postura não significa que o coração deva ser arrancado.

O braço esquerdo forma um esquadro para demonstrar que a palma receptora não poderá colocar-se acima da mente.

A mão espalmada atua como um radar que recebe os reflexos, os fluidos e as vibrações conduzindo tudo para os órgãos receptores do ser.

A postura de pé só é completa considerado o seu conjunto; ao falar, o maçom companheiro não poderá gesticular; deverá submeter o seu verbo aos "freios" impostos pela postura.

A praxe, contudo, orienta no sentido de o Venerável Mestre dispensar a postura para quem usa da palavra.

Dentro da Loja, o uso da mente faz parte da Liturgia.

No momento em que é feita a leitura do trecho bíblico, a mente acompanha a narrativa; na verdade a parte lida é uma parábola.

O drama diz respeito do Prumo: "Ele tinha na mão um Prumo"; o que representa para nossa mente, a trilogia: Ele, mão e Prumo?

Nós seremos o próprio Senhor; ou sua mão, ou o Prumo?

E sabido que o significado bíblico do Prumo é sinônimo de Messias, de Jesus o Cristo.

Nós podemos nos transformar nesse Messias?

A mão da postura é a própria mão que segura o Prumo.

Há, portanto, analogia íntima entre a postura do Grau dois e a leitura bíblica desse mesmo Grau.

Ainda, dentro da postura de pé, os irmãos são conclamados à exclamação tríplice do "Huzzé".

É tríplice, representando a mente, o corpo e o espírito; atinge o corpo pela manifestação da voz; impulsionada a exclamação pela mente; atingindo o espírito pela comunhão com Deus.

A postura desfaz-se, quando sentada, pondo-se o maçom de pé; quando de pé, para tomar parte na Bateria — bater palmas —, retomando imediatamente a postura; cessa, obviamente, quando o maçom senta.

O esvaziamento da postura deve ser natural; errado quando a mão direita sai do coração para atingir o ombro direito; desfaz-se a postura, relaxando ambos os braços que devem pousar ao lado das coxas; é errado desfazer a postura e sentar, ao mesmo tempo. Somente sentará ou se locomoverá, após o completo desfazimento.

São pequenos detalhes que devem ser rigorosamente observados para que a postura surta efeito esotérico.

Sob o ponto de vista fisiológico, "uma vez arrancado o coração", os músculos do braço não terão mais força para conduzir a mão até o ombro; não é necessário fazer-se "mais um esquadro" para desfazer a postura.

Devemos comparar as posturas com os exercícios da ioga que exigem movimentos seguros, lentos e perfeitos.

Quando um maçom estando de pé "relaxa" na postura, ele não estará "à ordem", mas no "caos". Devemos evitar isso.

Não se pode desconhecer "os efeitos de uma postura" dentro do Templo: obviamente, para cada Grau, havendo posturas diversas, os efeitos variam; são atos de "magia" e de profundo esoterismo.

Já dissemos que o maçom, dentro do Templo, faz parte de um todo universal; o individualismo permanece; a individualidade não é suprimida; porém, o esforço individual do maçom, dentro do Templo, perde-se na "atmosfera" criada, com o surgimento da Egrégora.

Analisando-se os efeitos das "imposições das mãos", como resultado do esforço energético da mente, que podem até curar enfermidades, pois essa energia flui através dos dedos das mãos, na posição tradicional do maçom sentado dentro do Templo, suas mãos pousam sobre os joelhos.

Analisando a estatuária egípcia, encontramos personagens com as mãos postas sobre os joelhos, mantidas as pernas unidas.

Essa postura, que a Maçonaria conserva como inspiração egípcia, faz com que a energia da mente atinja a pessoa visada, estando essa à distância.

A imposição das mãos diz respeito a um ato entre duas pessoas próximas e que possuam, entre si, afinidade.

A imposição da destra sobre uma multidão, como ocorre com os papas, denominada de "bênção", não flui a energia cerebral, pois essa imposição faz parte de um sinal, o denominado "da Cruz"; esse sinal impede a emanção fluídica; trata-se, apenas, de um cumprimento, de uma intenção genérica que nada produz.

Dito isto, constatamos que a postura do maçom sentado "liberta" a sua mente para que possa unir-se às demais mentes.

Se um maçom, dentro do Templo, desejar beneficiar a alguém, um outro maçom, um parente ou amigo, deverá concentrar a sua mente na direção onde supõe possa estar a pessoa a atingir.

As mentes "desocupadas", que constituem a maioria dos presentes a uma sessão maçônica, de imediato, são "absorvidas" pela mente que possui um objetivo: o de beneficiar alguém.

Assim, as energias obterão reforços apreciáveis.

Tempo e espaço são condições que não existem para o maçom; tempo é uma medida inspirada pela inteligência humana; espaço é uma condição para a mente, totalmente fantasiosa, porque a mente pode alcançar, de imediato, qualquer distância sem o mínimo esforço, com a velocidade da Luz Espiritual.

Durante as sessões maçônicas existem dois momentos propícios à meditação; são eles os dos giros feitos pelo Mestre de Cerimônias, quando arrecada com sua bolsa as propostas e informações e o do Hospitaleiro quando arrecada a coleta.

Prudentemente, nessas ocasiões, surge um fundo musical que induz a mente à meditação.

São pelo menos cinco minutos para cada giro, preciosos, pois é tempo suficiente para que o maçom "apresente trabalho".

A força energética do grupo não pode ser desperdiçada; deve ser aproveitada, porque espiritualmente o jovem ocupa todo o seu tempo que dispõe na terra, para o trabalho; mesmo dormindo, sua mente não descansa.

Nesses instantes de meditação, a mente pode ser dirigida a determinada pessoa que necessite de "força" espiritual, seja para benefício da saúde, seja como mensagem amistosa de afeto e amor.

O pensamento do homem comum, a que denominamos de "profano", sem intenção de menosprezá-lo, deveria — em tese — possuir a mesma "força" do pensamento emanado de um maçom.

Mas não é assim. O maçom está em Templo fazendo parte integrante dos símbolos, eis que o homem é o maior dos símbolos existentes na terra.

Será o "símbolo" que emana no determinado Grau, o pensamento energético e que produzirá o efeito desejado.

Poderia alguém questionar: e um membro de uma Igreja, recolhido à meditação dentro de um templo religioso, não se poderiam atribuir-lhe idênticos "poderes" mentais energéticos?

Talvez sim; contudo, aquele religioso não está numa postura adequada para desenvolver a sua energia; não está "fundido" numa Egrégora maçônica; não é um elo fazendo parte de uma Cadeia de União Universal.

As experiências colhidas dentro de um Templo maçônico é que nos dão a certeza da existência dessa força energética capaz de produzir fenômenos mágicos e esotéricos.

A recomendação feita pelos mestres para que o maçom observe a sua postura para que resulte perfeita, significa o preparo para ações úteis e benéficas. O maçom em Templo tudo pode; basta ousar empreender um caminho que, embora lhe pareça místico, é na realidade o meio para alcançar poderes inatos ao homem que consegue eduzir de si a potencialidade divina de que é usuário.

## O Avental

O Avental é um símbolo; acompanhará o maçom até o fim de sua vida, pois, quando chegar o seu dia de transferir-se ao Oriente Eterno, no seu ataúde o levará consigo, cingindo-o, para que cumpra na travessia o papel místico, significando que o seu "trabalho" recém estará começando.

Os egípcios, quando se apresentam a Ísis para o julgamento, envergam um avental semelhante ao do maçom, posto, obedecendo a um modelo específico que envolve a sua crença espiritual.

Diz-se "cingir" o Avental; cingir é colocar ao redor do corpo; é "unir", mas sobretudo, "iniciar".

O Avental, na sua concepção esotérica, significa o "ser iniciado"; após a Iniciação Maçônica, o aprendiz recebe seu primeiro avental; depois, de grau em grau, até o trigésimo terceiro, ele continuará recebendo mais um avental, são ao todo, trinta e três.

O maçom guarda carinhosamente todos os seus aventais, pois os usa com freqüência.

Mesmo que o maçom possua o último Grau do Rito, e nos referimos ao Rito Escocês Antigo e Aceito, por ser o mais em uso entre nós, quando for assistir a uma sessão de determinado Grau, deverá cingir o respectivo Avental; a não ser, em reuniões festivas, quando cada maçom usará o último Avental do Grau que atingiu, bem como "faixas", "comendas" e demais "paramentos".

Somos de opinião, quiçá contrariando a muitos, que o uso do Avental obedece a um rigorismo litúrgico excepcional e que deve ser observado.

É costume em qualquer sessão maçônica do Simbolismo, que abrange os três primeiros Graus, os Mestres do Terceiro Graus, se apresentem com o Avental de Mestre. Isso é tolerado; quanto ao Venerável Mestre, por ser o Presidente, e por possuir um Avental específico, sim, ele pode e deve apresentar-se com o seu Avental.

Contudo, em uma sessão do Grau de Aprendiz, "todos" deveriam cingir o Avental de aprendiz; por que?

Em primeiro lugar, para retornar a usar o seu primeiro Avental; caso contrário, o que fará com ele? Irá guardá-lo como mera lembrança?

Não; os Aventais são para serem usados! Todos nós fomos, antes de mais nada, "um aprendiz"; devemos, de quando em quando, "retornarmos" a essa condição; sentirmos, como aprendizes; as vibrações destinadas a nós.

Nossa "opinião", contudo, encontra sérios opositores. Um desses "opositores" nos censurou asperamente, quando expendemos nosso parecer; no entanto, pouco depois, ele, ufanando-se, afirmava: "**Eu sou um eterno aprendiz**".

Dizia assim, mas agia de modo contrário; o "eterno aprendiz" usa "eternamente" o seu Avental, que sem dúvida é o do Primeiro Grau!

Esotericamente, o uso do Avental de aprendiz faz com que o maçom retorne aos momentos iniciáticos; recorde os seus compromissos; retorne ao princípio de tudo; ao começo de sua "obediência".

Da mesma forma, o Companheiro usará, nas sessões do Segundo Grau, o seu avental.

O Avental do Companheiro possui uma característica curiosa: na prática, usa o mesmo Avental do aprendiz; apenas, baixa a abeta.

Portanto, teríamos, não trinta e três Aventais, mas sim, trinta e dois; aqueles que não prosseguem a ascensão do Rito e permanecem no Simbolismo, teriam, não três Aventais, mas, apenas dois.

Não pensamos assim; o Avental com a abeta erguida não é o mesmo Avental com a abeta abaixada; são duas características desiguais.

O Avental do Companheiro tem a abeta "fixa" e abaixada; ninguém poderá, de Companheiro, retroceder a aprendiz.

Os Aventais, por sua vez, são "protetores" no trabalho; o Aprendiz com a abeta erguida, protege o "plexo solar"; já o companheiro não necessita dessa proteção, porque tem o "plexo solar" já protegido e conhecido; já o dominou e o tem como "liberto".

O Mestre tem o seu Avental diferenciado; sua abeta é fixa, mas possui "rosetas" e "iniciais".

A característica do Avental do Terceiro Grau está no verso de seu Avental, apropriado para as suas sessões na Câmara do Meio.

Por uma questão de falta de organização, os Templos Maçônicos apresentam-se ornamentados, para o Primeiro Grau.

Temos diversos Templos que possuem a "Câmara do Meio", mas não temos nenhum, pelo menos, no Brasil, ornamentado para o Segundo Grau, o que constitui falha lamentável.

O costume, uma maneira de "contornar" as omissões, é "transformar" o Templo de Aprendiz, em Templo de Companheiro e de mestre.

Acende-se a Estrela Flamígera; muda-se o Painel; trocam-se as Luzes; acendem-se mais velas; para a Câmara do Meio, simplesmente, apagam-se as luzes; há os que "correm" cortinados negros pelas paredes; é a improvisação tão prejudicial a ponto de os mestres, somente se reunirem para as sessões de exaltação! Ou seja, de iniciação ao grau três.

Os interesses maçônicos fixam-se na Terra; não temos notícia de que maçons da antiguidade tenham construído navios ou espaçonaves, ou tenham tentado, como Ícaro, imitar o vôo dos pássaros.

Posto, nas Catedrais, a parte central, o que denominamos de "Câmara do Meio", se chame "nave"; posto tenhamos a história de Noé, construindo a sua Arca; posto o rei de Tiro tenha usado barcos para transportar materiais para a edificação do Grande Templo de Salomão; posto Leonardo da Vinci tenha projetado o avião; o Rito Escocês Antigo e Aceito, silencia a respeito dos "mares" e dos "ares". Nada temos, como símbolos, jóias, utensílios, instrumentos, que identifiquem uma atividade naval, embora, para a construção dos navios, sejam usados os mesmos instrumentos, para a construção de alvenaria.

Assim, o Avental é usado com significados vários, a saber:

Quem o usa deverá apresentá-lo sempre imaculado, demonstrando um comportamento digno e sem manchas.

Trata-se de certo paradoxo, pois todo o trabalhador usa o Avental para preservar a sua roupa ou para proteger-se, tanto que, conforme a atividade, o avental é feito de materiais diversos; para exemplificar, temos o avental de "chumbo" que os radiologistas cingem para se protegerem dos raios maléficos que os aparelhos radioativos emitem; os aventais de couro espesso, usados pelos ferreiros, para evitarem queimaduras ao forjarem o ferro; os de plástico ou borracha para os operários que lidam com elementos molhados, como nos frigoríficos, nas lavanderias, nos curtumes etc.; também para se preservarem; podemos afirmar que toda profissão usa um meio de proteção, aliás, regulamentado e fiscalizado pelo Ministério do Trabalho.

Assim, como usar um objeto protetor sem maculá-lo?

Porém, o paradoxo é aparente; porque o uso do Avental maçônico é símbolo e todo símbolo, sempre, possui o dom de apresentar múltiplos aspectos e variadíssimas interpretações.

O Aprendiz e o Companheiro usam o Avental para cobrirem a sua nudez "simbólica"; para proteção de seu "corpo" e para ser-lhes "escudo".

O Avental é formado de dois triângulos que unidos produzem o quadrado; foi tomada como base para a construção do Avental a figura geométrica, buscando-se a mais perfeita delas; tomou-se primeiramente, um ponto de partida, para ser traçada uma "linha".

O "ponto" na sua essência é uma figura geométrica perfeita; não o é, contudo a "linha"; com uma segunda linha, forma-se o "ângulo", que é figura geométrica, semelhante à perfeição.

Somente com a terceira linha é que surge o "triângulo", a figura geométrica, perfeita.

A unidade da superfície, provinda do triângulo, passou a ser a base de toda medida.

Como a soma dos dois triângulos unidos forma o quadrado, essa superfície passou a ser a "segunda medida".

O triângulo representa o espírito com todas as suas forças, suscetíveis de sofrerem o processo de "educação", no verdadeiro sentido do vocábulo: "educere"; que significa "eduzir", tirar de "dentro", ou revelar.

O quadrado representa a matéria e todas as forças materiais suscetíveis de serem moldadas, transformando o corpo humano como se fosse uma "massa" argilosa.

Como aludimos acima, a "abeta", que é o "terceiro" triângulo, ou seja, a "terceira superfície", no aprendiz é erguida; no companheiro, é mantida sobre o quadrado, estática.

A abeta erguida, no aprendiz simboliza a sua inocência; sua sexualidade está em formação; não despertou.

O cordão que "cinge" o avental, ao redor do tronco, simboliza a circuncisão.

O companheiro que atingiu a puberdade, ao passar para a Coluna da Beleza, já atingiu a puberdade e "cai" nos braços de Vênus; ele já está apto a procriar, ou seja, a produzir.

Aqui deve-se ponderar sobre a impropriedade de a mulher fazer parte da Maçonaria.

Posto a mulher lute para obter igualdade de direitos, tomando o homem como paradigma, a sua natureza a define como criatura "diferente" do homem.

Poderá ter direitos iguais, no sentido social, jurídico e político, porém, no sentido filosófico, o seu "ser", o seu todo, é diferente.

Não será uma campanha, uma luta de ideais, um espírito de classe, uma disposição constitucional, uma lei, um decreto que irão alterar aquilo que o Criador estabeleceu.

O companheiro usará o Avental com a abeta abaixada, e não mais a poderá erguer; assim, o terceiro triângulo soldar-se-á aos outros dois, formando um todo inalterável; esse terceiro triângulo abrange os outros dois, que simbolicamente, os une.

O companheiro demonstrará com isto que conseguiu que o Espírito penetrasse na Matéria, ou seja, que conseguiu dominar as suas paixões, seus erros e seus vícios.

O companheiro corrigiu os seus defeitos; não apresenta qualquer aresta para ser desbastada; busca o "burilamento".

Compreendeu os ensinamentos que a Obra do Criador lhe transmitiu, ou melhor, alcançou o conhecimento das bases da geração, da criação e da morte.

O Triângulo Luminoso de sua inteligência, o depositou sobre o Quadrado material da vida.

O quadrado de seu Avental simboliza os quatro elementos da Natureza; terra, água, ar e fogo; são os elementos materiais da Natureza, que o companheiro sabe utilizar com temperança.

Os quatro lados do quadrado representam os pontos cardeais, indicadores do rumo que deverá tomar, na sua peregrinação longa, no campo do conhecimento, embora com trabalho e sacrifício.

Dizia Jeová a Adão, que ganharia o pão com o suor de seu rosto; sem trabalho e sacrifício, não há salário.

O Esquadro, que é o instrumento usado pelo Companheiro, e contido no seu Avental, representa a equidade, a razão e a humildade, suas divisas quando em contato com os seus irmãos e com seus semelhantes.

O Esquadro é símbolo da honra, do labor e da perseverança, representando o trabalho.

O Avental deveria ser confeccionado em pele de cordeiro, simbolizando o imaculado e na Maçonaria Cristã, o Cordeiro, o filho de Deus.

Hoje, isso não é mais observado; os Aventais são confeccionados, ou de pano ou com materiais sintéticos, embora imitando muito bem a pele animal; tratando-se de imitação, torna-se problemático o seu poder esotérico.

O Avental do Companheiro tem inserido na parte central, logo abaixo da "ponta" do triângulo da abeta, a inicial "J", inicial da palavra sagrada do Grau e que constitui o símbolo de sua "firmeza de caráter", da "energia de seus atos" e da "estabilidade de seus princípios".

O cordão que fixa o Avental e o cinge ao corpo, além de representar a "circuncisão", constitui a figura geométrica do Círculo.

Com o círculo e conseqüente circunferência, podem-se construir as demais figuras geométricas.

Círculo é a superfície formada por uma só linha cujo percurso, não tem fim, interpretando, assim, a missão do Companheiro que deve percorrer não só o mundo, como o interesse dos homens, para instruir, dirigir e retirar o fanatismo; sua missão não é limitada à Loja ou aos maçons.

O círculo formado pelo cordão do Avental simboliza que o companheiro tem limites nos seus direitos, limites que lhe é vedado ultrapassar; simboliza a origem, o meio e o fim de todas as coisas existentes na Natureza, sendo que, apenas, conhece o meio, eis que ignora a origem e o fim.

São as três etapas da vida que contêm os dois mistérios na pergunta: de onde viemos, para onde iremos?

Logo, a interpretação do Avental no Grau dois deve abranger o tríplice aspecto: físico, simbólico e espiritual.

No que diz respeito à cor do Avental, continua branco, indicando não só a pureza, como a polarização das cores do Arco-íris.

É a simbologia do branco e preto, que, não sendo cores, representam a Lua e as trevas, dentro do dualismo preconizado em todos os Graus do Rito.

Dentro dos Graus Simbólicos, numa sessão de aprendizes, sempre estarão presentes companheiros e mestres, cada qual, consoante praxe com os seus respectivos aventais; esses não comportam variações; no entanto, face à autonomia das Grandes Lojas, cada uma delas pode apresentar um determinado estilo, não fugindo, porém, do básico branco-azul.

Por ocasião da formação da Cadeia de União, o grupo dos aprendizes dará as costas à Coluna do Norte; os companheiros, darão à Coluna do Sul e os mestres estarão dispostos de acordo com a posição ocupada em Loja.

Os aprendizes devem ter o cuidado de zelar para que a abeta de seus aventais permaneça, durante os trabalhos, erguida.

Contudo, uma questão polêmica permanece, quanto a essa abeta: há Lojas que já confeccionam os aventais como fosse uma "pedra cúbica", ou seja, a abeta não é "dobrável", o que constitui erro. O Avental deve ser confeccionado com a abeta dobrada, pois é o próprio aprendiz que a deverá erguer e, sobretudo, "manter erguida", porque a tendência natural dessa abeta será dobrar-se para pousar sobre o corpo do Avental.

E a "tendência", também natural, que o aprendiz tem, de "desnudar" o "plexo solar", com a finalidade de "absorver" com maior intensidade as vibrações do ambiente. Já o companheiro não terá essa preocupação, porque se entregará à sua tendência de "abrir" o plexo solar.

O uso de um avental em Loja é obrigatório e constitui a característica mais acentuada do próprio "pedreiro" livre.

## A Marcha

A Marcha do maçom é feita, sempre e exclusivamente, dentro do Templo.

Essa Marcha tem como ponto de partida o seu primeiro passo e do Átrio, pois esse recinto deve ser conjugado com o Templo, separado por uma porta ou uma espessa cortina.

Entre a Sala dos Passos Perdidos e o Átrio, deve haver uma porta fechada com segurança; quando entre o Átrio e o Templo, há a separação por uma cortina, então, para ingressar no Templo, bater-se-á na porta do Átrio.

Um aspecto polêmico, todavia, tem preocupado a todos os estilistas, e os arquitetos do Templo. Como ingressar no Átrio?

Da Sala dos Passos Perdidos, forma-se uma fila; à frente, vão os aprendizes, seguem-nos os companheiros e após, os mestres; os Oficiais, Vigilantes e Venerável Mestre, são os últimos a adentrarem.

Há, apenas, uma entrada para o Templo, que é a do início dos trabalhos.

Ingressados no Templo, inexistente a possibilidade de adentrarem "retardatários"; nas Lojas Maçônicas, não há retardatário.

E os visitantes?

- Esses são "telhados" ou na Sala dos Passos Perdidos ou no Átrio e adentram junto com os obreiros do quadro.

As autoridades, como Grão-mestre, ou membros da Administração, não são consideradas visitantes e ingressam em companhia do Venerável Mestre.

Não há rito ou protocolo especial, nem "abóbada de aço", ou cerimônia especial; tudo o que for feito, será "inovação", o que não é recomendável.

Há Lojas que admitem a visitação, somente após a leitura e discussão do Balaústre e solução dos assuntos internos do quadro.

Isso, também, não existe.

Há Lojas que solicitam aos visitantes que cubram o Templo por determinado tempo, enquanto decidem assuntos privativos do quadro; também, isso não existe. E praticado, mas não é recomendável.

O visitante, uma vez admitido, tem o direito regulamentado e garantido pelos Landmarks de assistir à sessão integral de uma Loja.

Sucedem que, nos primórdios, logo que a Maçonaria foi organizada administrativamente, havia só um Ritual Iniciático; os assuntos administrativos não eram discutidos e resolvidos dentro do Templo, porque o Templo é um local "sagrado" e qualquer assunto não iniciático, o profana.

Portanto, a Marcha que os maçons fazem, em todos os Graus, divide-se em três momentos: quando da entrada do Átrio em "procissão", caminhando normalmente; quando já dentro do Templo, após todos terem ocupado os seus respectivos lugares, iniciam as Marchas dos Oficiais e por último, exclusivamente por ocasião das Iniciações, quando os candidatos e neófitos adentram ao Templo, para cada Grau, há uma Marcha particular.

Assim, as aprendizes, marcharão em "linha reta"; os companheiros, fazendo "um ângulo" e os mestres, o trajeto de um "compasso".

Essa última Marcha faz parte do "sigilo maçônico", portanto, dissertação mais minuciosa será obtida dentro dos próprios Templos.

Portanto, deve ficar claro e definitivo: no momento em que os maçons adentram no Templo, não haverá Marcha específica a cada Grau; essa somente ocorrerá por ocasião das Iniciações e somente os iniciandos é que entrarão marchando.

A Marcha que se denomina de "ordinária", antes de iniciados os trabalhos, é feita silenciosamente.

O Átrio, pelo menos entre nós, os brasileiros, é apresentado como uma antecâmara de dimensões pequenas, mal contendo os obreiros do quadro; não há termo de comparação com o Átrio do Grande Templo de Salomão, porque esse era de grandes dimensões, haja vista que, nas paredes laterais, estavam as doze Colunas e à entrada do Templo, as Colunas "B" e "J", que hoje, num toque de mágica, colocaram dentro dos Templos; temos, portanto, um Templo com as características de um Átrio e um Átrio totalmente despido.

Tivemos a oportunidade de visitar múltiplos Templos disseminados por todo vasto território nacional; alguns, muito antigos, centenários, outros atualíssimos, construídos ricamente; a preocupação genérica e exclusiva é "adornar" a parte interna do Templo.

O Átrio é peça considerada "supérflua" e nenhum cuidado lhe é dispensado; e pensar que é no Átrio que se faz a preparação mística para a entrada no Templo!

Trata-se de uma falha que necessita ser corrigida; construa-se um Templo, mas todas as Colunas, as 14 Colunas, se a coloquem no Átrio e não no Templo!

Geralmente, no Átrio são colocados painéis que apresentam as propostas dos candidatos, com as respectivas fotografias!

São elementos "estranhos"; vêm-se, também, quadros, pinturas, dizeres, armários, mesas, cadeiras, enfim, ambientes onde será impossível a meditação, o preparo espiritual, para que fiquem fora do Templo todos os aspectos do homem profano!

Quando nos referem, e com desânimo, que os trabalhos maçons estão em declínio, não nos surpreendemos, porque são esses desprezos às coisas santas que enfraquecem o ideal maçônico.

Outro aspecto polêmico reside na construção e ornamentação dos Átrios.

Para cada Grau, deve existir um Átrio específico?

E evidente que sim!

Como poderá o companheiro preparar-se, dentro de um Átrio dos Aprendizizes?

Essas "confusões" não são pueris; são de grande efeito e perturbam os trabalhos; no Paineis do Segundo Grau, está o modelo para a construção do Átrio que lhe corresponde.

A decoração da Loja e do Átrio é fator relevante; por exemplo, no Templo dos aprendizes há uma janela; no Templo dos Companheiros, três são as janelas; por elas entram a Luz do Oriente, a Luz do Ocidente e a Luz do Meio-Dia.

Como desenvolver os trabalhos do Segundo Grau, sem essas Luzes?

A Luz do Oriente é o Universo, que sustém todas as Leis dos Universos; a Luz do Ocidente é a que ampara as Leis da Matéria, propriamente a do nosso globo terrestre; a Luz do Meio-Dia pertence ao Mundo Interior do Ser Criado e do homem nos seus tríplices aspectos da Inteligência, da Vontade e do Espírito.

Representam os Três Universos: o Divino, o Físico e o Mental.

Ingressado o Companheiro na Loja, vindo de um trabalho externo, ou ingressando para a sua Iniciação ao Grau Dois, que se denomina da Elevação, inicia seus passos como se fora um aprendiz, obedecendo sua postura.

Aqui, cabe um reparo à postura; inúmeras são as posturas do Rito Escocês Antigo e Aceito; para cada Grau, temos duas: "De é e à ordem" e "marcha", ou seja, a movimentação dentro da Loja.

A postura de pé é estática; pode-se falar, mas sem gesticular; onde a mão auxiliar a palavra, desfará a postura e a sua "mágica". A solução será que o Venerável Mestre "libere" o obreiro da postura, se ele desejar falar; ou ficar convencido que, para falar, não há necessidade de permanecer na postura.

Para "caminhar", não se concebe que o maçom o faça permanecendo em postura, porque, fatalmente, movimentando as pernas e os pés, a postura deixará de existir.

Há um momento em que a "marcha" contém parte da postura, porque isso é convencional; é quando, o Orador segue, para junto com o Mestre de Cerimônias e Diáconos se apresta para abrir o Livro Sagrado.

Isso é permitido porque se trata de um ato místico e litúrgico.

Essa marcha-postura constitui parte do cerimonial.

Aos aprendizes e aos companheiros, é vedado subirem ao Oriente, isto é, subirem os três degraus, onde só podem estar os mestres.

Inadmissível que um companheiro exerça as funções de Hospitaleiro, Mestre de Cerimônias, ou Diácono.

Mesmo havendo falta de obreiros, não poderão, aprendizes e companheiros, "subir a um plano mais alto". Suprima-se esses circuitos que, assim, o malefício será menor.

Portanto, o companheiro terá apenas três marchas a fazer: — quando de sua entrada no Templo, em procissão; quando de sua ida para a formação da Cadeia de União; quando de seu retorno da Cadeia de União.

E a saída do Templo, após o encerramento dos trabalhos? O companheiro não se há de deslocar de seu lugar para retirar-se do Templo?

Se para adentrar no Templo o Venerável Mestre é o último na fila da procissão, no término dos trabalhos, será o primeiro a sair; portanto, os companheiros serão os penúltimos; mas como os trabalhos já foram concluídos, a Loja fechada, porque o Livro Sagrado precedeu a esse fechamento; a Egrégora "evaporada", já não há razão para que a "caminhada" para fora obedeça a qualquer ritual; será, não uma marcha, mas o percurso do "caminho do retorno".

Passam os obreiros todos pelo Átrio; mantêm-se em silêncio; despem no Átrio os seus paramentos, jóias e aventais; e saem em direção à Sala dos Passos Perdidos, onde retomam a característica profana externa, porque no seu Templo Interno, permanecem vigilantes.

## A Pedra Burilada

A Pedra constitui na Maçonaria um símbolo dos mais importantes, porque representa o próprio homem.

Desde o Livro do Gênesis ao Livro do Apocalipse, as Sagradas Escrituras dão à Pedra uma representação relevante.

"A bênção profética de Jacó" (Gênesis capítulo 49), momentos antes de morrer, incluiu o surgimento do Cristo a quem denominou de "Pedra de Israel".

Além de simbolizar o homem no seu todo, a Pedra foi referida como "coração"; vejamos em I~ Samuel, capítulo 25 versículo 37: **"Pela manhã, estando Nabal já livre do vinho, sua mulher lhe deu a entender aquelas cousas, e se amorteceu nele o coração, e ficou ele com Pedra"**.

Em Ezequiel, 11:19, lemos: **"Dar-lhe-ei um só coração, espírito novo porei dentro neles; tirarei de sua carne o coração de pedra; e lhes darei, coração de carne"**.

Em Habacuc 2:11, constatamos: **"Porque a Pedra clamará da parede, e a trave lhe responderá do madeiramento"**.

Escreve profeticamente, Zacarias (12:3): **"Naquele dia, farei de Jerusalém uma Pedra pesada para todos os povos; todos os que se erguerem se ferirão gravemente, e, contra ela, se ajuntarão todas as nações da Terra"**.

No Novo Testamento, temos a expressão máxima sobre a Pedra: Mateus consignou no capítulo 16, versículo 18 de seu Evangelho: **"Também eu te digo que tu és Pedro irmão Berjonas] e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja"**.

Em I~ Coríntios 10:3-4, lemos: **"Todos eles comeram de um só manjar espiritual, e beberam da mesma fonte espiritual; porque bebiam de uma Pedra espiritual que os seguia. E a Pedra era Cristo No Apocalipse (18:21) João registrou; Então um Anjo forte levantou uma Pedra, como grande Pedra de moinho e arrojou-a para dentro do mar dizendo: Assim com ímpeto será arrojada Babilônia, a grande cidade e nunca jamais será achada"**.

Por fim, temos a expressão de Jesus que permanece com um sentido popular, registrada por Marcos (19-40): **"Ora, alguns dos fariseus lhe disseram em meio à multidão: Mestre, repreende teus discípulos. Mas Ele lhes respondeu: asseguro-vos que, se eles se calarem, as próprias pedras clamarão."**

A relevância da Pedra fez com que o autor do Rito Escocês Antigo e Aceito, tomasse a Pedra como símbolo do Maçom, desde o Grau de Aprendiz, como Pedra Bruta, ao Grau de Companheiro, como Pedra Burilada e o Grau de Mestre, como Pedra Polida.

Portanto, Pedra é sinônimo de maçom.

A Pedra Bruta constitui uma Pedra sem forma definida, "um pedaço maior ou menor, de Pedra", retirada diretamente de uma pedreira; ou com formas, posto irregulares, mas arredondadas, sem arestas cortantes, retirada do seio da terra, ou de algum rio; o seu tamanho não vem convencionado, porque é símbolo.

A sua espécie, também, não tem maior significado, podendo ser granito, arenito, basalto, mármore, calcária ou não; ela conserva, porém, uma característica: a do peso.

A pedra bruta, ou **in natura**, é o aprendiz, depois de concluída a sua Iniciação; antes disso, o maçom não é Pedra, mas "terra solta", que toma forma segundo as conveniências da vida.

O evento principal e inicial, na Pedra, será o seu "desbastamento", ou seja, a retirada do que é "supérfluo", a saber: vaidade, prepotência, presunção, intolerância, egoísmo, enfim tudo o que não for catalogado como "virtude".

O trabalho que a Maçonaria exerce "sobre" o aprendiz, será a retirada das arestas, com o pleno consentimento e colaboração do próprio "desbastado". Não há, propriamente, um "autodesbastamento", porque o trabalho é dos mais árduos e deve ser orientado.

O companheiro continua sendo a mesma Pedra, mas já desbastada, ou seja, fruto da ação do "maço", já com as suas arestas removidas e a superfície definida.

O homem profano, que se supõe um “acumulador de vícios”, não apresenta uma personalidade definida.

O afastamento das arestas lhe dá “forma”, isso é, personalidade.

O companheiro surge “desviciado” e virtuoso; contudo, a sua superfície não é lisa; a aspereza exige o “burilamento”, e é nesse mister que o companheiro se entrega, sempre auxiliado pela Loja.

No Grau Dois, temos duas Pedras: a primeira, a que fica ao pé do Trono do Segundo Vigilante, já burilada.

Não deve haver confusão quanto ao fato de “permanecer” ao pé do Trono do Primeiro Vigilante, a Pedra Bruta; essa permanece bruta, porque é símbolo, e por ela deverão passar todos os aprendizes; o companheiro, não fará mais aquele trajeto, porque — misticamente — “transportou a Pedra sobre que trabalhou, para a Coluna do Sul, eis que será ele próprio”.

Observamos, em uma nossa ida a Jerusalém, no Muro das Lamentações, um aspecto curioso: esse Muro é motivo de certa polêmica, pois afirmam os mais ilustrados que ele é original; outros, que foi reconstruído.

O Templo de Salomão ocupava uma área de 410 m<sup>2</sup> e o conjunto arquitetônico era cercado por grossas e altas muralhas; elas tinham de 10 a 15 metros de altura; as do Templo eram mais altas, isolando-o; daquelas muralhas, as que circundavam a Cidadela, os espaços eram ocupados com construções para a administração. A parte ocidental daquelas muralhas subsiste até hoje, que é o Muro das Lamentações.

Observando-se com atenção esse Muro, notam-se três espécies de pedra, ou melhor, de blocos de pedra; perguntamos a um rabino que estivera no Brasil e falava bem o português, o esclarecimento sobre a nossa observação; disse-nos que aquele muro era um símbolo, dos mais preciosos para o povo hebreu e só suplantado pelo túmulo do Rei Davi; o Muro apresentava três camadas superpostas, porque fora restaurado usando-se pedras dos Templos de Salomão, Zorobabel e Herodes.

A diferença das três camadas consistia no “preparo” daquelas pedras; as mais em baixo, mais toscas que a camada que lhe sucedia e a última, as pedras apresentavam-se um pouco mais buriladas.

Sabemos, pela descrição na própria História Sagrada, que as pedras para edificar o Grande Templo de Salomão foram preparadas em lugar distante, para evitar que o ruído das ferramentas, “profanasse” o recinto sagrado; portanto, essas pedras não teriam sido muito bem preparadas; nos demais Templos, não há notícia desse detalhe. O último Templo, posto menor que o primeiro, apresentava-se muito mais rico; Herodes esmerara-se na construção, e assim, cremos que as pedras tivessem sido melhor buriladas.

Em Jerusalém, existe uma miniatura, com cerca de 10.000 m<sup>2</sup> de toda cidadela; trata-se de uma maquete minuciosamente construída, onde se pode observar todos os mínimos detalhes do complexo.

As “pedras” predominam e constata-se o destino de cada uma; assim, os homens simbolizados pelas pedras, têm uma destinação certa na construção da Vida.

Ao companheiro cabe a distribuição da função das Pedras, como símbolos de maçom.

Não se há de desprezar nenhuma, pois a “pedra defeituosa” servirá para o alicerce e poderá transformar-se em “pedra angular”, como referiu o Divino Mestre.

A história nos esclarece que o Rei Davi foi impedido de erigir o Templo, como “castigo” pela vida dissoluta que levava; posto arrependido, apenas lhe foi permitido selecionar o lugar apropriado para a construção, sendo a obra entregue ao seu filho Salomão.

Todos nós corremos esse risco de não sermos considerados dignos de construir o Templo; o Templo, obviamente que deve ser construído dentro de nós o Templo Espiritual.

Contudo, devemos ter em nós esse Templo; se nós não o construirmos, alguém deverá fazê-lo por nós.

O templo hebreu, em Israel, foi edificado quatro vezes. Por Salomão, por Zorobabel e por Herodes Agripa 1º e, ultimamente, pelo povo da Jerusalém restaurada.

Foram templos de pedra.

Em todo o mundo, milhões de templos já foram construídos; todas as religiões e seitas preocupam-se com essas construções, com o fito de louvar ao Senhor.

Porém, esses templos estão sujeitos à destruição, como o foram os primeiros templos dedicados a Jeová.

Devemos, contudo, considerar a existência dos templos pagãos, belos e grandiosos. Nenhuma importância têm, porém, esses templos.

O que subsiste eternamente, será o Templo que cada Maçom puder erigir dentro de si mesmo e consagrá-lo ao Grande Arquiteto do Universo; não apenas simbolicamente, mas com a realidade de se poder nele ingressar e reunir todos os maçons existentes em todos os Orientes, sejam terrenos, sejam celestiais.

Não basta que o companheiro “prepare” a pedra e a burile; precisa saber colocá-la no seu devido lugar, lugar destinado por Deus.

A Maçonaria, como um todo, representa a Cidadela de Jerusalém; para o seu ingresso existem vinte e seis portas; poucas, as primitivas; muitas as abertas com o decorrer dos milênios.

Qual a porta por onde deveremos passar, para ingressar na Cidadela “de dentro”?

Não basta construirmos dentro de nós um Templo isolado; devemos construir toda uma Cidadela, inclusive com os seus túmulos; porque um deles, nos abrigará.

As Portas às quais o Livro Sagrado refere são as seguintes:

<b>1) Das Ovelhas</b>	<b>— Neemias 3:1-32</b>
<b>2) Do Peixe</b>	<b>— II Crônicas 33:14</b>
<b>3) Velha</b>	<b>— Neemias 3:6</b>
<b>4) De Benjamin</b>	<b>— Jeremias 37:13</b>
<b>5) De Efraim</b>	<b>— II Reis 14:13</b>
<b>6) Da Esquina</b>	<b>— II Reis 14:13</b>
<b>7) Do Vale</b>	<b>— II Crônicas 26:9</b>
<b>8) Do Monturo</b>	<b>— Neemias 2:13</b>
<b>9) Da Fonte</b>	<b>— Neemias 2:14</b>
<b>10) Dos Muros</b>	<b>— II Reis 25:4</b>
<b>11) Dos Cavalos</b>	<b>— II Crônicas 23:1</b>
<b>12) Oriental</b>	<b>— Neemias 3:29</b>
<b>13) Da Guarda</b>	<b>— Neemias 3:31</b>
<b>14) Do Oleiro</b>	<b>— Jeremias 19:2</b>
<b>15) Antiga</b>	<b>— Neemias 3:6</b>
<b>16) Do Meio</b>	<b>— Jeremias 39:3</b>
<b>17) Primeiro</b>	<b>— Zacarias 14:10</b>
<b>18) Superior</b>	<b>— Jeremias 20:2</b>
<b>19) De Benjamim, 2ª</b>	<b>— Jeremias 20:2</b>
<b>20) De trás da Guarda</b>	<b>— II Reis 11:6</b>
<b>21) De Salequete</b>	<b>— I Crônicas 26:16</b>
<b>22) Sur</b>	<b>— II Reis 11:6</b>
<b>23) Do Fundamento</b>	<b>— II Crônicas 23:5</b>
<b>24) Do Governador Josué</b>	<b>— II Reis 23:8</b>
<b>25) Nova do Templo</b>	<b>— Jeremias 26:10</b>
<b>26) Superior do Templo</b>	<b>— II Crônicas 27:3</b>

Atualmente, porém, subsistem, apenas, nove Portas:

<b>1) Jafa</b>	<b>6) Dos Cavalos</b>
<b>2) Damasco</b>	<b>7) Sião</b>
<b>3) Herodes</b>	<b>8) Do Vale</b>
<b>4) Santo Estêvão</b>	<b>9) Do Monturo</b>
<b>5) Dourada</b>	

Temos, portanto, vinte e seis “opções” históricas e nove atuais, e dentre essas, o companheiro deverá “preparar” as Pedras adequadas para introduzi-las na Cidadela.

A História Sagrada não pode ser posta de lado; ela é complemento preciso para a exata compreensão do “destino” do maçom.

Buscar na Fonte da Sabedoria que todavia subsiste é ato de sublime inteligência.

O aspecto físico da Pedra Burilada difere do da Pedra Polida, pois, enquanto esta “reflete” a luz, aquela é opaca.

A segunda Pedra é colocada no Oriente e se denomina da Pedra Cúbica Pontaguda, ou Pedra Piramidal.

E formada por um cubo e sobre esse, uma pirâmide. O quadrado será a base burilada e a pirâmide, “o trabalho” artesanal, o resultado do aprendizado.

Essa Pedra, mais tarde, já no Grau de Mestres se apresenta gravada, com signos e figurações.

A face que se observa do Ocidente, divide-se em 100 casas, ou seja o 10 elevado ao quadrado.

Vinte e seis destas casas contêm os hieróglifos maçônicos; outras vinte e seis, contêm as letras denominadas de “itálicas”; a seguir, quatro casas ostentam os hieróglifos compostos; seguem-se outras quatro casas com letras itálicas explicativas das quatro primeiras.

A pontuação geográfica ocupa 12 casas; outras doze, com os caracteres vulgares equivalentes.

As últimas trinta e duas casas são ocupadas por cifras, desde o número um ao vinte.

Dentro do triângulo que forma a parte frontal da face, aparece a “chave” dos hieróglifos maçônicos; aos seus lados, surgem: ao esquerdo, um Prumo; ao direito um Nível. Isto para demonstrar que a instrução iguala os homens, porém que o talento dos humildes os eleva ao nível dos grandes homens.

A face que está voltada para o Sul, é a “obra-mestra”, porque compõe-se de 81 casas, ou seja, o 9 elevado ao quadrado; nestas 81 casas encontram-se todas as Palavras Sagradas, desde o Grau de Aprendiz, até o 33º do Rito Escocês Antigo e Aceito, evidentemente, na dependência de decifração.

As 16 casas triangulares da parte frontal correspondente, formam um grande triângulo ou Deita, emblema da Divindade, representada em Loja pelo Deita Luminoso colocado no Oriente, sob o dossel que cobre o Trono do Venerável Mestre.

Dentro destas 16 casas, estão colocadas as letras que formam a palavra “**Tetragramaton**”, ou seja, o nome do Grande Jeová que se encontra esculpido dentro do Delta Sagrado.

Não se confunda o Delta Luminoso com o Deita Sagrado.

A face que está voltada para o Norte apresenta 4 círculos concêntricos, e representa as quatro regiões que, segundo os antigos, existiam em torno da Terra, denominadas os Quatro Pontos Cardeais, bem como as quatro Estações do ano.

Os antigos Iniciados nos Mistérios Maçônicos, nos legaram a ciência e a combinação dos números através dos cálculos, orientando-nos para o estudo da Geometria e da Aritmética.

A Geometria começa com o conhecimento dos números, cuja forma é geométrica, por estar contida dentro de uma “chave”.

Foi um legado dos sábios egípcios.

O Triângulo que encima esta face encerra esta “chave numérica egípcia”.

O Quadrado perfeito divide-se em quatro partes iguais por meio de suas Linhas, uma perpendicular e outra horizontal.

Outras duas Unhas, porém em sentido diagonal, subdividem de Ângulo a Ângulo o Quadrado, resultando oito Triângulos.

Daí, resultam os dez Signos Geométricos de um a zero; estas cifras são denominadas de “Cifras Angulares”.

Burilados os caracteres daí resultantes, dando-lhes “elegância”, surgiram os atuais números, denominados impropriamente de “árabes”.

As investigações dos sábios antigos orientaram-se, após, para a imensidão da Abóbada Celeste que continha o que, realmente, era considerado “misterioso”.

Assim, surgiu a ciência da Astronomia.

Esta ciência propiciou o descobrimento das leis e fenômenos da Natureza, mediante a minuciosa observação do Astro Rei, da Lua e das estreias, conjugados com as quatro Estações do ano.

A face que está voltada para o Ocidente apresenta um Grande Círculo dividido em 360°, percorrido pelo Sol, em vinte e quatro horas, originando o dia e a noite.

Dentro do Círculo surgem três Triângulos superpostos que formam 26 casas triangulares, dentro das quais se encontram o nome das Ciências Místicas.

Ao centro da figura, há outro Triângulo menor que contém o Iod hebraico.

Para compreender os ensinamentos sugeridos por esta face, deve-se principiar pelo pequeno Triângulo, que tem o nome de "Gênio", pois representa todas as forças Geradoras, Germinadoras e ao Germe, contido dentro da Natureza.

Desde este Triângulo, que também representa a Inteligência Humana, admiram-se todas as maravilhas criadas pelo Ser Supremo.

O homem é colocado no Centro do Infinito, como contemplador da construção maravilhosa; admira os fenômenos meteorológicos, cósmicos e astronômicos.

Descobre, após "despolarizar", a Luz, as cores primárias: vermelho, amarelo e azul.

Inspirado por tantas descobertas, passa a investigar o descobre a Imortalidade.

O homem quis medir os seus conhecimentos e, partindo do Ponto, traçou uma Linha; a seguir, o Ângulo, e após, o Triângulo, encontrando a primeira Superfície; com o Triângulo, formou o Quadrado e encontrou a segunda Superfície; logo, lembrou-se de procurar o Volume e com o Triângulo formou a Pirâmide; com esta formou o Cubo, que é a segunda medida do Volume; e desta forma, com o concurso destes dois Corpos Geométricos, construiu a Pedra Cúbica Pontiacuda, emblema da Perfeição e da Geometria. Insatisfeito, o homem entendeu de medir o Tempo; conseguiu-o tomando como ponto de partida o Sol, e assim, sucessivamente, surgiram novos horizontes, novas ciências e novas aplicações.

Finalmente, conseguiu praticar todas as ciências contidas nos vinte e sete triângulos do Universo.

O Triângulo que corresponde a esta face contém os sete Corpos Celestes, conhecidos na antigüidade, venerados a ponto de dar surgimento à Mitologia.

O Sol, representa Apoio, deus da Luz, das Ciências e das Artes; ilumina a Inteligência.

A Lua representa a deusa Diana, Irmã de Apolo, a Luz noturna, ou seja, a Luz da Segunda Ordem, tenebrosa penumbra do Talento despreparado.

Marte é o emblema de deus da guerra que preside as batalhas.

Mercúrio é o intérprete da Luz Divina, condutor da Verdade e da Eloquência.

Júpiter, o senhor dos deuses, símbolo da Inteligência e do poder divino.

Vênus, a deusa da Beleza, mãe do Amor, que conduz à Fecundidade.

Saturno, o deus do Tempo que nasce diariamente e se destrói, devorando os seus próprios filhos, os Dias.

Diziam os antigos que a Natureza se renova constantemente, pois que também é filha do Tempo.

A base da Pedra Cúbica contém os Círculos Concêntricos, onde nos espaços intermediários aparecem nove estreias pequenas e no centro de toda figura, surge a Estrela de Cinco Pontas, com a letra "G" inserida em sua parte central.

A Estrela de Cinco Pontas representa o homem, dono do Universo e proclamado Rei da Criação; as nove Estrelas representam os fatores que utiliza para dominar o Mundo e que são: a Matéria, a Água, o Ar, o Fogo, o Germe, a Física, a Química, a Força e a Inteligência.

Moralmente, a Pedra Cúbica apresenta outras aplicações; a Pirâmide representa a Verdade, porque está formada pela Primeira Superfície e constitui a Primeira Unidade de Volume.

O Cubo simboliza a Moral, porque representa a Loja, a Unidade Maçônica.

As faces da Pedra Cúbica são nove, número que representa a Perfeição, porque as

suas combinações não se reproduzem através de nenhuma cifra; é o ambiente da Geração, da Reprodução e da Imortalidade.

A decifração da Pedra Cúbica demanda muita Paciência e muito estudo.

Raras são as Lojas que a possuem e mais raros, ainda, os maçons que a podem decifrar.

E considerada como um elemento cabalístico, dentro da Loja; contudo, isso não é certo.

O companheiro deve conhecer o significado simbólico revelado pela Pedra Cúbica. Este conhecimento é o que dá ao companheiro o “polimento” necessário para o mestrado.

## A Pedra Cúbica

***“Sem saber porque, achou aquelas pedras, com que mãos escravas haviam calçado a rua, de uma beleza comovente.”***  
(Terras do Sem Fim, Jorge Amado)

A pedra burilada da construção do Grande Templo de Salomão, é vista ainda hoje, na primeira camada que forma

o Muro das Lamentações em Jerusalém, aos pés do monte Moriá.

O burilamento das pedras era feito nas montanhas, longe do local da construção, pois obedecia a uma regra rigorosa, de proibição de qualquer rumor no local e proximidades da construção; a pedra extraída das montanhas, era desbastada e burilada no próprio local, também, por uma questão prática.

As pedras, assim preparadas eram conduzidas ao local, já prontas para serem justapostas uma às outras, obedecendo o plano arquitetônico.

Não se há que confundir com as pedras dos alicerces; essas eram mantidas em seu estado bruto, apenas desbastadas em suas arestas.

Essas pedras buriladas se encontram, também, nas construções do Egito, quer nos templos como dentro das câmaras das pirâmides; são notadas, também, nas pirâmides do México.

As pedras que revestem a câmara do Rei dentro da Pirâmide de Quéops, são justapostas, sem argamassa, de forma precisa e obedecendo ao equilíbrio técnico, pois uma sustenta a outra, mesmo as do teto. O burilamento dessas pedras é idêntico ao das que formam o Muro das Lamentações.

O burilamento das pedras exige, apenas, dois instrumentos: a “marreta”, que é um malho reduzido, e o buril.<sup>1</sup>

O buril tem vários formatos: o pontiagudo, o de corte talhado em “bisel”.

Bisel é o nome dado à borda de um espelho de cristal, cortado obliquamente, o de ponta arredondada, o de ponta quadrada e o de ponta em triângulo.

O burilador usa vários buris ao mesmo tempo, bem como malhetes diversos para que a pancada tenha as variações necessárias.

O buril necessita ser, freqüentemente “afiado”, pois a pedra, por ser muito abrasiva, o desgasta rapidamente.

O Companheiro apresenta esses dois aspectos — o da “pedra bruta”, já não disforme mas devidamente esquadrada e sem arestas e o do instrumento que a burila.

---

<sup>1</sup> O buril é um instrumento de ferro endurecido (aço) destinado a gravar metal e madeira; o escopro, do latim “**scalprum**”, é o instrumento, semelhante ao buril, mas especificamente usado para esculpir pedra e madeira; cinzel, do latim “**caesorium**”, pode-se considerar sinônimo do escopro.

A pedra cinzelada equivale, na linguagem maçônica, à pedra burilada.

De um lado deve se comportar passivamente e aceitar, com tolerância, o trabalho do burilador. De outro lado, esse burilador será ele próprio, a sua consciência, a sua parte mento-espiritual, portanto necessita manter o buril em forma.

O ato de burilar exige o emprego das duas mãos, a força do braço direito que empunha o malho e a vigilância de seu olhar, para que os golpes atinjam o local certo.

Todos os sentidos estão alertas, a preocupação de realizar a obra com acerto, sem retirar em demasia as sobras das arestas, tendo em mente, sempre, que essa pedra burilada será mais tarde polida e se destinará à construção de um Templo, o seu próprio Templo.

Uma pedra burilada chama atenção, muito mais que uma pedra bruta.

É possível o maçom emocionar-se diante de uma simples pedra, quando sabe que essa faz parte da construção de um Grande Templo, o maior símbolo da potência Divina.

Dissemos "faz parte", colocando o verbo no presente, porque, mesmo isolada, mesmo em local outro, uma pedra que formou o "todo" de um Templo, continuará sendo "parte desse todo".

Quando estivemos em Jerusalém, no Monte Moriá, dentro da Cidadela cercada da muralha original, ficamos surpresos, pois à nossa direita, em local um pouco afastado, notamos um amontoado de pedras soltas; algumas buriladas, outras não; blocos inteiros, bem como em pedaços, ocupando uma considerável extensão.

Informaram-nos que aquelas pedras eram os resíduos do Grande Templo destruído por Nabucodonosor e mais tarde pelo Imperador Tito.

Ficamos emocionados, buscando imaginar que aquelas pedras anônimas, e desgarradas, nos podíamos "recolocá-las" nos lugares primitivos; diante de nossos olhos, o antigo Templo ressurgia; contemplávamos a maravilhosa obra, que serviu de ponto de apoio e unificação do povo israelita; imaginamos tudo o que sabíamos através de nosso conhecimento maçônico e aqueles instantes de introspeção e reflexão, provocaram lágrimas em nossos olhos.

Examinando bem o local, mormente as duas grandes mesquitas que teriam sido construídas justamente no mesmo local do Grande Templo de Salomão, concluímos que nem o templo de Zorobabel nem o de Herodes o Grande, haviam sido construídos no local exato, onde ainda hoje, restam aquelas pedras, intocáveis, porque foram tombadas pelo governo de Israel.

Todo aquele cenário nos deu a certeza de que chegará um dia em que naquele justo local, pela quarta vez, será erguido o novo, definitivo e incomensurável Templo.

Quando chegamos a Jerusalém, tínhamos a convicção de que encontraríamos, naquele local, um "novo Templo", mas a sinagoga oficial está situada na parte nova de Jerusalém, fora dos muros da Cidadela.

Jeová o projetou; David reuniu os materiais e Salomão construiu o Grande Templo que Nabucodonosor destruiu no ano 586 a.C. e Dário II, o reconstruiu sob a direção de Zorobabel, príncipe de Israel, isso a partir do ano 516 a.C.

Em 18 a.C., Herodes, o Grande, deu início à "reconstrução", ampliando o que restara do modesto templo de Zorobabel, concluindo-o em 64 da nossa era; seu brilho ultrapassou o próprio Grande Templo de Salomão.

Não estamos de acordo com os termos empregados, de terem sido os templos destruídos, "reconstruídos"; na realidade, os templos de Zorobabel e Herodes eram construções independentes, novas e em locais outros.

No ano 691 o Califa Abd Al-Malik construiu a mesquita, conhecida com o nome de "Omar" e "Cúpula da Rocha".

O espaço que o Grande Templo de Salomão ocupava era de 410 m<sup>2</sup>, o que podemos considerar, relativamente pequeno.

Hoje, noticiam-se novas descobertas arqueológicas, justamente naquele ponto onde vimos o "amontoado" de pedras.

Os arqueólogos estão na busca da "Arca da Aliança"; os maçons e os espiritualistas, buscam a "Palavra Perdida", mas os israelitas, posto permitam as escavações, têm crença de que a Arca da Aliança encontra-se no Reino de Jeová.

Essas pedras, quer brutas, quer desbastadas, quer buriladas, “falam”; narram com emoção a sua história; o maçom com elas dialoga e enriquece o seu conhecimento.

Poderíamos ficar em contemplação, durante horas a fio, como ficam os “judeus” peregrinos frente ao “seu Muro”, elevando preces a seu Deus.

Com certa dificuldade conseguimos nos aproximar daquelas pedras separadas por um muro aproximadamente de 80 centímetros de altura; o nosso desejo era igual ao desejo da criança; desejávamos passar a nossa mão com toda a suavidade sobre qualquer uma delas; as vibrações emitidas nos alegraram; recebemos os seus fluidos e deles nos alimentamos colocando aquelas emoções, uma a uma, no mais profundo escaninho de nosso ser.

Os visitantes e mesmo os israelitas, limitam-se a ficar junto ao Muro das Lamentações; é um lugar de oração; cada um faz a sua prece como lhe inspira a sua formação espiritual; todos porém, e isso sem dúvida é uma demonstração de Fé, colocam um “diminuto bilhete”, em uma das infinitas frestas.

Nós não fugimos daquela prática, e escrevemos nosso “pedido”; um pedido normal, para que tivéssemos a proteção Divina em nossa viagem.

Os bilhetes, aos milhares estão ao alcance de cada um; o primeiro impulso foi o de retirar, pelo menos, um, para lê-lo e devolvê-lo; mas imediatamente reagimos; jamais iríamos violar a intimidade daquele pedinte.

O ato de Fé, origina-se do contato com aquelas pedras, posto a grande maioria desconheça que aquele muro é formado pelas pedras retiradas dos três templos; o contato com a pedra emociona, pois parecem que têm vida.

O berço da Maçonaria está lá, pois o maçom o sente em si e retrocede no tempo e se vê diante da presença de Jeová.

Para o cristão, Jeová é Deus; para o maçom, esse Deus será aquele que desejou que o chamassem de **“EU SOU”**.

O Companheiro “venera” a pedra burilada, pois ele também participou desse trabalho, seja através de “reencarnação”, seja porque seus antepassados, lhe deixaram os genes da Arte Real.

## A Ampulheta

Sobre a única mesa tosca, o candidato nota um instrumento já em desuso, mas que conhece: a Ampulheta; ele a observa, eis que metade da areia já passou do copo de cima, para o inferior; fica absorto e nota o último grão; toda areia fina jaz depositada e inerte; não retorna mais; então, ele vira a ampulheta e novamente a areia escoar, numa passagem de grãos.

É o medidor do tempo; pouco tempo, pois uma Ampulheta, de conformidade com seu tamanho, mede de um a cinco minutos, no máximo.

Que lição deverá retirar daquele instrumento?

Quando foi colocado dentro da Câmara das Reflexões, a sua vida já escoara em parte.

O passo que ele deu, o foi através de sua maturidade, na busca daquilo que lhe fazia falta; alguma coisa superior que lhe pudesse dar mais sentido em sua vida.

O homem é quem mede o tempo.

Deus não o faz, porque ele é o criador do tempo.

São muitas as lições da Ampulheta, por este motivo é que ela é colocada ali.

Os minutos passam sem retorno; parecem longos, quando há uma expectativa para alguma conquista; são curtos quando desejamos manter algo precioso, como a juventude, a saúde, a paz e alegria.

Nos momentos íntimos da meditação, surge um espaço sagrado. Surge o momento propício para uma dedicação a nós próprios.

A luta por instantes de intimidades encontra oposições quase intransponíveis; “não nos deixam nesta sonhada intimidade, nestes momentos a sós, conosco mesmo”.

A conquista de “um espaço” é a luta constante e diante deste desiderato é que esquecemos o que somos e que os espaços são para nós e não para os outros.

Momentos de “egoísmos” sadios, estamos com nosso ego em paz, para atingirmos o que só o nosso subconsciente sabe querer.

Contar os grãos da areia do mar ou dos desertos, sempre foi o desafio que nos é proposto, como, da mesma forma, contarmos os cabelos de nossa cabeça.

São propostas bíblicas que traduzem a fragilidade do ser humano, posto, nos tempos atuais do computador, esses feitos possam ser possíveis.

Estamos conseguindo conquistas que revolucionam imagens vetustas e conceitos superados.

O simbolismo da Ampulheta se renova e outras perspectivas apresenta, pois, é viável o controle da passagem dos grãos de um vaso para o outro, porém, se alguém se preocupar nessa contagem, estará perdendo o tempo que flui inexoravelmente, sem que o aproveitemos para coisas úteis.

O que podemos considerar uma utilidade?

Contar os segundos, os minutos, as horas, os dias, semanas, meses e anos, nos conduzirá a algum resultado?

Aquele morreu contando o tempo; alguém não teve tempo para contar o próprio tempo.

Assim, o homem envelhece e fenece; mas os psicólogos insistem em referir que a juventude pode ser eterna, pois ela é um estado de espírito e não “um tempo”.

Nós, os mais sedimentados, experientes dado o decurso do tempo, assistimos penalizados, homens e mulheres já idosos, se comportarem como se sempre tivessem os mesmos anos, de uma ou duas décadas passadas; como a aparência se torna ridícula, não aceitamos que a mente e o espírito continuem jovens.

O espiritualizado, que aceita uma “sobrevida”, pois, crê na imortalidade da alma e num mundo além túmulo, terá o tempo como parte de sua concepção filosófica.

As horas são calculadas de forma pouco racional, para que completem o dia.

Quanto delas perdemos, se excluirmos as horas de sono, de sesta, de leituras, de televisão, cinema, quando nossa atenção é absorvida por estes fatores.

Portanto, quantas horas podemos calcular e que somem atos conscientes, sejam de meditação, sejam de análise, planejamentos, busca, para a solução de algum problema?

Logo, o dia efetivamente vivido, comporta poucas horas e o que prossegue é o movimento vegetativo de nosso organismo.

Para a vida, os anos passam, numa marcha constante, quer estejamos despertos ou dispersos.

Temos dois momentos distintos na vida: o consciente e o do sono; poderíamos dizer, em vez do sono, o do inconsciente; todavia, o sono não é um estado de inconsciência, mas momentos de recuperação.

A natureza foi construída para que pudesse descansar a fim de se renovar; até os animais de vida noturna, descansam quando surge o dia numa inversão programada.

O homem dorme e sonha; não sabemos com certeza se os animais quando dormem, também sonham.

***“Pelo contrário, Deus fala de um modo, sim de dois modos, mas o homem não atenta para isso.***

***Em sonho ou em visão de noite, quando cai sono profundo sobre os homens. Quando adormecem na cama, então lhes abre os ouvidos, e lhes sela a sua instrução, para apartar o homem do seu desígnio e livrá-lo da soberba; para guardar a sua alma da cova, e a sua vida de passar pela espada.”*** (Jó 33:15-18)

Em sonho ou em visão à noite, quando cai sono profundo sobre os homens, Deus se comunica, indubitavelmente, de “dentro para fora” do próprio homem.

A comunicação "interior", para o homem considerado "comum", posto que espiritualizado, realiza-se durante o sono.

O sono deverá ser "profundo" para a percepção, pois nem todos têm a faculdade de reter o sonho

Visão e sonho, aqui, são sinônimos; a diferença reside na "idade" de quem sonha; se velho, sonhará; se jovem, terá visões

O profeta Joel (2:28) nos esclarece: "**E acontecerá depois que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão; vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões**".

O sonho, quase sempre fantasioso, traduz uma mensagem; difícil é entender essa mensagem.

A visão difere do sonho, pois surge algo a ser presenciado, sem a participação do visualizador, enquanto em sonho abrange a ação do sonhador.

Curiosamente, Joel destaca a ação dos filhos e das filhas, não se limitando a generalizar, consignando somente o ser humano na forma masculina, portanto, nada é abstraído, seja homem ou mulher; e até se poderá ousar, e ir mais longe, quando Joel diz que o Senhor derramará de seu Espírito sobre toda carne.

Estende-se, portanto, o benefício, também, a certos animais, os que são formados de carne.

O Senhor abre os ouvidos do que dorme, para preservá-lo da morte, seja natural ou pela espada, e lhe ensina como educar-se.

O desígnio do homem, significa o seu destino, que não é fatal e pode ser alterado.

A soberba é uma atitude negativa que conduz o homem à fatalidade, como é encarada a morte.

No entanto, o Senhor, dirigindo-se a Jó, não se preocupa com a sua vida, mas a "saúde" de sua alma.

A alma que não deve ir à cova e nem à morte pela espada.

A soberba constrange a alma que destinada a perecer, todavia, recebendo a instrução do Senhor, se redime.

Com a preocupação atual da psicologia em programar os sonhos, será possível ao homem "receber" a mensagem vinda do Senhor que está situado no "**Sanctus Sanctorum**", de seu "interior".

Não chegamos, ainda, a tanto; por enquanto, essas programações em fase experimental, inclinam-se, infelizmente, à satisfação sexual.

Os estudiosos, por certo, encontrarão meios para que o homem espiritualizado, ao deitar em busca de descanso e renovação, possa aproveitar o "tempo" para contatar com seu Criador e d'Ele receber o que necessita.

Os casos dessa comunicação são tão raros que quando acontecem, a criatura chega a ser "santificada", como tendo passado por uma experiência inusitada, quando a "presença" do Senhor deve ser aceita como ato perfeitamente comum.

A proposta do Senhor, dita a Jó, refere que abrirá os ouvidos aos homens, "quando adormecem na cama".

Não basta, portanto, adormecer; o adormecimento pode resultar de um ato de meditação profunda; de um ato artificial através de medicamentos; ou um ato de hipnotismo.

A proposta é específica e clara; o sonho ou a visão serão oferecidos ao homem que descansa, em sua cama, de modo natural, ao findar o dia de trabalho.

Programar um sonho através de medicamentos, ou drogas, ou por arte de hipnotismo, é tarefa fácil, mas obviamente, não haverá o fator espiritual e esses sonhos, não poderão ser considerados contatos com Deus.

O sono profundo desperta a audição espiritual, ou seja, os sentidos todos espirituais, facilitando assim o despertar misterioso.

Pode-se ampliar a faculdade espiritual, com o "transporte" do corpo para outros locais.

São aspectos muito esotéricos reservados a um pequeno grupo privilegiado, dos que "crêem".

Trata-se da "vida noturna espiritual"; difícil explicar porque o Senhor prefere a "vida noturna" para se apresentar.

O profeta Isaías confirma essa "vida noturna": "**Como sonho e visão noturna será a multidão de todas as nações...**" (29:7)

O Sol interfere nas comunicações espirituais; a escuridão, aliada ao isolamento e ao silêncio são elementos propícios à comunicação entre os homens e Deus.

A existência de "falsos" sonhos e visões pode tumultuar a vida espiritual.

Essas falsidades já existiam ao tempo do profeta Ezequiel, segundo a sua narração: 12:24 — "**Porque já não haverá visão falsa nenhuma, nem adivinhação lisonjeira, no meio da casa de Israel**".

Não será dado, portanto, crédito a certas visões e sonhos "experimentais" se não forem resultados de uma experiência espiritual comprovada.

Com o que estamos referindo, não afirmamos que o sonho e a visão sejam, exclusivamente, influenciados por uma tendência religiosa.

A visão pode acontecer a alguém descrente, sem qualquer inclinação religiosa, pois, é uma faculdade do corpo humano.

Como o sonho pode ser programado, cientificamente, a visão, também pode ser construída, através de exercícios apropriados.

A Maçonaria, ciência, ainda com resíduos no campo experimental muito acentuados, que denominamos de "mistérios", torna facilitadas essas experiências, em suas sessões ritualísticas e como exemplo, citamos o que pode ocorrer durante a formação de uma Cadeia de União, consoante já descrevemos em capítulo anterior.

Contribuem para tanto a "Egrégora" espiritual que se forma através dos atos litúrgicos, a luz, o som e o incenso.

O misticismo, próprio em toda reunião de homens destinada ao aperfeiçoamento desses próprios homens, abrange este aspecto experimental, de aprofundamento a respeito da magia do sonho e da visão.

Quando sonhamos, costuma acontecer que, ao despertarmos, esqueçamos o que sonhamos

É possível, porém, nos exercitar para que a mente retenha o sonho, tendo o cuidado, ao despertar, imediatamente, tomar nota por escrito daquilo que lembramos.

Quando o sonho é agradável, acordamos e retornamos a dormir, reencetando o mesmo sonho.

"**Doce é o sono do trabalhador, quer coma pouco quer muito**", encontramos no Livro dos Eclesiastes 5:12.

Quando o sono é doce, o sonho é agradável e o homem levanta bem disposto e alegre.

A sabedoria antiga vem confirmada com o avanço dos estudos modernos e a Maçonaria, quando o Venerável, é efetivamente um mestre, está capacitado para orientar os seus filiados, a uma vida de equilíbrio, com o uso de todas as condições de que dispõe para a felicidade.

O sonho, como a visão, podem ser, proféticos; uma mente sadia, orientada, durante o sono, pode preparar o dia que nasce, de forma propícia para que a vida seja amena e se cumpram os desígnios do Criador.

Não é preciso ser-se religioso para essa preparação, o que vem demonstrar que é condição humana, tanto a programação, como a realização de atos que conduzam à felicidade.

Felicidade, aqui, significa a realização dos desejos e ideais, com prazer, satisfação e doçura.

Diuturnamente, assistimos em nossas sessões maçônicas, alguns irmãos, velhos ou não, cochilarem a ponto de risonarem.

Poucos têm a curiosidade de perquirir por que aquele irmão cochilou e, sobretudo, o que se passou em sua mente, se sonhou e que sonho teve.

Já tivemos ocasião de dizer que o "alimento espiritual" e mesmo, o mero "alimento intelectual", para alguns, pode resultar indigesto e provocar na mente, como autodefesa instintiva, o alheamento por meio do sono.

Quem “não deve”, “não merece”, ou “não convém”, que ouça ou que participe de certos assuntos, o “ambiente” espiritual que se forma, o isola e o alheia, por meio de um prematuro sono.

Não devemos criticar a esses irmãos, pois somos nós mesmos que irradiam os as forças necessárias para esse isolamento.

Outro aspecto que não podemos deixar de referir, diz respeito a uma situação mais esotérica.

Certas personalidades espirituais, para poderem absorver determinados ensinamentos, de imediato, isolam o consciente para, então, pôr em funcionamento a “mente interior” e assim, melhor absorverem um alimento que consideram precioso.

Quando referimos “consciente”, “subconsciente”, “hiper-consciente”, “mente interior”, “Espírito Crístico”, não estamos impondo uma nomenclatura técnica e científica; selecionamos certas expressões que podem ser substituídas por outras; e o que pretendemos é sermos claros e nos fazer entender.

A análise ou o estudo do sonho e da visão, para o maçom é sério e necessário, porque tem oportunidade, conscientizando-se disso, de em sessão passar por experiências inusitadas e transcendentais.

As experiências feitas, através de sensíveis aparelhos eletrônicos, nos informam que os animais “nobres”, quando dormindo, também sonham, mas estamos sem informações a respeito dos animais menores, dos insetos, dos moluscos, enfim, dos que compõem o microcosmo.

E perfeitamente possível, e isto já é pacífico, que o homem pode programar os próprios sonhos; por esta razão, o sono não é considerado um momento de inconsciência.

## A Estrela de Cinco Pontas

A estrela, por ser um astro, ou seja, um corpo celeste com luz própria, sempre foi a “quintessência” do mistério; hoje, já temos uma visão mais palpável sobre a vida das estrelas, fotografias muito próximas e conhecimento aprofundado sobre as suas origens e as funções, posto constitua, em Astronomia, uma alta especialização, onde o profano, seja pela escassez de literatura, como pelo elevado custo dos livros, não tem muito alcance.

Pelo seu mistério a estrela constituiu-se em um dos principais símbolos maçônicos, ornamentando a “Abóbada Celeste” dos Templos, e fixando o símbolo do Companheiro representada como um polígono estrelado com cinco pontas.

As estreias, como os planetas, obviamente, são corpos celestes arredondados; o que denominamos estrela, com as características do desenho e formato, é apenas a reprodução do ponto brilhante, que sugere o espargimento de raios luminosos “Universal” e a própria “Natureza”.

O “Pentalpha” é uma figura geométrica construída pelos pitagóricos, que tomaram por base um triângulo e assim, unindo cinco destas figuras sobre um pentágono, formaram a Estrela de Cinco Pontas.

O símbolo, porém, não permaneceu na simplicidade dos cinco triângulos; os pitagóricos, tomando o centro do pentágono, traçaram linhas até os seus vértices, resultando outros cinco triângulos no interior do “Pentalpha”, os quais, somados aos anteriores, resultaram em número de dez; cada triângulo foi subdividido em outros quatro, formando um conjunto de quarenta triângulos menores; assim, o centro da Estrela de Cinco Pontas, apresentou outro “pentalpha”.

Foi assim que os pitagóricos consideraram a figura geométrica alcançada como o “emblema da perfeição e o supremo saber”.

Como símbolo maçônico representa a “unidade humana”, o Homem, a “Fraternidade Maçônica”, a “Paz Mundial”, o “Amor”, — triângulo.

A Estrela de Cinco Pontas, como emblema maçônico, tem origem no “Pentalpha de Pitágoras”, palavra derivada do grego: “penta” = “cinco” e “alpha” = “A”, ou seja a primeira letra do alfabeto grego, que se escreve, desenhando um pequeno triângulo para todos os lados.

Aparentemente, os pitagóricos, ao construírem a Estrela de Cinco Pontas, tomaram como base o "tríplice triângulo" entrelaçado, usado pelos druidas e pelos essênios; estes dedicavam o emblema à Divindade, tendo como base a estrutura geométrica e o significado esotérico, representando a Inteligência, a Força, a Vida, a Geração e a Natureza, cinco elementos constitutivos do ser humano.

Como se nota, a base ou origem geométrica do "Pentalpha" é o Triângulo, portanto, a ciência básica será a Trigonometria.

Esta base triangular, a Maçonaria a usa em todas as suas decorações, seja no formato dos tronos, dos papéis, dos estandartes, o Ara, enfim, jóias, ornamentos e utensílios.

Tem, também, o nome de "Estrela Quinária", significando a "Paz" e o "Amor Fraternal".

Não se deverá, porém, confundir a Estrela de Cinco Pontas com a Estrela Flamígera, e muito menos, como o "Selo de Salomão"!

A Estrela Flamígera expele chamas e faíscas.

O "Selo de Salomão" é formado por dois Triângulos entrelaçados, formando seis pontas.

A Estrela de Cinco Pontas, repetimos, apresenta-se com diversos nomes: "Pentalpha", "Pentagrama", ou "Estrela Quinária".

Ela representa o ser humano, porque nela estão marcadas as cinco extremidades do homem; a cabeça, os dois braços e as duas pernas; seus cinco sentidos; a vista, a audição, o olfato, o gosto e o tato; e os cinco elementos naturais dos seres animados; a matéria, o espírito, a alma, a força e a vida.

Interpretada fisicamente, simboliza que no corpo humano concentram-se as cinco forças ou elementos que a Natureza impõe para perpetuar a espécie e atuação no Mundo: a Terra, a Água, o Ar, o Fogo e o Tempo; cada Triângulo do Pentagrama representa a um dos fatores acima referidos, atuando como fenômenos químicos sobre os "seres" e as "coisas", indispensáveis para a "eternidade da Vida".

A Estrela de Cinco Pontas representa, no campo genealógico, o fenômeno do retorno às origens; com a reprodução quase infinita de figuras triangulares, dentro de cada pentagrama, cada vez menores, chegaríamos ao Ponto, ou seja, à partida inicial; daí outra solução não teríamos que reiniciar a construção do simples triângulo e assim os ciclos se repetiriam eternamente.

E a reprodução dos seres; nascem, vêm à Vida, crescem, a Natureza os alimenta; reproduzem-se continuando a obra da "Criação", e morrem, retornando às origens, para depois, repetir o mesmo ciclo indefinidamente de nascimento, vida e morte, representado por cada triângulo, com relação aos mistérios da geração e germinação desenvolvida pela própria Natureza.

Como se verifica o simbolismo da Estrela de Cinco Pontas, ou "Estrela do Companheiro Maçom", apresenta muitas aplicações, nem todas reveladas, pois a "descoberta" depende do crescimento do Companheiro, de seu próprio esforço e do desenvolvimento espiritual.

A base é o triângulo; desta figura geométrica, a gama de concepções e aplicações são infinitas; assim atua a Natureza, que em si é representada pelo Triângulo.

A Estrela de Cinco Pontas é uma insígnia que representa o novo ser que nasce.

Foi a Estrela que anunciou o nascimento de Jesus em Belém.

É a insígnia que se dá aos Lawtons quando ingressam na Ordem, representando o candidato já pré-educado, pelos pais maçons, para a Arte Real.

O Pentagrama, ou Estrela de Cinco Pontas, é colocado no pórtico, sobre a Porta do Templo, a denominada Porta do Oriente.

A Porta de Entrada do Templo não se deve confundir com a porta externa; ela deve ser baixa, a ponto de obrigar aos que nela passam, a se curvarem.

Esta curvatura não simboliza ato de humilhação, ou a humildade demonstrada por quem penetra no Templo, mas sim, a dificuldade de passagem, do mundo profano ao plano iniciático da Maçonaria.

Exatamente sobre a Porga, vem colocado um Triângulo semelhante ao Delta Luminoso; no local onde está inserido o "olho", encontram-se entrelaçados o Esquadro com o Compasso.

Sobre este Delta é que vem colocada a Estrela de Cinco Pontas, tendo ao centro a letra "G".

## A Estrela Flamígera

Autores há, que afirmam ser a Estrela Flamígera e a Estrela de Cinco Pontas um mesmo símbolo.

Contudo, ousamos divergir, afirmando que constituem dois símbolos distintos.

Começando pela colocação das referidas Estreias, uma sobre a Porta de Entrada, e a outra, sobre o Trono do 2º Vigilante.

A Estrela de Cinco Pontas é comum à Loja do Companheiro e à Loja de Aprendiz; seu estudo, porém torna-se mais minucioso no Grau 2, face ser a Estrela de Cinco Pontas, o Pentagrama é considerado o número cinco, como estudo específico do Grau 2.

O Tetragrama, ou Estrela Quinária, é representado pelo polígono de cinco lados, tendo inserido em seu centro, a letra "G".

A Estrela Flamígera, é o mesmo Pentagrama, porém, sem a inserção da letra "G", mas que irradia, ou expele chamas.

Não se confunda as chamas com os raios luminosos.

As chamas nos vêm dos egípcios que consideravam o símbolo estrelado como a união da filha de Ísis com o filho do Sol.

Da Estrela Flamígera, considerada ponto de partida, semente universal de todos os seres.

Para o maçom, constitui o emblema do Gênio que eleva a Alma para a realização das supremas tarefas.

Pitágoras recomendava aos seus discípulos que não deixassem de referir as "chamas", quando falassem em assuntos divinos.

A Estrela Flamígera simboliza a "Estrela Luminosa" da Maçonaria; as chamas purificadoras; a luz que ilumina os discípulos; o símbolo dos livres-pensadores; a eterna vigilância e proteção objetiva do Grande Geômetra.

Quando Jeová determinou ao Anjo que expulsasse dos Céus os anjos rebeldes, Gabriel o fez, empunhando uma Espada Flamejante.

A Espada em si representa a força e o poder; a Espada cercada de chamas representa a força e o poder Divinos.

Assim, as chamas que saem de trás da Estrela de Cinco Pontas, representam a Divindade do símbolo.

O Pentagrama é um símbolo celeste, porém que se situa no plano objetivo.

A Estrela Flamígera é o símbolo no plano subjetivo; é o fogo interno, o ardor que cada Companheiro coloca dentro de si, para queimar todas as "oposições" e aspectos negativos do ser humano.

Dentro do Pentagrama, é colocado o homem com os braços e pernas abertos; dentro do Pentagrama envolto em chamas, o "homem" material é consumido e já não é visível; a sua posição passa a ser, exclusivamente, no plano espiritual, pois seu corpo foi "consumido" pelas "chamas" purificadoras.

Assim, não seria racional colocar um mesmo símbolo para representar dois aspectos.

Embora, cada símbolo suporte múltiplas interpretações e lhe sejam atribuídas mais de uma função, no caso das "Estreias", as distinções entre a Estrela Flamígera e o Pentagrama vêm confirmar a existência de dois símbolos distintos, colocados em dois locais distintos: ao Ocidente e ao Sul.

A Estrela Flamígera é colocada, dentro da Loja, sobre o trono do 2º Vigilante.

## Os Sentidos

"Sentir", raiz da palavra "sentido", diz respeito também à parte espiritual do homem; os "sentidos" comuns partem do cérebro, porém, os sentidos do "Espírito" partem do que se

convencionou chamar de "esotérico"; assim, o homem poderá "enxergar" com olhos espirituais, ouvir com ouvidos espirituais, enfim, aplicar os seus "sentidos" em dupla função, inclusive o "transporte" espiritual que seria a locomoção através do espaço, deixando a matéria em repouso, ou mesmo, só "transporte" vertical, que seria a "levitação".

O primeiro sentido é o da visão; através dele apreciamos a forma de todas as coisas; o seu órgão principal são os olhos.

O segundo sentido é a audição; a percepção dos rumores, hoje, ampliada através da tecnologia, a ponto de, empregando instrumentos sofisticados, poder-se escutar uma pessoa falando, dentro de um raio de um quilômetro de distância, sem que haja de parte de quem fala aparelho de transmissão; sem mencionarmos as transmissões partidas do Cosmos, a milhões de quilômetros.

O terceiro sentido é o olfato; sentido que percebe os odores apenas dê certa distância; apesar de secundário, desempenha funções excitantes e distingue as espécies necessárias à alimentação; tem relacionamento com o sexo.

O quarto sentido é o do gosto, também restrito às funções orgânicas imediatas; o olfato e o gosto são sentidos que podem se tornar requintados, através de um período de educação. Como exemplo, temos os "degustadores" de vinhos que podem com rara perfeição distinguir os mínimos detalhes de uma marca.

O quinto e último sentido, o do tato, dá ao homem a faculdade de aproveitar a Natureza e executar as tarefas que lhe agradam e desempenhar os seus deveres e obrigações dentro da profissão que abraçou.

O tato é o responsável pela dor e pelo prazer e desenvolve-se através da parte externa do organismo, especialmente da pele; posto que, aparentemente, secundário, constitui um dos principais, senão o principal sentido.

A par dos cinco sentidos fisiológicos, o homem possui os sentidos anímicos que não devem ser confundidos com os sentidos espirituais.

O corpo humano, através de seu cérebro, estabelece um relacionamento perfeito com o mundo exterior.

E o mundo da percepção através dos cinco sentidos convencionais.

A percepção com o Universo exterior, no seu aspecto espiritual, é estabelecida também através dos mesmos cinco sentidos, mas conjunções esotéricas.

Contudo, nesta fase, nos preocupamos mais em conhecer como se estabelece a comunicação entre o homem e o mundo exterior.

A comunicação é a razão do viver; o homem isolado, encarcerado, perdidos os seus sentidos, aproxima-se muito do ser inanimado; é a definição da morte; seria uma vida vegetativa.

Os agentes executivos do cérebro são os nervos motores; os nervos sensitivos; são os sentinelas que transmitem os "avisos" sobre tudo o que ocorre de interesse ao organismo humano, para que o cérebro decida o que convém executar.

Para que os nervos sensitivos possam perceber as impressões, necessita de aparelhos orgânicos, os quais constituem os cinco sentidos, aos quais vulgarmente denominamos de "as janelas da alma".

Sentido, é o vocábulo derivado do latim "**sentire**" e aplica-se a qualquer uma das aptidões da alma.

Não cabe discutirmos, aqui, a respeito dos animais ou demais seres que, também, possuem sentidos, como as espécies vegetais conhecidas vulgarmente como "plantas carnívoras", ou as delicadas "sensitivas" que se retraem ao mais leve toque.

As "sensações" podem ser externas e internas; as internas surgem de dentro do organismo humano, como sentir fome, sentir dores, alegrias, tristezas etc. As externas consistem em ver, ouvir, degustar, cheirar, sentir.

Cada um dos cinco sentidos possui um órgão isolado para a sua função, ou então, há uma interligação entre o conjunto.

Os sentidos anímicos são:

O sentido humanitário que leva o homem a auxiliar o próximo com a sua solidariedade.

O sentido moral, que visa o bem-estar social, o interesse do homem pelo seu semelhante.

O sentido da estética, que conduz o homem a distinguir a perfeição, ver a diferença entre o belo e o imperfeito, a deleitar-se diante de uma obra de arte, fruto do trabalho de um artista, ou da própria Natureza.

O sentido intelectual que impulsiona o homem a buscar o conhecimento através das experiências dos sábios, a ilustrar-se diante dos ensinamentos dos mestres e a ver o exemplo de nossos semelhantes, buscando as soluções para os problemas, aparentemente, sem definições.

O sentido religioso, que é a inclinação aos assuntos "divinos", o estudo do Livro Sagrado, a harmonia com o Grande Arquiteto do Universo, e compreensão das coisas sutis e espirituais.

Existem outros sentidos, como o da defesa, da multiplicação da espécie, do abrigo às intempéries, etc. etc.

## A visão

É o sentido através do qual apreciamos ou percebemos a forma, volume e cor das coisas; seu órgão são os olhos.

O globo ocular tem a forma quase esférica e encontra-se alojado na órbita do crânio, sendo composto de membranas, elementos transparentes e partes acessórias (aquosas).

As principais membranas do olho são: a esclerótica ou córnea opaca, a coróide e a retina.

A esclerótica apresenta-se dura e opaca, com exceção em sua parte interior denominada de córnea transparente, por onde penetram no olho os raios de luz.

A coróide é de coloração negra e envolve a parte interna da esclerótica.

A retina reveste internamente a coróide na sua parte posterior, é uma membrana esbranquiçada, nervosa, formada pela expansão do nervo ótico.

Na parte posterior da córnea transparente, encontra-se a íris, um prolongamento da coróide, de aspecto circular e de colorido variado; parte do azul claro com suas nuances, até o marrom escuro.

A íris possui um orifício central, a pupila, que aumenta ou diminui, de conformidade com a intensidade da luz.

Os elementos transparentes são: o humor aquoso, o cristalino e o humor vítreo.

O humor aquoso é um líquido semelhante à água e aloja-se entre a córnea transparente e o cristalino.

O cristalino é uma espécie de lente biconvexa transparente.

O humor vítreo é um líquido incolor, de consistência gelatinosa e transparente, envolto em uma fina membrana chamada hialóide e que preenche o resto do globo ocular.

As partes acessórias do olho são: as sobrancelhas, pálpebras, pestanas ou cílios, glândulas lacrimais e músculos.

O olho funciona de forma idêntica a uma câmara fotográfica; a pupila desempenha a função do diafragma, que permite a entrada dos raios luminosos.

A coróide desempenha o papel da câmara escura; o cristalino, o da lente que produz as imagens; a retina, a placa sensível que as recolhe.

O nervo ótico é o conduto através do qual se transmitem ao cérebro as impressões luminosas recolhidas pela retina.

As impressões perduram gravadas na retina, durante um décimo de segundo, e por causa disto não se notam as interrupções de sucessão de imagens colhidas; funciona como aparelho projetor de filmes; o filme é uma sucessão de quadros; para cada quadro há movimentos diversos, mas uma vez projetados na tela, o espectador não nota a sucessão dos quadros, mas sim, uma imagem contínua.

A visão normal distingue os objetos a qualquer distância, uma vez adequadamente iluminados; porém se esses objetos são diminutos, faz-se necessária uma aproximação.

Para uma leitura, as letras devem estar a uma distância de vinte e cinco a trinta

centímetros; caso assim não ocorra, a pessoa terá um “defeito” de visão que pode classificar-se em:

**MIOPIA**, ou vista curta; quando o cristalino se apresenta demasiadamente convexo; ou o globo do olho alargado pela parte posterior; o míope necessita aproximar o objeto para distinguir suas características; a idade diminui os efeitos da miopia; normaliza-se o defeito com o uso de óculos com lentes bicôncavas ou cirurgia.

**PRESBITISMO**, ou vista cansada; os objetos são visualizados com mais clareza, ao longe; o cristalino, em decorrência da idade, resiste à ação dos músculos.

**HIPERMETROPIA**, ou vista larga; em todo igual ao defeito anterior, porém ao contrário da miopia; o cristalino não se apresenta suficientemente convexo e o globo ocular encontra-se deprimido pela parte posterior, motivo porque há necessidade de afastarem-se os objetos para observar as suas particularidades; a correção será feita por lentes ou cirurgia.

**ESTRABISMO**, causado pelo mau funcionamento dos músculos que não controlam a posição normal do olho; a correção é feita através de cirurgia.

O órgão da visão é o mais delicado e complexo do organismo e o que exige maiores cuidados e profilaxia.

A ciência no setor da visão tem feito progressos espetaculares, com transplantes, implantes de lentes e aparelhos sofisticados.

## A audição

É o sentido através do qual o cérebro registra os odores; o seu órgão é o nariz; é constituído de duas cavidades, as fossas nasais revestidas por uma membrana mucosa, a pituitária, onde se localiza a sensação do olfato. Existe outro conduto que comunica com o lago lacrimal do olho, e um segundo canal, que conduz à faringe.

O nervo olfático ramifica-se em toda membrana pituitária.

As emanções penetram através das fossas nasais, onde a pituitária as retém, para transmitir as sensações pelo conduto do nervo olfático, que se encarrega de conduzi-los ao cérebro.

A membrana mucosa recebe o líquido dos lacrimais, o segrega e serve para reter as impurezas contidas nas emanções recebidas evitando que penetrem através do conduto até a faringe e dali aos pulmões.

O órgão do olfato, que é o nariz, evidentemente possui outra função, a da respiração; ambas as funções são distintas, mas sem aspirar o ar, a pituitária não receberia as emanções odoríficas.

O olfato é uma das funções mais simples, eis que são raras as enfermidades ou defeitos; apenas o catarro, proveniente dos estados gripais, é que ocasiona, temporariamente, a perda do olfato; obviamente, a aspiração de drogas, como a cocaína, é altamente nociva e comprometedor, pois, destrói a cartilagem do nariz e altera a função odorífica.

O olfato tem estreita ligação com o gosto, eis que pode despertar o apetite, assim como o faz a visão.

Um odor apetitoso desperta a segregação glandular da digestão, principiando pela salivação

Um cérebro registra ao mesmo tempo todas as percepções sensoriais, não necessitando de descanso ou interrupção para registrar esta ou aquela sensação; apenas a dor poderá, momentaneamente, apresentar-se como fator preponderante; mas isso constitui mais uma reação que dificuldade de registro.

O líquido lacrimal tem grande influência sobre o olfato; ao fluir com excesso, haverá diminuição do olfato; por outro lado, o líquido lacrimal “desinfeta” as fossas nasais, atuando como agente de limpeza.

O ardor é conduto para acentuar o desejo sexual, bem como, a espiritualidade; num Templo, o odor do incenso age como alucinógeno, abrindo o caminho para a interiorização espiritual.

## O gosto

O gosto é o sentido através do qual percebemos e distinguimos os sabores dos corpos.

O seu órgão é formado pelos lábios, língua e papilas.

A língua é de constituição muscular, coberta por uma membrana mucosa; sua grande mobilidade deve-se à infinidade de fibras que se entrelaçam nas sua espessura.

A face superior desse órgão encontra-se coberta por pequenas proeminências que se denominam papilas, nas quais terminam os nervosos gustativos, cujo objetivo é conduzir até o cérebro a sensação dos sabores.

As papilas têm a dupla função: as tácteis e as gustativas; essas últimas são as que distinguem os sabores das coisas e são as que transmitem ao cérebro as sensações do gosto.

As glândulas salivares são despertadas e os líquidos que desprendem, acentuam os sabores, dando às papilas gustativas maior facilidade em seu trabalho.

As papilas tácteis sentem imediatamente a presença dos corpos estranhos dentro da boca.

Os lábios, o palato, as partes internas da boca, em seu conjunto, formam o órgão do gosto.

Como dissemos anteriormente, o olfato tem estreito relacionamento com o gosto, assim como com a visão.

## O tato

O tato, como a visão, são os dois principais sentidos do corpo humano.

Perde-se o tato por meio da paralisia total dos membros ou por efeito de anestésicos.

O tato possui dois meios sensitivos: a sensibilidade tátil e as sensações da dor.

Com a anestesia, a dor desaparece, porém, se não for geral, mas apenas local, a sensação do tato permanece; uma intervenção cirúrgica, como por exemplo a extração de um dente, é feita sem dor, porém o organismo humano acompanha, através do tato, todos os toques que lhe são feitos.

A sensação do peso dos objetos que nossos músculos erguem, é percebida através do tato; é através dele que percebemos a consistência dos objetos, sua aspereza, textura, temperatura, forma, dimensão, etc.

A pele é o órgão geral do tato, porém a parte mais sensível é manifestada através das mãos que pela sua forma anatômica pode amoldar-se aos objetos, mesmo que possuam dimensões mínimas.

A pele de todo o corpo humano é constituída de duas partes: a epiderme, ou parte externa e a derme ou parte interna.

A epiderme ou epiderma, ou "capa córnea", é formada por células "mortas", que se desprendem, paulatinamente, do corpo, sendo imediatamente substituídas por outras novas.

A epiderme, ou epiderma, contém uma granulação de matéria corante, ou pigmento; é a que dá a coloração da pele, a qual varia segundo as raças, e de conformidade com a maior ou menor quantidade de pigmentos.

A derme apresenta em sua parte superior muitas asperezas ou relevos, denominados "papilas", sob as quais existem numerosos vasos sangüíneos que contêm os terminais nervosos denominados de "corpúsculos do tato".

As flâmulas sudoríferas e sebáceas, são órgãos que, também, se encontram na derme; essas últimas são mais abundantes nas pessoas obesas.

Várias são as funções da pele; serve de cobertura ao corpo, para protegê-lo; é um órgão de secreção, através das flâmulas sudoríferas; regulariza a temperatura do corpo e por fim, constitui o órgão do tato.

O sentido do tato é muito complexo, pois nos transmite várias sensações, como as "pressões" e os "contatos", através dos quais sentimos, como já aludimos acima, a forma, o tamanho, a temperatura, a dureza, a maciez, a aspereza, a textura, porosidade, enfim, dezenas de formas apresentadas pela Natureza.

Todas essas sensações são transmitidas ao cérebro através das papilas que as colhem dos corpúsculos do tato.

As sensações que o tato conduz ao cérebro têm relação íntima com o sexo, a ponto de alguns cientistas denominarem o tato de "sentido auxiliar do sexo".

Dentro da Loja Maçônica, as vibrações emanadas pelos atos de liturgia são acolhidas pelo tato que por sua vez as conduzem ao cérebro que as distribui ao "mundo interior espiritual".

Em sentido geral, o homem descarta a sua pele e não percebe que qualquer alteração pode provocar sérias conseqüências. A longa exposição ao sol, em geral, queima prematuramente as células da epiderme, com conseqüências desastrosas.

A pele desempenha outras funções, ainda não bem definidas, como a de "substituir" o órgão da visão.

A "visão sem olhos", através do passar dos dedos sobre uma superfície onde efeitos coloridos são percebidos; as cores denominadas "frias", como a verde e a azul e as denominadas "quentes" como o amarelo e o vermelho, podem ser percebidas através do tato.

A escrita e a leitura Braille são desenvolvidas pelo treinamento do tato; as letras do alfabeto gravadas através de pontos convencionais, tornaram-se meios comuns de leitura para os cegos; entre nós, o Soberano Grande Comendador, fundador das Grandes Lojas Simbólicas Brasileiras, quando diretor da Biblioteca Nacional, Mário Behring, introduziu uma estante de livros impressos em Braille; na época foi um pioneirismo muito elogiado.

Narra Betty Wood em seu livro ***The Healing Power of Colour*** o avanço de estudos a respeito, realizados na então União Soviética:

Ainda um outro modo de se ver as cores subjetivamente se dá através do uso de outras partes do corpo, além de nossos olhos.

Descobriu-se que muitas pessoas cegas desenvolvem uma percepção de cor percorrendo a ponta dos dedos sobre uma superfície e assim adquirindo a impressão de que uma cor é quente, outra é fria e ácida, outra pesada e espessa, e assim por diante.

É realmente divertido você mesmo tentar tal experiência com cartas coloridas.

A maior parte das pesquisas sobre esse assunto parece ter sido feita na União Soviética e, no livro ***Experiências Psíquicas além da Cortina de Ferro***, escrito por **Ostrander e Schroeder**, um capítulo é dedicado à "**Visão sem Olhos**".

O mais famoso expoente dessa habilidade é Rosa Kuieshova, que não somente era capaz de "ver" as cores com os olhos vendados mas também era capaz de ler figuras impressas e distintas simplesmente pelo toque de suas mãos.

Ela narra que foram necessárias várias horas por dia e quase a noite toda para que ela se tornasse uma celebridade.

Os russos saudaram a "grande excêntrica que via sem os olhos", com imenso entusiasmo e, infelizmente, o mesmo tipo de história tomou conta da nação, como outrora acontecera com o "entortador de metais" Yuri Geller, na Inglaterra; e de algum modo acabou-se por se desacreditar no assunto.

Mas na prática, os cientistas tentaram descobrir os mecanismos dessa habilidade inusitada.

Pensou-se, primeiramente, que Rosa era supersensível às texturas dos pigmentos, mas ela era capaz de identificar, após seus olhos terem sido seguramente vedados e escondidos, atrás de uma espessa teia de papelão, as cores vermelha, verde e amarela mesmo quando papel de decalque, celofane ou vidro cobriam as folhas coloridas de papel.

Pensou-se, então, que ela poderia ser supersensível ao calor e assim usou-se estampas aquecidas com cores frias, e vice-versa.

Mas isso não fez qualquer diferença.

Ela era capaz, também, de identificar líquidos coloridos em um tubo de vidro.

Usando as duas mãos, Rosa era capaz de "ver" as cores de qualquer objeto, quer se tratasse de uma gravata, quer de um selo postal.

Consultando-se velhos arquivos, constatou-se que outras pessoas, também, possuíam essa habilidade.

Um doutor do Instituto Pedagógico do Nizhnly Tagil verificou que, a cada seis pessoas

mais ou menos, uma era capaz de diferenciar entre duas cores depois de meia hora ou mais de prática.

A maioria das pessoas concordam que as cores dividem-se em sensações macias, viscosas e ásperas — o azul claro é o mais macio, e o amarelo é o mais liso; o vermelho, o verde e o azul marinho são viscosos, enquanto que o violeta é muito pegajoso e áspero.

Nem todos vêem as cores dessa maneira. Rosa, também, percebia várias cores como cruzeiros, linhas retas, pontos etc.

O Dr. Novomelski, que orientou a maior parte dessas experiências, acredita que a visão sem olhos tem algo a ver com os campos eletromagnéticos. Ele tentou colocar os cartões coloridos num tabuleiro isolado e seus alunos começaram a reagir como se as cores, de algum modo, se estendessem além do tabuleiro, no espaço.

Diferentes pessoas viram as cores em alturas diferentes, mas todas trilham caminhos semelhantes para irem de encontro ao espectro das cores — o vermelho alcançou o estágio mais alto e o azul alcançou o menor.

Realizaram-se, então, pesquisas posteriores com pessoas destituídas de visão através da radiação de luz colorida nas palmas de suas mãos, e eventualmente isso foi estendido até esboços de cartas.

Hoje em dia, a "visão sem olhos" chama-se "biointrospectiva" e como experiências mais detalhadas estão sendo realizadas, talvez seja possível desenvolver-se numa habilidade que possa ser adquirida pela maior parte das pessoas cegas.

Os soviéticos dizem que a pele de todas as pessoas tem potencial de visão e falam de pessoas treinadas para sentir luz e cor com a língua, cotovelos e nariz. Questiona-se se isso não poderia também se estender aos sentidos do paladar, da audição e do olfato.

As funções do tato, em Maçonaria, têm sido observadas nos momentos em que o Venerável Mestre e os Vigilantes seguram as mãos dos Diáconos e os membros da Loja, dentro da Cadeia de União ao se darem as mãos, transmitem vibrações num intercâmbio percebido por todos.

Dentro da Loja, a Corda dos 81 nós representa o "limite" dessas vibrações; a Corda recebe seu impacto e absorve para evitar que transponham o "ambiente" da Loja.

## O Livro Santo

Na Loja do Grau Dois, o Livro Sagrado será aberto em Amós, capítulo 7, versículos 7 e 8, a saber:

***"Mostrou-me, também, isto: eis que o Senhor estava sobre um muro levantado a prumo; e tinha um prumo na mão. O Senhor me disse: Que vês tu, Amós? Respondi: Um prumo. Então, me disse o Senhor: Eis que eu porei o prumo no meio do meu povo Israel; e jamais passarei por ele".***

A abertura do Livro Sagrado faz surgir a "Egrégora", esse "ser místico" que tem vida enquanto dure a sessão da Loja; não há Grau que dispense essa abertura e a sua leitura.

Para cada Grau, o criador inspirado do Rito Escocês Antigo e Aceito, destinou um trecho bíblico.

Para o Segundo Grau, foi buscá-lo no Livro de Amós, o menor das Sagradas Escrituras, pois é formado de, apenas, nove curtos capítulos e ocupa menos de seis páginas do Livro Sagrado.

É um livro profético.

Amós significa: "**carregar um fardo**"; simples camponês, foi chamado pelo Senhor para profetizar, pois o "pecado" do Reino do Norte, no oitavo século antes de Cristo, crescia.

Diz o comentarista: "Enquanto Oséias foi oprimido pelo sentimento da infidelidade de

Israel para com o amor de Deus, Amós foi ultrajado pela violência deles contra a justiça e a integridade de Deus”.

A mensagem mais incisiva de Amós foi: “Corra o juízo com as águas, e a justiça como ribeiro perene”.

Seguindo a numerologia do Segundo Grau, podemos dividir o Livro de Amós em cinco partes, a saber: o pronunciamento do juízo; o juízo divino é inevitável por causa do pecado; Deus roga a Israel que volte para ele; alguns fenômenos relacionados com o juízo futuro; a restauração final de Israel.

Como o Nostradamus dos séculos passados, a história do povo israelita alicerça-se nas curtas profecias de Amós.

O Prumo é um dos instrumentos de construção manejado pelo companheiro.

O Prumo de Amós, contudo, reveste-se de características “mágicas” pois, somente ele o pudera ver nas mãos de Deus.

Certamente, Amós não chegara a “ver” a Jeová; apenas o ouvia, mas aquele Prumo era bem visível.

O Senhor o colocara entre o povo de Israel, mas era, para ele, totalmente invisível.

Somente Amós teve acesso a esse Prumo, que seria um dos instrumentos mais preciosos de Deus e da humanidade.

Sob o aspecto religioso, de redenção, primeiramente para o povo hebreu e depois, para os “gentios”, o Cristo seria colocado permanentemente em Israel.

Temos, portanto, sob o ponto de vista esotérico, a absoluta certeza de que, cerca de oitocentos anos antes do nascimento de Jesus, já o seu espírito fora colocado em Israel!

E o povo não sabia; não acreditara nas palavras proféticas de Amós.

O significado de uma vinda tão prematura abala os alicerces de uma fé milenar; até hoje, o povo hebreu está aguardando a esse Cristo, o Messias que há de vir; Ele veio, passou, mas o Prumo permanece até que todos os israelitas se reunam; para que a Diáspora cesse; para que o pecado não volte; para que a Justiça seja “ribeiro” e não como as águas que correm.

Amós, ao ver o Prumo, viu ao Filho, o Cristo; foi o primeiro dos homens a contemplá-lo.

O Senhor estava sobre “um muro”;

O muro simboliza a “construção”; Israel estava prestes a sucumbir e havia necessidade de uma reconstrução, como realmente sucedeu; a profecia de Amós foi integralmente confirmada.

Por que o criador do Rito escolheu esse trecho bíblico para a leitura por ocasião da abertura dos trabalhos?

Amós, nesse trecho faz referência, com essas palavras: “**mostrou-me também, isto**”, de que havia visto muito mais.

O Prumo na mão do Senhor para o companheiro, é o símbolo da retidão; estar a prumo significa correção, disciplina, ordem.

São os atributos do companheiro.

O muro onde estava o Senhor, “era levantado a prumo”; significa um muro estável, que não seria destruído; acredita-se ser o atual Muro das Lamentações; tudo o que estiver construído a prumo, o será por longo tempo; o Muro das Lamentações tem vencido todos os percalços e se mantém como “testemunho”, porque sobre ele, estará sempre o Senhor erguendo o “Prumo”, como “Aliança” entre Ele e o homem.

Para que fosse possível “ver” aquele Prumo, Amós necessitou usar de sua “terceira visão”, os olhos do espírito, de seu mundo interior.

Nós podemos contemplar esse Muro, mas se não soubermos usar a “terceira visão” não enxergaremos o Prumo.

Não basta, no entanto, “vermos” o Prumo; será preciso “confessarmos que, na realidade o vimos.

Somente depois que o Senhor “ouviu” Amós responder é que fez a promessa: “**Sei que eu porei o Prumo...**”.

Esse Prumo não existia; foi um acréscimo que Israel recebeu, uma dádiva preciosa.

A parte final da promessa do Senhor é polêmica, pois afirma Deus que, posto o Prumo, jamais passaria por ele.

Isso significa que em seu lugar, colocaria a Jesus o Cristo e a ele “entregaria” Israel, pois, jamais retornaria àquele lugar para julgar o povo; Jesus veio e o povo o julgou; Jesus retornará e julgará o povo; são situações distintas.

Aos companheiros, dentro da Maçonaria, cabe a busca do Prumo, que equivale à Palavra Perdida.

Filosoficamente, essa tarefa pertence aos companheiros, de modo que isto não só os valoriza, como os torna “participantes” do grande plano divino.

Existe, contudo, outra interpretação; **“jamais passarei por ele”**, significaria que a entrega do Prumo seria definitiva e não mais seria retirado; não corresponderia, necessariamente, à “ausência de Deus”, mas o Prumo seria o símbolo da Justiça.

Propositadamente, ao início deste capítulo descrevemos as cinco partes em que se dividia a palavra de Amós e em especial, o que ele profetizou através do capítulo 5, versículo 24 de seu livro:

**“Antes corra o Juízo como as águas, e a Justiça como ribeiro perene”.**

Feita a leitura de Amós, colocados, entrelaçados, sobre o Livro Sagrado, o Esquadro e o Compasso, surge, em cada sessão, luminoso, entre o Livro Sagrado e a Abóbada Celeste, qual Ostensório, o Prumo, visível por todos aqueles que aprenderam a usar os cinco sentidos espirituais, cultivados no Segundo Grau.

Permaneça em nós esse Prumo, de forma eterna.

## Leitura Bíblica

Seguindo a tradição do Rito, segundo o qual em todos os seus trinta e três Graus procede-se à leitura de um trecho bíblico, no Grau de Companheiro, a leitura recai no livro de Amós, capítulo 7, versículo 7.

Como relata a tradução de João Ferreira de Almeida, atualizada pela Comissão Editorial E. Schuyler English, Litt. D., **“Amós cujo nome está relacionado com um verbo, que significa ‘levar um fardo’, preocupou-se com o pecado do reino do norte no século oitavo a.C.. Enquanto Oséias foi oprimido pelo sentimento da infidelidade de Israel para com o amor de Deus, Amós foi ultrajado pela violência deles contra a justiça e a integridade de Deus.”**

A nota que ele toca em sua profecia é o correlativo e o corolário da mensagem pronunciada por Oséias.

As palavras mais descritivas da mensagem de Amós são:

**“Corra o Juízo como as águas, e a justiça como ribeiro perene” (5:24).**

A justiça social é inseparável da verdadeira Piedade.

O Livro pode ser assim dividido: 1. O pronunciamento do Juízo, 1-2. II. O Juízo divino é inevitável por causa do pecado, 3-4. III. Deus roga a Israel que volte para Ele, 5:1-15. IV. Alguns fenômenos relacionados com o Juízo futuro, 5:16; 9:10. V. A restauração final de Israel, 9:11-15.

O primeiro versículo do livro de Amós, escrito por ele, constitui uma “biografia” que nos dá uma idéia do personagem:

***“Palavras que, em visão, vieram a Amós que era entre os pastores de Tecos, a respeito de Israel, nos dias de Uzias, rei de Judá, e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel, dois anos antes do terremoto”.***

O livro de Amós é pequeno, constituindo-se de apenas nove capítulos e 146 versículos ao todo.

Vejamos a leitura do Grau:

***“Mostrou-me também isto: Eis que o Senhor estava sobre um muro levantado a prumo; e tinha um prumo na mão. O Senhor me disse: Que vês tu, Amós? Respondi: Um prumo. Então me disse o Senhor: Eis que eu porei um prumo no meio do meu povo Israel; e jamais passarei por ele”.***

Não basta que o Oficiante proceda à leitura do Livro Sagrado, é necessário que todos os presentes ouçam a sua voz e compreendam o significado da leitura.

Algumas versões bíblicas substituem o instrumento prumo pela trolha.

Devemos distinguir prumo da trolha; cremos que o uso do vocábulo trolha foi inadequado; trata-se de uma tradução imperfeita.

Trolha, que alguns confundem com colher de pedreiro, na realidade é a desempenadeira que serve para alisar o reboco da construção.

O prumo é um instrumento manejado pelo Primeiro Vigilante e simboliza a retidão, o acerto, a perfeição.

O Senhor referia-se a Jesus o Cristo, o Prumo que representava o fiel do julgamento dos pecadores. Uma vez “colocado” o Prumo Crístico sobre Israel, o Senhor deixaria de interferir, antes porém assolaria os santuários e justicaria os da casa de Jeroboão.

A visão dizia respeito a problemas internos do povo de Israel, porém, maçonicamente, representava o papel simbólico do instrumento usado em Maçonaria.

A leitura é a advertência permanente de que o Companheiro deve pautar a sua vida como se fora um prumo.

Em algumas Lojas de tendência cristã, a leitura bíblica é feita no versículo 34, capítulo 20 do Livro dos Atos dos Apóstolos:

***“A ninguém pedi ouro, nem prata nem veste; bem sabeis que estas minhas mãos me fornecem o sustento, a mim e aos meus companheiros”.***

Trata-se de esclarecer como deve ser o relacionamento entre os irmãos; o verdadeiro Companheirismo que evita a exploração.

Alguns autores afirmam que inexiste, propriamente, um texto definitivo para ser lido; bastaria a simples abertura do Livro Sagrado e a leitura a esmo de um trecho.

De qualquer modo, o principal e válido é a realização da leitura. O som da Palavra deve ser ouvido por todos e as suas vibrações permanecerem eternamente, porque, qual marola, expande-se pelo Cosmos e jamais atinge um ponto final.

O som representa a vida; o silêncio é início da estagnação da vida.

As vibrações do som criam o movimento e esse é a partícula divina que subsiste.

O som é matéria e como tal, penetra através do tato e da audição no corpo humano, atingindo-o plenamente em todas as suas células; esse impacto sustenta, alimenta, normaliza e vivifica.

Sabemos que a leitura do Livro Sagrado obedece a determinada liturgia; o Oficiante coloca-se de joelhos diante do Altar; sobre si, é formado um pálio pelo cruzamento dos bastões dos dois Diáconos e do Mestre de Cerimônias.

Procedida a leitura, o Oficiante põe-se de pé e à ordem.

O Venerável Mestre comanda a Bateria do Grau.

Todos participam dela, menos o Oficiante e os formadores do pátio; o Oficiante, porque foi ele que com a leitura deu início de forma mística aos trabalhos; os formadores do pátio porque têm as mãos ocupadas.

Após a Bateria, os Vigilantes atuam para que a liturgia da abertura do Livro Sagrado se complete; o Primeiro Vigilante ergue a "coluneta" que já fora deitada sobre o seu trono; o Segundo Vigilante, de forma contrária, deita a sua "coluneta" que está erguida sobre o seu trono.

A "coluneta" do Primeiro Vigilante obedece à ordem Dórica que se origina do Egito; da Dórica, por ser a ordem por excelência, emanam todas as outras, tendo os gregos empregado essa coluna na maior parte dos seus monumentos.

A coluna Dórica que é força, representa o próprio Primeiro Vigilante; a força ordena e dirige, porém obedece à orientação da Sabedoria.

O Primeiro Vigilante ergue a sua "Coluneta" indicando a supremacia de um princípio sobre um outro, durante os trabalhos, revelando que esses irão tomar força e vigor.

A "Coluneta" do Segundo Vigilante é da ordem Jônica, coluna esbelta e graciosa; é a representação da beleza feminina e representa Vênus, lembrando Abif que deu graça à construção do Grande Templo.

Iniciando-se os trabalhos, o Segundo Vigilante, abaixa sua "Coluneta", significando submissão, como a beleza que é feminina submete-se à força que é masculina.

O ato deslocar as "Colunetas" obedece à hierarquia; em primeiro lugar é erguida a "Coluneta" do Primeiro Vigilante e só após é que o Segundo Vigilante abaixa a sua.

A "Coluneta" que está no trono do Venerável Mestre que é da ordem Coríntia, permanece estática; o Venerável Mestre não a toca, simbolizando a sua indiscutível autoridade.

Em certas Lojas, precede a abertura do Livro Sagrado, o acendimento de três velas que circundam, sobre candelabros, o Ara.

O acendimento dessas velas não é, a rigor, um ato litúrgico, pois seria até um despropósito e uma contradição, eis que a Luz maior são as próprias Sagradas Escrituras; a Luz não necessita ser iluminada!

Contudo, já faz parte dos usos e costumes, embora modernos, esse acendimento de velas.

Enquanto é acesa a vela, é recitado um versículo apropriado, extraído do Livro Sagrado, à exaltação da Luz.

Feita a leitura, o Oficiante ergue-se e coloca o Esquadro entrelaçado por uma de haste ao Compassos, no centro do Livro Sagrado.

É a simbologia da harmonização entre o trabalho e a presença do Grande Arquiteto do Universo.

Terminado o "trabalho", o Oficiante torna a saudar o Triângulo Sagrado onde está inserido o **IOD**; recua o passo que avançara, desloca-se para a esquerda e retorna ao seu lugar; os Diáconos e Mestre de Cerimônias, por sua vez, retornam às suas posições.

Nota-se que o ato de abrir o Livro Sagrado implica um conjunto de outros atos litúrgicos, todos executados harmoniosamente.

## O Número Cinco Dentro da Numerologia

O número cinco tem a denominação de "quinário", e sugere a "quintessência" que é o requinte das coisas e que faz parte da fase do Grau 2, ou seja, a perfeição a que deve atingir o Companheiro maçom antes de encetar a viagem em direção ao Grau seguinte.

Traduz a essência vital, a vida espiritual, o aperfeiçoamento genealógico e a própria força intelectual.

O número cinco representa os elementos da Natureza: a Terra, a Água, o Ar, o Fogo e o Germe, ou a Semente.

Penta, em grego, expressa o número cinco e serve de prefixo para um sem-número de palavras, entre as quais, o **Pentagrama**.

O pentagrama é a figura geométrica formada de cinco triângulos agrupados; assim, o polígono de três lados continua sendo a base de todas as medidas, daí a sua aplicação na Trigonometria.

O número cinco é tomado como medida; por exemplo, o Lustro, que se compõe de cinco anos; a Felicidade é composta de cinco fases: adorno, amor, socorro, trabalho e gozo; o Mundo divide-se em cinco grandes partes: Europa, Ásia, África, América e Austrália; ao Companheiro ao ser elevado à sua Câmara, são feitas cinco perguntas: faz cinco viagens; cinco constitui o número que compõe a bateria do Grau; cinco os pontos de esquadria que forma para executar a sua postura; cinco são os seus toques; são cinco os degraus que deverá subir; cinco são as luzes que iluminam o seu trajeto; a Estrela do Grau possui cinco pontas; cinco são os anos de estudo e dedicação; os instrumentos de trabalho são cinco: martelo, cinzel, esquadro, régua e avental.

Encontraremos dentro da presente obra, inúmeras e infindáveis vezes, a aplicação do número cinco, na Maçonaria.

Dentro das cinco vogais do alfabeto, encontraremos na análise do nome e da assinatura do Companheiro, os significados numerológicos mental e espiritual, deixando para as consoantes a descrição da parte físico-material.

O número cinco na análise do nome, simboliza o estigma do acidente, da veleidade, da leviandade.

Um número, portanto, tem significado simbólico diverso, dependendo de sua aplicação.

Se podemos atribuir ao número cinco tantas atribuições, da mesma forma, podemos aos demais números de 1 a 9, dar-lhes atribuições específicas.

## A Estrela de Cinco Pontas

Obviamente, nenhuma estrela possui "pontas"; essas "pontas" constituem os "raios" construídos pela visão humana; na realidade, todo corpo celeste tem o formato de um globo.

Porém, foi dado ao homem, na posição de pernas e braços abertos, a afigura de uma estrela.

Os raios simbolizam a luz que as estrelas emanam; Luz que o Homem, também, pode emanar.

Não cabe aqui nos aprofundarmos sobre conceitos astronômicos, mas tão-somente, pesquisarmos sobre o que o Ritual do Grau 2 nos informa.

O "Pentalpha" figura geométrica construída pelos pitagóricos, tem como base um triângulo; a união de cinco dessas bases forma a Estrela de Cinco Pontas, que se constitui como o emblema da Perfeição e da Sabedoria.

A Estrela de Cinco Pontas é o próprio homem: a cabeça, os braços abertos horizontalmente, as pernas afastadas não se vislumbra o "membro viril"; não é o homem como criatura procriadora; é um homem mais espiritualizado que físico.

Essa Estrela é denominada de Estrela de Davi.

A Estrela que contém o "membro viril" é denominada de Estrela de Salomão que possui seis pontas.

Esse símbolo, no Cristianismo Primitivo foi adotado representando o sofrimento que redime; é a alusão às cinco feridas sofridas por Jesus quando pregado na Cruz.

Porém, o símbolo maçônico representa o "quinário" como sendo a Paz e o Amor Fraternal.

Ela representa os cinco sentidos; os cinco elementos do ser: matéria, espírito, alma, força e vida.

Na Loja de Companheiro, a Estrela de Cinco Pontas vem representada de forma tosca, simples e quase primária; é um luminoso cujo centro contém a letra "G" e que se acende somente por ocasião em que a Loja enceta seus trabalhos no Segundo Grau.

Vem colocada acima do trono do Segundo Vigilante, pois a coluna do Sul é a que abriga os Companheiros.

Em muitas Lojas constatamos que essa Estrela é colocada na parte frontal do dossel do Venerável Mestre, o que nos parece inadequado.

Ela tem, também, a denominação de Estrela Flamígera, pois desprende “raios” luminosos, simbolizando emanar a Luz apropriada para iluminar o Companheiro.

*Penta* em grego expressa o número cinco e serve de prefixo para um sem número de palavras, como enumeramos acima e especialmente o **Pentagrama** que é usual em maçonaria, sendo a figura geométrica formada por cinco triângulos agrupados; assim, o polígono de três lados continua sendo a base de todas as medidas; daí a sua aplicação na trigonometria.

O número cinco é tomado como medida; por exemplo; o lustro, que se compõe de cinco anos; a felicidade que é composta de cinco fases: — o adorno, o amor, o socorro, o trabalho e o gozo; o mundo que se divide em cinco grandes partes:

Europa, Ásia, África, América e Austrália.

Ao Companheiro, ao ser elevado à sua Câmara, são feitas cinco perguntas; faz cinco viagens; a bateria de seu Grau é executada por cinco vezes; cinco são os pontos da Esquadria que forma para executar sua postura; cinco são os seus toques; deverá subir cinco degraus; cinco são as luzes que iluminam seu trajeto; a Estrela do Grau tem cinco pontas; cinco são os anos de estudo e dedicação; os instrumentos de trabalho são cinco: o **martelo**, o **cinzel**, o **esquadro**, a **régua** e o **avental**.

No presente trabalho nossa preocupação diz respeito, exclusivamente, ao estudo do Ritual; diremos, então, apenas, sobre a liturgia sem maior aprofundamento numerológico.

O Pentalfa, figura geométrica construída pelos pitagóricos, tem como base um triângulo; a união de cinco dessas figuras forma a Estrela de Cinco Pontas que se constituiu como o emblema da Perfeição e da Sabedoria.

A Estrela de Cinco Pontas simboliza o próprio homem; a cabeça, os braços e as pernas, ocultando o “membro viril” revelado na Estrela de Salomão que possui seis pontas, sendo a sexta ponta representativa do órgão reprodutor.

Os cristãos primitivos tomaram a Estrela de Cinco Pontas como símbolo das feridas de seu Salvador.

O símbolo maçônico é “quinário” e representa a Paz e o Amor Fraternal.

A Estrela de Cinco Pontas representa os cinco sentidos do homem e os cinco elementos do ser: a matéria, o espírito, a alma, a força e a Vida.

Toda ponta da Estrela apresenta o lado externo e o lado interno; portanto, a Estrela terá dez pontas, sendo cinco visíveis e cinco invisíveis.

## As Provas do Grau Dois

Todas as “iniciações” que compreendem o Rito Escocês Antigo e Aceito, bem como os demais Ritos usados na atualidade, contêm essas viagens. São as “provas” da elevação.

Por que “viagem”?

O que significa “viajar”, na linguagem maçônica?

Viajar é percorrer uma “vida”, ou seja, um caminho que pode apresentar um princípio, daí dizer-se que o caminho começa com um primeiro passo.

A Iniciação é um caminho a ser percorrido; não é apenas um caminho, mas uma “via” que necessita ser percorrida, vencendo os obstáculos.

Todo caminho é formado de obstáculos.

Cumpra ao homem “caminhar”; a locomoção faz parte do ser humano que, para tanto, possui os meios necessários: as suas pernas.

A falta de uso das pernas as atrofia; o caminhar deve ser firme, enérgico.

O trôpego, o que claudica, como o coxo, jamais vencerão a trajetória de um caminho.

Até há pouco tempo, o “coxo” era considerado um deficiente físico, o que impedia a sua Iniciação.

Nas Sagradas Escrituras, o "coxo" era considerado como pessoa abjeta; mais tarde, o rei Davi, que na sua mocidade fora um atleta valente e formoso, na maturidade, por um acidente, passou a claudicar; sendo rei, esse seu defeito, amenizou o conceito antigo de que o coxo seria pessoa "marcada" e mal recebida. A partir daquele evento, não mais os coxos seriam perseguidos e afastados do convívio social.

Para encetar uma viagem devemos considerar várias etapas: a sua duração no tempo; a sua distância, no espaço; o leito da estrada, as suas imperfeições, os obstáculos; se o caminho será contínuo ou se há precipícios que o interrompem, águas que dificultam a passagem; intempéries; poeira, nevascas ou calores excessivos, enfim, o aspecto "físico" do caminho.

Devemos considerar a preparação do viandante; seu trajar; o calçado, os abrigos, o alforje para guardar os alimentos; os meios para a subsistência; os perigos dos salteadores, dos animais selvagens.

A escuridão da noite.

As viagens iniciáticas são percorridas a pé. Na Idade Média, a idade dos cavaleiros, das aventuras do combate, da bravura e da habilidade, a montaria era meio necessário para vencer a viagem.

A Maçonaria não cogita de meio de transporte; é o esforço humano que está sob o desafio.

As viagens iniciáticas devem ser vencidas!

Elas, obviamente, são simbólicas; mas no seu simbolismo, há preciosas lições para serem absorvidas.

Na maioria dessas viagens iniciáticas, o viandante tem os olhos vendados; não enxerga o caminho; necessita de um guia.

Embora adulto, o homem por si só não pode percorrer a via que lhe é indicada; ninguém pode viver só.

O acompanhante, por sua vez, passou pelas mesmas dificuldades, porém teve ao seu lado um "irmão" que com todo desvelo e carinho, o soube conduzir.

E a lição da fraternidade.

A Iniciação ensina, também, que o agrupamento fraternal torna o caminho suave permitindo a sua total exploração; à margem da estrada colhemos os frutos da experiência; é o caminho da vida, longo por natureza, podendo, porém, encurtar-se se o carma assim determinar; se o destino assim previu.

Cinco situações são evidenciadas nessas viagens iniciáticas: a primeira, é consagrada aos cinco sentidos do homem; a segunda objetiva o estudo das cinco ordens arquitetônicas: dórica, jônica, coríntia, compósita e toscana; a terceira é dedicada às artes liberais: gramática, retórica, lógica, música e astronomia; a quarta simboliza a dedicação à memória dos grandes filósofos do passado: Sólon, Sócrates, Licurgo, Pitágoras e da inscrição I.N.R.I.; a quinta e última viagem é dedicada à glorificação do trabalho.

Em capítulo à parte serão estudadas, com maior profundidade, essas viagens.

\*\*\*

O Companheiro ascende cinco degraus; defronta-se com cinco tonalidades visuais: azul, vermelha, negra, incolor e branca.

A incolor denomina-se também, policrômica, resultante da soma das cores do espectro solar e que corresponde à "quintessência".

Toda filosofia do Segundo Grau vem representada na idade do Companheiro, que é cinco anos.

Há um trabalho para o Companheiro; simbolicamente, é de doze horas: metade de

dia e metade de noite.

Expressa o equilíbrio; como já aludimos anteriormente, esse trabalho enceta ao meio-dia, quando o Sol está a pino e não faz sombras; supõe-se que o Companheiro já tenha feito a sua refeição.

Essa deve ser substancial pois, nas próximas doze horas, não ingerirá alimento material algum; subsistirá pela força espiritual; seu alimento será o sublimado.

O início dos trabalhos obedece a um cerimonial devendo todos estar de pé e à ordem.

O Primeiro Diácono sai do seu lugar, que é à direita do Venerável Mestre e abaixo do sôlio de seu trono; sobe os degraus, posta-se, atento, à frente do Venerável Mestre e o saúda maçonicamente, como Companheiro.

E a primeira saudação que o Venerável Mestre recebe desde que foi declarado pelo Primeiro Vigilante que o Templo se encontra a coberto.

A saudação é respondida; nessa resposta, o Venerável Mestre pode limitar-se a imitar os gestos que compõem a saudação; ou, se está empunhando o Malhete, coloca esse sob o peito, erguendo a esquerda, em forma de "Estandarte", espalmando a mão; na palma de sua mão processa-se um intercâmbio; recebe as vibrações do Primeiro Diácono mas as devolve porque as recebe "refletidas"; como se fora uma tela de "radar", guarda parte das vibrações que lhe servem de alimento.

Identificado o Companheiro que saudou, pelas vibrações que se ajustam ao ato litúrgico, o Venerável Mestre estende a destra que o Companheiro toma; ambos trocam o sinal convencional e o Diácono recebe no ouvido direito, sussurrada, a Palavra de Passe.

O Primeiro Diácono passa a ser um recipiendário; desce as degraus do Trono, levando consigo todo peso e responsabilidade de ser o condutor de uma "sacralidade".

Ele a conduz, com todo cuidado, alegria e respeito, ao Primeiro Vigilante.

O cerimonial é repetido. O Primeiro Diácono liberta-se da responsabilidade de ter conduzido a mensagem tão preciosa e coloca-se à frente da Coluna "B" ao lado da Vigilância.

O Segundo Diácono ergue-se de seu lugar dirigindo-se ao Primeiro Vigilante para receber o que ele tem para lhe dar; a cerimônia é idêntica; desloca-se o Segundo Diácono para o "território" do Segundo Vigilante, e após percorrer íngreme caminho, entrega a sacralidade recebida e posta-se à frente da Coluna "J".

Os Diáconos empunham com a direita a "férula", que tem o formato de um bastão.

Essa "férula" provém da mitologia; Prometeu, cumprindo ordens de um deus superior, conduzido por Diana em seu carro, sobe aos céus, e furta de Vulcano o fogo; esconde-o em seu bastão oco e o entrega ao deus que lhe solicitara a aventura.

Os Diáconos, obviamente, não conduzem em suas "férulas" fogo algum; porém esse fogo existe no aspecto espiritual simbolizando a "nova do conhecimento".

Finda a cerimônia da condução da Palavra Sagrada, surge por detrás dos Diáconos o Mestre de Cerimônias, conduzindo o Oficiante que abrirá o Livro Sagrado.

O Oficiante encera uma marcha e quando passa pelos Diáconos, esses o seguem, ficando um passo atrás; o Mestre de Cerimônias, por sua vez, acompanha os Diáconos que lhe estão à frente; chegado o Oficiante ao Ara, os Diáconos e o Mestre de Cerimônias erguem as suas "férulas" e formam o "pálio", cruzando os bastões; sob essa pirâmide protetora, o Oficiante ajoelha-se, e abre o Livro Sagrado na forma convencional do Grau.

A parte, já descrevemos a respeito da leitura bíblica.

Contudo, é útil recordar que o Oficiante tem um papel muito relevante no cerimonial.

Existem "variações" toleradas a respeito, sobre quem recai a responsabilidade de "oficiar" a abertura da Loja.

A praxe atual indica o ex-Venerável, aquele que senta, sempre, à esquerda do Venerável Mestre para orientá-lo.

A tradição determina que seja o Orador, na condição de Guarda do Livro da Lei; houve época em que a tarefa competia ao Primeiro Experto.

Não podemos esquecer que a figura do Ex-Venerável, denominado também, de "Past-Master" (mestre que passou), surgiu em 1750, formando o Colégio dos ex-veneráveis, com a finalidade de orientar a Loja nas decisões mais importantes.

Antes dessa data, o Venerável que passou não recebia nenhuma honraria nem encargo.

Portanto, sendo de relativa e recente data a criação do "Past-Master", não se pode considerar como tradição maçônica.

A instalação de um Venerável Mestre, desde 1750 obedece a um Ritual específico; um misto do Rito de York e do Escocês Antigo e Aceito.

Em torno desse Rito específico, surgiram variantes, como a de não permitir que suba ao Trono da Venerança, quem não tiver, antes, exercido a função de Venerável Mestre.

No caso de um impedimento eventual do Venerável Mestre, quem lhe sucederia, seria, naturalmente, o Primeiro Vigilante; mas se esse não tiver exercido um veneralato, antes, estará impedido de exercer a sua tradicional substituição; será chamado, então, para isso, o ex-venerável presente na Loja; se houver mais de um, será escolhido pela ordem, o mais recente e na ausência desse, o mais antigo.

Certas cerimônias de abertura de uma Loja ou de seu fechamento, aparentemente são idênticas.

No entanto, as "Posturas", ou os "Sinais", as "Saudações", as "Palavras Sagradas e de Passe" e a "Leitura Bíblica", são diferenciações substanciais que alteram profundamente a "mística" da Loja.

Quando se evidencia, no Templo, o surgimento da Egrégora, essa não constitui um único personagem místico-espiritual.

Para cada Grau, surge uma nova Egrégora, pois trata-se do Corpo Místico da Loja. O Corpo Místico de um Grau não será o mesmo do de outro Grau, porque a Loja Grupal é formada por maçons que se encontram em planos espirituais diferentes.

Um dos motivos da proibição de um Aprendiz freqüentar uma Loja de Companheiros e Mestres, ou de os Companheiros freqüentarem a Loja de Mestres, funda-se, justamente, nesse aspecto profundamente espiritual.

Porém, em sentido contrário, nada impede que um Companheiro, participe na formação da Egrégora de uma Loja de Aprendiz, bem como o de um Mestre, participar na Egrégora do Primeiro e do Segundo Grau; sem dúvida alguma, o Aprendiz possuirá, apenas, quando um Templo, a benesse de uma só Egrégora; o Companheiro, terá duas Egrégoras e o Mestre, três Egrégoras.

Por sua vez, as Posturas são específicas para cada Grau porque elas surgiram de uma autocondenação que os assassinos do Mestre Hiram Abif propuseram entre si, quando demonstraram arrependimento.

"Arrancar o coração", é um gesto místico que envolve profunda meditação.

"Cortar a garganta", é secionar o fluxo sanguíneo que dá vida ao cérebro; "arrancar o coração", é impedir que esse fluxo de sangue alimente todo o corpo; "dividir o corpo ao meio", na postura do Mestrado, é separar o corpo material do corpo espiritual, destruindo o liame natural que simboliza a união das duas vidas.

As Palavras Sagradas valem pelas vibrações que se criam; um som derivado de certa palavra difere do som de uma outra palavra diferente.

Assim, o estudo de cada Grau tem as suas peculiaridades intrínsecas que, embora cobertas por "véus", não dispensam a atenção que se deve dar aos mínimos detalhes, pois um Ritual é a composição desses detalhes que em conjunto representam uma fase da vida do homem maçom.

O número cinco origina diversas situações, a saber:

<b>Pentacâmara:</b>	<b>fruto de cinco câmaras.</b>
<b>Pentacampo:</b>	<b>fruto que possui cinco carpelos.</b>
<b>Pentacontaedro:</b>	<b>cristal com cinqüenta faces.</b>
<b>Pentacontarco:</b>	<b>comandante de quinhentos homens nos exércitos gregos.</b>
<b>Pentacórdio:</b>	<b>lira com cinco cordas.</b>
<b>Pentacosiomedismo:</b>	<b>renda de ateniense equivalente a uma medida de trigo.</b>
<b>Pentacótomo:</b>	<b>o que se divide em cinco partes.</b>
<b>Pentacróstico:</b>	<b>grupo de versos, compostos de maneira a ler-se cinco vezes o nome que é objeto de um acróstico dividindo-se toda a composição em cinco partes.</b>
<b>Pentadactilo:</b>	<b>o que tem cinco divisões.</b>
<b>Pentadelfo:</b>	<b>estames cujos filetes estão reunidos em cinco fascículos.</b>
<b>Pentaedro:</b>	<b>sólido com cinco faces.</b>
<b>Pentaetéride:</b>	<b>espaço de cinco anos que decorria entre duas celebrações sucessivas dos grandes jogos gregos.</b>
<b>Pentagiota:</b>	<b>escrito em cinco idiomas.</b>
<b>Pentágono:</b>	<b>polígono de cinco lados.</b>
<b>Pentagrama:</b>	<b>as cinco linhas da pauta musical.</b>
<b>Pentagino:</b>	<b>que tem cinco pistilos.</b>
<b>Pentalépidio:</b>	<b>partes vegetais que têm cinco estames.</b>
<b>Pentâmetro:</b>	<b>insetos cujo tarso se acha dividido em cinco artículos.</b>
<b>Pentapétalo:</b>	<b>flor que tem cinco pétalas.</b>
<b>Pentápole:</b>	<b>reunião de cinco cidades.</b>
<b>Pentapilo:</b>	<b>que tem cinco portas.</b>
<b>Pentarquia:</b>	<b>governo exercido por cinco chefes.</b>
<b>Pentaspermo:</b>	<b>que contém cinco sementes.</b>
<b>Pentassílabo:</b>	<b>que tem cinco sílabas.</b>
<b>Pentateuco:</b>	<b>os cinco livros de Moisés.</b>
<b>Pentatio:</b>	<b>conjunto dos cinco exercícios dos atletas gregos.</b>
<b>Pentátono:</b>	<b>intervalo de cinco sons na antiga música grega.</b>
<b>Pentacampeão:</b>	<b>(brasileirismo) campeão por cinco vezes.</b>
<b>Pentacapsular:</b>	<b>que tem cinco capsulas; etc. etc.</b>

O número cinco traduz a essência vital, a vida espiritual, o aperfeiçoamento genealógico e a própria força intelectual.

Ele representa os elementos da natureza: a terra, a água, o ar e o fogo, e a semente ou germe.

Essas cinco viagens do Companheiro apresentam significado grandemente simbólico: a primeira viagem é consagrada aos cinco sentidos do homem; a segunda diz respeito ao estudo das cinco ordens arquitetônicas: Dórica, Jônica, Coríntia, Compósita e Toscana; a terceira é dedicada às artes liberais:

Gramática, Retórica, Lógica, Música e Astronomia; a quarta simboliza a memória dos grandes filósofos: Sólon, Sócrates, Licurgo, Pitágoras e a inscrição INRI; a quinta e última viagem, é dedicada à glorificação do trabalho.

As três primeiras viagens têm seu término junto ao Trono do Segundo Vigilante; a quarta e a quinta viagens são concluídas junto ao Trono do Primeiro Vigilante; o novo Companheiro deverá ascender cinco degraus que simbolizam as cinco etapas da elevação; essas etapas podem ser representadas através de cinco tonalidades: azul, vermelho, negra, incolor e branca.

Essa última, denominada de "incolor" ou de "policrômica" (a soma das cores) corresponde à "quintessência".

Assim, a idade do Companheiro maçom expressa toda filosofia do Companheirismo.

A Loja do Grau Dois trabalha, simbolicamente, durante doze horas que abrangem metade do dia e metade da noite.

Expressa o equilíbrio, pois os trabalhos iniciam quando o Sol se encontra em seu zênite, ou seja, no centro da Abóbada Celeste e que corresponde ao meio-dia.

Nesse exato momento, o Sol não faz sombra sobre o maçom que se encontra em posição neutra e recebe integralmente os benefícios dos raios solares, da luz do Astro Rei.

Quando o maçom conclui o seu trabalho, à meia-noite, também, não havendo mais Sol, inexistirá sombra; a parte material desaparece na escuridão para permanecer apenas o físico interior.

No Templo Interior do maçom, não há meio-dia nem meia-noite, pois o Sol nunca se põe.

O Sol é representado por Jesus, filho de Deus.

Leonardo da Vinci, ao pintar a sua famosa Ceia, dispôs em torno da mesa de formato quadrilongo, no centro ao Mestre, à sua direita, cinco discípulos; à sua esquerda, outros cinco, na parte lateral da mesa, a um discípulo e na outra lateral o último.

Cada Discípulo, representando uma figura do Zodíaco; pela posição, semblante e vestuário, Da Vinci registra com fidelidade cada Signo. Nota-se, portanto que os Signos são assim distribuídos:

<b>Simão Pedro:</b>	<b>Sagitário</b>
<b>André:</b>	<b>Capricórnio</b>
<b>Tiago:</b>	<b>Leão</b>
<b>João:</b>	<b>Libra</b>
<b>Filipe:</b>	<b>Câncer</b>
<b>Bartolomeu:</b>	<b>Peixe</b>
<b>Tomé:</b>	<b>Virgem</b>
<b>Mateus:</b>	<b>Gêmeos</b>
<b>Tiago:</b>	<b>Aquário</b>
<b>Tadeu:</b>	<b>Touro</b>
<b>Simão o Zelador:</b>	<b>Áries</b>
<b>Judas:</b>	<b>Escorpião</b>

## A Palavra Sagrada, A Palavra de Passe, O Sinal do Grau

"Depois, levantou as Colunas no pórtico do Templo; e levantando a Coluna direita, chamou o seu nome *Jaquim...*" (1º Reis, capítulo 7, versículo 21 da História Sagrada).

"Jaquim" significa: "Estabilidade". Autores há que lhe dão origem grega, palavra composta de "Jah", que significa Deus e "jachin", que quer dizer estabelecerá; ou seja, "**Deus estabelecerá**"; maçonicamente, representa a "Coluna da Beleza".

As Sagradas Escrituras não esclarecem dos motivos que o Rei Salomão tivera para colocar a palavra "Jaquim" na Coluna do Sul.

O nome Jaquim é encontrado várias vezes no Livro Sagrado; no Gênesis, surge como o quinto filho de Simeão, filho de Jacó e pai dos Jaquinistas, que formavam uma associação conhecida como a dos "homens justos".

Em Crônicas, encontramos um chefe de uma família de sacerdotes a serviço do Templo.

A Coluna denominada de Jaquim e que se poderá resumir como a Coluna "J", recebe outros significados, como o da Estabilidade, Firmeza, Durabilidade, Eternidade, Imortalidade, Constância, Engenho, Talento, Perseverança...

O consagrado princípio maçônico: **"A minha Perseverança está no Bem"**, constitui a base sólida para que Hiram gravasse a inicial "J" na Coluna do Sul, no átrio do Templo de Salomão, Coluna que, junto com a do norte e inicial "B", sustêm o Mundo Simbólico Maçônico.

A Coluna "B" sustêm o mundo material; a Coluna "J" sustêm, o mundo espiritual.

A Palavra Sagrada do Primeiro Grau representa a matéria com todas as suas forças; a Palavra Sagrada do Segundo Grau, simboliza as forças espirituais; somadas, constituem a força real e verdadeira da Maçonaria real, no sentido material; verdadeira no sentido espiritual.

Deve-se assimilar o significado da palavra "Jaquim", dentro do filosofismo profundo emanado de um dos principais símbolos do Segundo Grau: a sua Coluna Mestra.

Como o aprendiz foi chamado para a prática de atos de elevada moral, magnitude e poder, o companheiro, já de posse daquelas virtudes, dirige o seu interesse no sentido de desenvolver de forma consciente as obras sociais, científicas e morais que beneficiam a Humanidade, preparando as gerações vindouras.

A tarefa maçônica constitui o saber ser útil à Sociedade, à Pátria e à Humanidade, mesmo que isto traga sacrifícios e em resumo, conscientizar-se o maçom de seus deveres para com o Ser Supremo, para com o seu semelhante e para consigo mesmo.

Estas práticas decorrentes do significado da Palavra Sagrada, não são executadas dentro das Lojas, pois não é trabalho imediato e coletivo, mas sim, fora da Loja, na condição de membro da Sociedade, cidadão e chefe de família, bem como dirigindo o seu cuidado para consigo mesmo, em todos e amplos sentidos; será o reflexo da dedicação e do estudo que sai de dentro da Loja, espalha-se pelo Mundo, e penetra no próprio maçom.

## A palavra de passe

As Palavras de Passe do Rito Escocês Antigo e Aceito, têm origem nas Sagradas Escrituras eram, inicialmente, conservadas em hebraico.

Na célebre reunião em Lausanne, quando os Ritos foram separados em simbólicos e filosóficos, sendo os três primeiros Graus, denominados de Maçonaria Azul e os trinta seguintes de Maçonaria Vermelha, ficou estabelecido que cada nação traduzisse essas palavras hebraicas, adaptando-as à linguagem de seu próprio país.

Contudo, o Brasil não aderiu ao que fora convencionado, preferindo manter a linguagem hebraica, o que causa certo embaraço porque as palavras são difíceis de pronunciar, de serem compreendidas e sobretudo de serem memorizadas.

A Palavra de Passe do Segundo Grau, tem origem nas épocas em que o exército dos efrimitas atravessou o rio Jordão para combater Jefté, famoso general gileadita.

A desavença originou-se do fato de não terem sido os efrimitas convidados a participarem da honra da guerra amonita, o que quer dizer, da não participação nos ricos depósitos dos vencidos.

Os efrimitas eram turbulentos e se empenharam na destruição dos gileaditas.

Jefté tentou por todos os meios contornar a crise, em busca da paz e, na impossibilidade, aceitou o desafio, lutou e venceu, derrotando-os e pondo-os em fuga.

Para tornar definitiva a sua vitória, Jefté enviou destacamentos para guardarem as passagens do rio Jordão, por onde tentariam os insurretos retornar ao seu país.

Deu ordens drásticas para que todo fugitivo que tentasse retornar, fosse executado.

Como os efrimitas eram astuciosos, usaram de todos os subterfúgios e estratégias para enganar os soldados guardiães.

Por defeito vocal, os efrimitas não podiam pronunciar a palavra "Schibolet", com o som de xis, mas diziam "Sibolet", com "s" sibilado.

Esse defeito foi usado por Jefté, e todos que tentavam ultrapassar o rio Jordão, e pronunciassem a palavra erradamente, eram mortos.

As Escrituras Sagradas informam — Livro dos Juizes, capítulo 12, versículos 1 a 7 — que morreram, no campo de batalha e na tentativa de regresso, 42.000 efrimitas.

Como a palavra "Schibolet" resultou numa senha segura, o Rei Salomão a usou, posteriormente, como Palavra de Passe para os Companheiros.

Esta palavra foi adotada pela Maçonaria, tanto pela sua origem histórica, como pelo seu significado.

Apesar de sua origem hebraica, a forma de grafia difere um pouco, entre os maçons de várias nacionalidades.

Nas Escrituras Sagradas, versão brasileira, vem escrita como "Chibolete"; originariamente, deveria ser escrita como "Schibolet"; há outras formas usadas: "Schibbolet", "Chibolett", "Shibolet", "Cibolet", "Schibolê", etc.

Em hebraico significa "espiga de trigo"; "corrente de água".

"Numerosos como a espiga de trigo", no sentido de "união", como simbolizam os seus grãos unidos.

A Palavra de Passe representa o Reino Vegetal.

O trigo sempre foi considerado um grão sagrado, indispensável à vida humana; o pão cotidiano, tomado por Jesus o Cristo como símbolo de sua própria carne.

No que diz respeito à "Corrente de água", seu simbolismo foi tomado, por ser a água um dos principais elementos da Natureza, indispensável à vida.

O trigo vale quando estiver maduro; estará pronto para servir de alimento; quando os seus grãos estiverem secos e puderem, moídos, fornecer a farinha.

O trigo tem relação íntima com os mistérios de Elêusis; em grego, "stachys" tem como raiz o elemento "sta" que se pode traduzir por "estar"; a espiga de trigo vem colocada como: "a que está", ou "estacionada", que equivale dizer, "sazonada" amadurecida, atingido a posição que alcançou após passar pelo ciclo evolutivo natural.

Em hebraico, a etimologia da palavra "trigo" tem a raiz semítica *sb/* que significa "derramar", "espargir", "proceder"; a palavra "shabil" traduz-se como "sendeiro" ou "caminho".

Em resumo, pode-se entender que o trigo é um ramo produzido por uma corrente de água, através de um caminho percorrido, produzindo "pedras preciosas", ou "grãos preciosos".

"Cibelis", introduzida dentro do hebraico, ou seja, a "Terra fecunda e produtiva", o que é muito considerado nos Mistérios.

Em grego, "sibo lithon", ou "sebo lithon", que significa "cultivo" ou "honro a pedra".

Em latim, "spica", que significa "agudez", ou "penetração", relacionando-se com o verbo "spezere", "olhar".

Em sânscrito, "spac", seguindo o mesmo sentido latino.

Portanto, a palavra "Schibolet" reúne os significados de "estabilidade produtora", "caminho fecundo", "maturidade elevada", "produção preciosa" e "penetração clarividente".

A espiga de trigo encontra-se representada, também, no firmamento como a estrela mais luminosa da constelação de Virgo; trata-se de um símbolo comum a todos os Mistérios da antigüidade.

Encontramos as espigas de trigo ornamentando os cabelos das deusas egípcias; na liturgia Católica Romana, a espiga, simboliza a Eucaristia.

Nos Mistérios de Elêusis, comparava-se o iniciado com uma espiga de Trigo, como produto fecundo do esforço vertical e da atividade do grão oculto no seio da terra, germinando favorecido pela umidade, abrindo caminho, contornando as dificuldades e vencendo a força da gravidade, em busca dos benéficos raios solares, até que o esforço seja gratificado com o amadurecimento do fruto, que passa a ser útil para a vida.

O mistério da fecundidade encontra na espiga de trigo o seu símbolo máximo.

Germinando o grão, crescendo a planta, no sentido oposto à força da gravidade de seus instintos e paixões, o aprendiz vence e se transforma em companheiro, quando se encontra se estabelece no plano elevado, para amadurecer e por sua vez frutificar.

O grão de trigo amadurecido tem duas funções: a de servir como alimento e a de ser semente para multiplicação.

O aprendiz é grão de trigo com vida latente, que conserva o mistério da reprodução. Conservado em lugar e ambiente apropriados, não germina, mas subsiste.

Temos exemplos por demais conhecidos, de grãos de trigo encontrados nos túmulos dos faraós egípcios que após cinco ou mais milênios, plantados e umedecidos, germinaram e produziram frutos.

O trigo tem a faculdade de manter-se indefinidamente íntegro. O aprendiz, por sua vez, dados os conhecimentos que armazenou, também pode manter-se íntegro, com força latente, esperando a oportunidade de encontrar terra fértil e úmida para germinar.

Sendo o aprendiz o próprio grão de trigo, pode permanecer, indefinidamente, no estado de grão, porque tem consciência de que o Grande Arquiteto do Universo há de prover o seu destino.

Destino, aqui, deve ser entendido como “destinação”, ou seja, a missão que deverá cumprir dentro da multiplicidade maçônica, refletida nos seus diversos graus.

O companheiro é o “grão de trigo *germinado*”; ele tem pressa de germinar, porque deseja a multiplicação de grãos; no entanto, assume o risco de ser “lançado” em lugar impróprio, e secar ou ser devorado pelas aves.

A parábola do semeador é ilustrativa; ei-la:

***“Eis que o semeador saiu a semear. E, quando semeava, uma parte da semente caiu ao pé do caminho, e vieram as aves, e comeram-na. E outra parte caiu em pedregais, onde não havia terra bastante e logo nasceu; porque não tinha terra fecunda. Mas, vindo o Sol, queimou-se, e secou-se, porque não tinha raiz. E outra caiu entre espinhos, e os espinhos cresceram e a sufocaram. E outra, caiu em terra boa, e deu fruto; um a cem, outro a sessenta e outro a trinta”.*** (Mateus 13-3:8)

A sabedoria do Mestre demonstrou que apenas uma quarta parte da semente germina e produz fruto.

Atirar em lugar fácil, cômodo e precipitadamente, os ensinamentos maçônicos, equivale semear ao longo do caminho, onde facilmente, a semente é colhida pelos oportunistas. A palavra torna-se vã e não produz resultado algum.

Atirar os ensinamentos maçônicos em local inapropriado, posto que com resultados aparentes, mas superficiais, equivale aos que trazem, afoitamente, para dentro das Lojas os entusiasmados e levianos profanos; aparentemente, integram-se no ideal, mas não sintonizam, espiritualmente; o entusiasmo fenece sufocado pelas paixões e interesses egoísticos.

O sol que é luz, nem sempre dá benefícios através de seus raios; pode queimar e prejudicar. Muitos se queimam, e jamais retornam às lides maçônicas.

Os tímidos e despreparados, aceitam o convite, mas logo se vêem sufocados pelas circunstâncias e desanimam, retirando-se, porque o meio ambiente não lhes é propício.

Finalmente, quando a semente é lançada em terra adubada, úmida e dada toda assistência, o aprendiz aproveita a oportunidade e cresce, lutando para seguir um caminho vertical, criando raízes profundas para que os ventos não o perturbem, subindo em direção da luz e do calor.

Com o devido tempo, dentro do plano Divino, o aprendiz encontra já como companheiro, o caminho de seu ideal. Percorre dentro da verticalidade, também, paralelamente, o caminho horizontal da fraternidade, do bom exemplo e do aproveitamento das lições que recebe.

A Palavra de passe tem este significado: a trajetória encetada pelo aprendiz em busca do mestrado.

O companheiro é grão germinado; cresce, floresce e produz fruto, porém, ainda, permanece na “dependência” do agricultor, que o protege das pragas; que arranca de seu lado a erva daninha; que procura manter a umidade do solo.

A Loja como um todo que significa a Fraternidade, representa o agricultor consciente e preparado; se assim não for, toda Loja perece, seca, e é lançada ao fogo.

## O sinal do grau

Cada Grau, dentro do Rito Escocês Antigo e Aceito, possui, também, um sinal característico, feito em Loja.

O "de pé e à ordem", é uma "postura", feita de pé; os pés em esquadria; corpo ereto; mão esquerda espalmada, mantido o polegar afastado, formando um ângulo de 90º; braço erguido, formando com o antebraço, outro esquadro; a mão não poderá ultrapassar a altura da cabeça, com o significado de que a mente deve estar, sempre, em posição mais elevada.

A mão esquerda é o embrião de um estandarte que em Graus mais avançados passa a ser usado; o homem sempre, criou para si uma imagem de vitória, uma bandeira, um estandarte, algo que pudesse transportar, mostrando poder e conquista.

Sua mão esquerda revela, por outro lado, através de seus sinais, suas linhas e elevações, uma como que "carteira de identidade", comprovando, a todos, ser um indivíduo "aberto", que não teme revelar o seu "passado" ou o que lhe reserva o futuro.

A quiromancia, do grego: "kheir = mão"; "manteia = adivinhação", constitui uma ciência-arte de adivinhar o caráter e o futuro de uma pessoa, pelo exame das linhas, sulcos e elevações das palmas das mãos; a quiromancia era praticada por todos os povos da antigüidade; egípcios, caldeus, assírios e hebreus; foi estudada pelos filósofos gregos e latinos; na Idade Média, foi muito cultivada.

No início do século XVII, o capitão francês d'Arpentigny e seu amigo Desbarolles publicaram as primeiras obras sobre a matéria.

O exame do quiromante é procedido, preferencialmente na mão esquerda, que é a menos deformada pelo trabalho e tida como a mão do "coração".

As primeiras quatro linhas a serem estudadas que formam um "M" (maçonaria) constituem a "Linha da Vida", a "Linha da Cabeça", a "Linha do Coração" e a "Linha da Fortuna ou da Sorte"; esta última linha tem o nome, também, de "Linha de Saturno".

As saliências, que se encontram na base dos dedos, representam o "Grau das Qualidades".

O "Monte de Júpiter", indica a "religião", a "ambição", a "alegria e a felicidade"; o Monte de Saturno, revela a sabedoria e a sorte.

O "Monte de Apolo" ou do "Sol", diz respeito à glória, à inteligência e ao gosto do belo; o "Monte de Mercúrio" revela o "amor ao trabalho", a inclinação para o "comércio" e para a "ciência; o "Monte de Marte" representa a "coragem"; o "Monte da Lua", descobre a "melancolia", o "sonho" e a "castidade"; o "Monte de Vênus", refere-se à "caridade", à "elegância" e ao "amor".

Também são estudadas as linhas secundárias, as "cruzes", as "estrelas" e os "ângulos". Hoje a quiromancia é uma prática em desuso, porém, o estudo das palmas das mãos assume novos campos da Psicologia.

Se o sinal do aprendiz é feito com a mão espalmada para baixo, o sinal do companheiro, a mão é erguida, produzindo fortes efeitos esotéricos.

As mãos assumem importância vital por serem a expressão "mais forte" do sentido material do tato.

Um contato entre mãos, consola, alivia e traduz sentimentos.

Foi sempre o gesto das mãos que trouxe cura para os enfermos; nenhum ritual se desenvolve sem os adequados movimentos das mãos.

Jesus usou muito o toque das mãos para os seus milagres.

Na "Cadeia de União", o estreitar das mãos deve ser forte e deve-se sentir, através desse aperto, a passagem da energia.

Nos cultos as mãos têm função mística, seja no gesto de uma extrema unção, ou no símbolo da bênção.

O aprendiz maçom usa as mãos para desbastar a Pedra Bruta; o companheiro as utiliza para burilar essa pedra, com gestos precisos.

Paulatinamente, educando-as, o homem aprende a usá-las para dar a cada uma tarefa diferente, usando-as ao mesmo tempo, como o faz o pianista e o tocador de violão.

Com o buril em uma das mãos, e o maço em outra, a obra surge, entre vigor e beleza.

A energia é transmitida em grande parcela através das mãos, saída das forças advindas de um Poder Central; aquele que se empenha em doar, receberá em proporção maior; não se trata, apenas, de uma "troca", nem singela a comunicação, mas um real contato dinâmico, distribuindo equilíbrio.

Porém, a dádiva, não vem somente através do contato; no caso do companheiro, ao erguer a mão esquerda, essa dádiva vem distribuída pelo simples fato de que, antes, é captada, e após, refletida. A mão torna-se "receptora-transmissora" de ondas elétricas, magnéticas, enfim, distribuidora de benesses.

A mão esquerda, erguida e espalmada, torna-se um elemento de acumulação; o acumulador não acumula somente; na proporção que acumula, gasta a energia acumulada.

As forças contidas no ser humano, não podem ser, apenas, armazenadas; é preciso distribuí-las para que possa haver maior produção e criatividade; é o preceito evangélico do: "dá e receberás".

Chegado o Oficiante ao Altar, toma com ambas as mãos o Livro Sagrado e lhe faz a leitura.

O "verbo" é precedido da energia emanada do Livro que passa para as mãos em primeiro lugar, para distribuir-se, após, por todo o corpo.

A "mãos" traduz poder; lemos no Livro do Êxodo, capítulo 7, versículo 4: "**Colocarei a minha Mão sobre o Egito**", disse Jeová.

E mais adiante: "Quando Moisés erguia a sua mão, os israelitas venciam".

E no Livro do Deuteronômio, capítulo 32, versículo 40, lemos: "Eu ergo a Mão ao Céu, e digo...".

O sinal do companheiro é completado com a mão direita em forma de "garra", sobre o coração.

O significado desse gesto diz respeito ao juramento do Grau de que prefere que lhe seja arrancado o coração e dado como pasto aos abutres, que revelar os segredos recebidos.

Esse castigo provém da mitologia grega, que descreve o suplício de Prometeu.

Prometeu, deus ou gênio do fogo, filho do titã Japeto e irmão de Atlas, é dado como iniciador da primeira civilização humana; depois de formar o homem com o limo da terra, furtou, para o animar, o fogo do céu.

Júpiter o castigou e mandou Efaisto acorrentá-lo no cimo do Cáucaso onde um abutre lhe devorava o fígado que continuamente se recompunha.

Hércules, posteriormente, o liberta, matando o abutre.

O abutre representaria o pensamento negativo que atormentava o coração de Prometeu, tornando-o impotente através das cadeias que o atavam.

O coração, sempre, simbolizou o princípio vital, que anima o organismo.

O limo da terra, formado de pó e água, significa o produto da evolução natural dos elementos, de cima e baixo do mais denso ao mais sutil. É o centro do homem, a sua consciência, o seu Eu.

O fogo sagrado que Prometeu buscou no Céu, é a chispa divina, a razão que no homem é dirigida por Júpiter, ou seja, o Criador.

O castigo, obviamente, não é decorrência da revelação dos discutidos "segredos maçônicos", mas sim, o retorno às paixões da carne, com o abandono das elevadas conquistas espirituais.

Júpiter não representa castigo ou vingança, mas o cumprimento da Lei Universal; cada ser, se autocastiga pela desobediência.

Vulcano, o mitológico deus encarregado do castigo a Prometeu, representa os "metais" ou qualidades materiais do homem que o escravizam e acorrentam ao Cáucaso da matéria, enquanto não se adapte à verdade.

O abutre é o símbolo do arrependimento interior, o sentimento de culpa que se aninha em seu coração, cômico de sua condição de escravo e do desejo de sua libertação que, ao final, se realiza graças aos seus esforços, personificados por Hércules.

As forças internas e espirituais libertam o homem da escravidão. Ele prefere arrancar

o símbolo da Vida que é o seu coração, que deixar de lutar pela sua total libertação, no esforço da auto-realização.

O companheiro, já "elevado", fiel ao seu ideal deve zelar para não recair na vida anterior, quando se entregava às paixões, tornando-as alimento para os seus desejos inferiores.

O sentimento de culpa e a longa caminhada para vencer os obstáculos, formam o castigo.

O sinal deve ser feito no seu todo, pés em esquadria, corpo ereto, rosto erguido, olhar à frente, lábios cerrados, mão esquerda erguida, mão espalmada, polegar esquerdo em esquadro, mão direita em "garra" sobre o coração.

O conjunto do sinal é que constitui a posição mística do companheiro. Nessa posição de "pé e à ordem" ele jamais poderá ter recaída e retornar ao passado de escravidão; é um sinal de vitória, erguendo o Estandarte, irradiando forças, sustendo seu centro vital de energia e colocando-se em posição vertical, fugindo da horizontalidade material.

Se o sinal recorda o juramento, também demonstra que está observando os preceitos do Grau e mantendo viva a promessa feita no Altar.

O sinal é "armado", obedecendo a uma ordem preestabelecida; ao erguer-se, ou estando de pé, assume o corpo posição de "sentido" militar. A Maçonaria tem posturas e hierarquias militares.

Com todos os músculos sob controle, em primeiro lugar vêm os pés de esquadro, significando que sobre a Terra, entre, os seus semelhantes na família, coloca-se o companheiro dentro de duas linhas retas que se encontram em 90(1], formando um ângulo de ajuste, de equilíbrio e de normalidade.

As suas pernas, quais colunas de um Templo Humano, eretas, mantêm os músculos energicamente distendidos, prontos para enfrentar possível luta.

Seu abdome, pescoço e cabeça, rígidos na expectativa de enfrentar um impacto; são as forças negativas que passam a atingir o homem na tentativa de vencê-lo e escravizá-lo. Prevenido, o companheiro não será, jamais, surpreendido.

Ao mesmo tempo, em gestos sincronizados, ao erguer-se o braço esquerdo, o direito o acompanha e, simultaneamente, espalma-se a mão esquerda e contrai-se a mão direita; são os movimentos opostos do equilíbrio; é a máxima evangélica de que a mão direita não sabe o que a esquerda faz, são atitudes uníssonas, porém, independentes.

Assim, em postura perfeita, o companheiro agiganta-se; o conjunto de gigantes dentro de uma Loja de companheiros, forma a força irresistível de que a Maçonaria tanto se ufana.

## As Cinco Viagens Iniciáticas

O Aprendiz, ao ser elevado ao Segundo Grau, enfrentará mais cinco viagens; já venceu quatro, durante a cerimônia de sua Iniciação; somam, agora, nove viagens.

Toda iniciação maçônica exige, de forma simbólica, a realização de viagens, que significam uma "trajetória" predeterminada.

Toda viagem tem um ponto de partida e um de chegada.

O maçom está sempre "iniciando" um novo momento, simbolizado por uma viagem.

Os egípcios tinham em sua última viagem, um simbolismo muito sutil e acurado; embarcavam em uma "Nau", movida a remo, que percorria, não um "mar" de águas, mas um espaço através do Cosmos.

É uma viagem para o "Infinito", para o "Desconhecido", aos páramos celestiais.

Essa "barca solar", é vista, nos museus egípcios; ela está desenhada, pintada, esculpida, em toda parte, especialmente, dentro dos túmulos violados pela cupidez do homem que, sob a escusa de estudos arqueológicos, tudo destrói.

A viagem é o meio de o Iniciando se afastar do local onde está, para evitar a estagnação e o comodismo.

Mesmo as pessoas religiosas, ao atingirem o "seu próprio patamar", ficam comodamente estáticas, na expectativa de receberem o prêmio.

Em todas as situações, o homem é, em última análise, um acomodado; arrepia-o, a idéia de lutar e progredir; são poucos, por isto, os que vencem.

Um dos maiores defeitos da vida reside, justamente, no "medo" de enfrentar o futuro. Na Maçonaria, e o confirmem os maçons, esse posicionamento comodista se acentua mais.

Em nome de uma "tradição", grupos inteiros, repelem a possibilidade de encontrar novos rumos, enfim, uma "evolução" adequada, racional e justa.

A preferência, contudo, é o afastamento da pesquisa, a espiritualização dos símbolos, que desejam continuem estáticos, enxergando neles tão-somente o lado materialista.

Em nossos livros, insistimos em recomendar aos maçons, como "renovação", o "retorno à Câmara de Reflexões", revivendo o conjunto iniciático que os levou ao renascimento.

Agora, recomendamos — com a mesma veemência — que os maçons "retornem" às suas viagens.

Reviverão as "belas paisagens"; os encontros imprevistos; as dificuldades do caminho, as pedras, os espinhos; as vitórias sobre o que lhes parecia intransponível; o retempero de suas atitudes e comportamento bem como a vivificação espiritual.

Certamente, as viagens maçônicas têm muito de alegórico; são encenadas, posto os organizadores, guias e dirigentes se esforcem em apresentá-las com características de realismo.

A diferença entre as viagens egípcias e as maçônicas reside no fato de que, na Maçonaria, o viajor está vivo; enquanto o egípcio, estava morto.

Quem enceta uma viagem sabe, ou pelo menos, recebe o aviso de que há de enfrentar "perigos".

O Aprendiz, como homem que é, sempre há de "enfrentar perigos", pois, é sua sina; é condição humana.

Quando há possibilidade de surgir um perigo, indubitavelmente, exige-se prontamente, a presença de uma reação.

Essa é a lição que o perigo nos dá; se inexistissem, não haveria os "exercícios de defesa".

A Maçonaria é mestra sábia e experiente.

As viagens alegóricas, servem, além das lições filosóficas que encerram, como exercício; quem venceu a primeira viagem, com certeza há de vencer as que se sucedem.

O próprio mundo é uma nave e o homem seu viajante.

O Mundo "gira", por isso o homem viaja.

O Mundo gira sobre seu próprio eixo e o faz, também em torno do Astro Rei; perambula no Cosmos, e embora seja primário, o homem também gira sobre si mesmo e ao redor do Sol.

Portanto, as modernas naves espaciais, pouco fazem, além do giro natural que o homem faz, anualmente.

Quantas viagens fará o homem entre o nascer e seu próprio ocaso?

As viagens iniciáticas são pálidas idéias da realidade astronômica, vivenciada pelo homem, pelo maçom e pelo Aprendiz.

Partindo da construção do Grande Templo de Salomão, os Aprendizes deviam aguardar durante cinco anos, para passarem à condição de Companheiros.

As cinco viagens cerimoniais e alegóricas, significam os cinco anos de estudo, para alcançarem a elevação.

Os cinco anos são reminiscências de uma Maçonaria altamente sensata e mística; hoje, poderão significar "cinco meses" ou no máximo, como ditam os Regulamentos, doze meses.

De certa forma, dada a grande evolução científica, na realidade, podem ser resumidos; um minuto, equivale a um ano do século passado.

Pitágoras, o eminente pensador grego, exigia de seus discípulos cinco anos de constante aprendizado e de silêncio quase absoluto.

Esses cinco anos de aprendizado eram consumados na companhia quotidiana do Mestre; o silêncio conduzia à meditação.

Cabe aqui, como oportunidade, inquirirmos da razão de os “antigos”, como Pitágoras, fixarem os anos no número cinco, tradição seguida pela Maçonaria, porém, convertidas em cinco viagens.

O fator primordial, diz respeito aos **cinco sentidos humanos**, dedicados à primeira viagem.

Posto todos saibamos, os cinco sentidos humanos são: a visão, a audição, o tato, o olfato e o gosto.

E os animais, têm esses sentidos? Obviamente, os animais superiores possuem esses mesmos sentidos.

Eles constituem um conjunto indispensável à vida; sem dúvida alguma, todo Reino da Natureza possui sentidos; nem todos, os iguais ao homem, mas peculiares a cada espécie.

Há quem diga da existência de um “sexto sentido”; ou de um “sétimo”; nós afirmamos a existência de outros cinco sentidos, de certo modo “paralelos” aos referidos acima, mas que dizem respeito a uma “parte interior” do homem; não chegamos ao exagero de afirmar que sejam “sentidos” espirituais.

Quem já ouviu comentários sobre uma “terceira visão”?

Um “segundo tato”, que seria a “susceptibilidade” despertada por uma agressão, ofensa, ou chamamento aos brios?

A reação psíquica, diante de uma emoção violenta, não seria o despertar de um sentido dual, semelhante ao do tato?

Desenvolvimento a ponto de poder “ver” dentro de si mesmo.

Todos nós sabemos que possuímos órgãos internos, com funções específicas, mas não nos é dado “ver” esses órgãos; somente com a Terceira Visão será isso possível.

A função de tudo o que para nós é invisível, dentro de nós, inclusive as nossas reações psíquicas e sentimentais, torna-se clara; basta “retirar” o que resta das arestas burilando nossos sentidos.

Todas as nossas funções vitais fogem ao nosso controle e somente um profundo iniciado conseguirá acompanhar o ritmo do pulmão e do coração ou a expansão dos pulmões; o processo químico de nossa digestão e as misteriosas intervenções de nossas glândulas; nós só percebemos a presença de nossos órgãos, quando houver disfunções que nos causem dor ou mal-estar.

Estamos de pleno acordo quanto ao auxílio que nos presta a ciência; já é possível “vermos”, através de minúsculas câmaras de TV colocadas dentro de nós, todas as principais funções; mas não são os nossos olhos que contemplam o espetáculo — são as câmaras; no entanto, é possível para quem desenvolveu a sua Terceira Visão, contemplar tudo isso.

Na Primeira Viagem, o Candidato passará a “ver”, a saber usar a sua verdadeira visão e descobrirá tudo aquilo que lhe estava destinado e que na condição de Aprendiz não alcançara.

No entanto, não será apenas o sentido da Visão que se há de desenvolver.

O sentido de Olfato ficará mais apurado; não bastam os “odores” comuns do ambiente; não basta o perfume do incenso ou o cheiro dos pavios das velas.

Há odores infinitamente sutis que o homem não percebe porque não teve interesse em apurá-los.

Podemos exemplificar com aqueles profissionais, “degustadores” e “provadores” de vinhos e perfumes.

Os seus sentidos gustativos e olfativos podem perceber qualidades ou defeitos nas espécies que analisam.

## A Primeira Viagem

A primeira viagem é consagrada ao conjunto dos cinco sentidos; o candidato conduz em suas mãos o malho e o buril e, acompanhado pelo Experto, dá uma volta completa dentro do Templo.

Essa prova, porque a viagem sempre é uma prova, com as que se sucederão, é

realizada no Ocidente; o percurso abrange a parte fora da Câmara do Meio; circunda os corredores onde têm assento os Aprendiz e os Companheiros; obviamente, o assento dos Aprendiz encontra-se vazio, eis que não podem assistir à cerimônia de elevação ao Grau de Companheiro; o percurso abrange o espaço por detrás das Colunas.

O circuito interno, no Templo, significa o "ingresso" dentro de si mesmo; trata-se de uma viagem, realmente, ao desconhecido.

Chegados ao Trono do Segundo Vigilante, o Candidato procura burilar a pedra que se encontra aos pés daquela Vigilância.

Bastam alguns golpes; o que vale é demonstrar que o trabalho de burilagem teve início.

Os cinco sentidos são minuciosamente analisados; o Candidato pode usar livremente do sentido da Visão, pois, ao contrário da Iniciação do Grau de Aprendiz, os seus olhos não estão vendados.

O Candidato procura exercitar a sua Terceira Visão; olha ao seu redor e, especialmente, fixa os olhos do Vigilante, buscando penetrar dentro dele, de sua mente, de seu coração, do ignoto para buscar desvendar o que ainda está oculto.

Certamente, pouco deverá ver; com o constante exercício, a sua Visão Espiritual se desenvolverá.

Desenvolvimento a ponto de poder "ver" dentro de si mesmo.

Todos nós sabemos que possuímos órgãos internos, com funções específicas, mas não nos é dado "ver" esses órgãos; somente com a Terceira Visão será isso possível.

A função de tudo o que para nós é invisível, dentro de nós, inclusive as nossas reações psíquicas e sentimentais, torna-se clara; basta "retirar" o que resta das arestas burilando nossos sentidos.

Todas as nossas funções vitais fogem ao nosso controle e somente um profundo iniciado conseguirá acompanhar o ritmo do pulmão e do coração ou a expansão dos pulmões; o processo químico de nossa digestão e as misteriosas intervenções de nossas glândulas; nós só percebemos a presença de nossos órgãos, quando houver disfunções que nos causem dor ou mal-estar.

Estamos de pleno acordo quanto ao auxílio que nos presta a ciência; já é possível "vermos", através de minúsculas câmaras de TV colocadas dentro de nós, todas as principais funções; mas não são os nossos olhos que contemplam o espetáculo — são as câmaras; no entanto, é possível para quem desenvolveu a sua Terceira Visão, contemplar tudo isso.

Na Primeira Viagem, o Candidato passará a "ver", a saber usar a sua verdadeira visão e descobrirá tudo aquilo que lhe estava destinado e que na condição de Aprendiz não alcançara.

No entanto, não será apenas o sentido da Visão que se há de desenvolver.

O sentido de Olfato ficará mais apurado; não bastam os "odores" comuns do ambiente; não basta o perfume do incenso ou o cheiro dos pavios das velas.

Há odores infinitamente sutis que o homem não percebe porque não teve interesse em apurá-los.

Podemos exemplificar com aqueles profissionais, "degustadores" e "provadores" de vinhos e perfumes.

Os seus sentidos gustativos e olfativos podem perceber qualidades ou defeitos nas espécies que analisam.

Um olfato apurado pode distinguir as espécies de que é formado o incenso; pode separar cada odor e esse lhe dará um resultado específico.

Existem infinitas espécies de "defumadores"; cada espécie para finalidades específicas.

Jamais um olfato comum saberá notar as diferenças; poderá, apenas distinguir certos perfumes.

Cada corpo humano desprende odores personalíssimos; a pessoa cega pode distinguir, quando dela se aproxima, somente pelos odores, quem lhe está ao lado.

Como não nos é difícil distinguir um fumante de um que jamais fumou.

Essa faculdade, certos animais a possuem; quase todos os cães, chegando a autoridade policial treiná-los para a descoberta de tóxicos; os suínos, também, possuem essa curiosidade.

Há odores “repelentes”, que afastam os insetos.

Lendas há, preferimos dizer assim, que nos revelam a passagem de demônios, deixando um “rastros malcheirosos de enxofre”.

Dentro do Templo, cada símbolo pode “emitir” seus odores característicos e ser percebido pelos maçons que puderam desenvolver o sentido do olfato “espiritual”.

O perfume existe para cumprimento das funções de onde eles procedem, como por exemplo, das flores e dos frutos.

Encimam as Colunas “J” e “B”, além das romãs, os lírios; como vemos no Livro de Eclesiastes, as romãs eram próprias para o fabrico de vinho afrodisíaco; o perfume dos lírios, o despertamento da volúpia sexual.

No romantismo, bastava uma dama deixar cair seu “lenço perfumado” para que o galã o conservasse junto ao peito, deleitado pelo perfume que exalava.

Quando Isaac estava à morte e chamou seus filhos Jacó e Esaú, para dar ao mais velho, Esaú, a primogenitura com todos os seus direitos de espólio, Jacó, que os havia comprado do irmão por um prato de lentilhas, apresentou-se diante de seu pai que estava cego; Isaac passou a sua trêmula mão no braço de Jacó; abraçou-o junto ao peito e o cheirou, reconhecendo-o como sendo Esaú.

A mãe de Jacó havia providenciado revestir os braços de seu filho com pele de cabrito; e o havia vestido com as roupas de Esaú.

Esses cuidados todos provinham do fato de Esaú ser um homem cheio de pêlos e caçador; suas vestes exalavam à caça, ao cheiro de animais selvagens que abatia, enquanto Jacó não tinha pêlos em abundância e se dedicava às lides agrícolas.

Com esse exemplo bíblico, pode constatar a importância que o sentido do olfato tem na vida.

Embora por ser prematuro neste estudo, não podemos deixar de lado que as cerimônias maçônicas têm um ponto central: a vida e morte de Hiram Abif.

Especialmente, a morte com todos os seus resultados, inclusive a putrefação; não podemos esquecer que dentro de nós está um Templo, mas que também está um túmulo.

Os “odores da morte”, fortemente característicos, embora aparentemente simbólicos, têm a “sua realidade espiritual” percebida pelos que podem “desenvolver” os seus sentidos em outro plano.

O gosto, sentido de igual valor, pois nenhum dos cinco tem preferência um sobre o outro.

Haveria pouco para dizer sobre o gosto provocado por glândulas específicas situadas nos lábios e dentro da boca.

O Aprendiz, contudo, quando de sua Iniciação, teve a oportunidade de provar da Taça Sagrada, da “boa e má bebida”, do “doce que se transforma em amargo gosto”, fatal aos perjuros.

Toda falta, perjúrio, traição, falta de tolerância, toda posição de desamor, insinceridade, enfim, todo negativismo, tem a faculdade de transformar aquela doce bebida da Taça Sagrada, em fel.

Quem ingere da Taça Sagrada, não o fez uma única vez; não foi ato transitório, mas permanente.

A Taça Sagrada ofereceu ao neófito “recém-nascido”, o primeiro alimento e esse alimento permanecerá em si pelo restante de seu tempo no plano espiritual.

Aquele líquido misterioso, cuidadosamente preparado pelo Mestre que o iniciou, constantemente, pode dar “amargor” à vida, quando o maçom se afasta dos princípios que escolheu e jurou manter íntegros.

O seu ser, o seu íntimo, a sua alma, o seu coração, impregnam-se de amargor; na sua boca, o gosto terrível daquela antiga advertência.

Nesta Primeira Viagem, o candidato, revive isso e sua memória desperta, para que se conscientize de que é frágil mas que deve resistir.

Ao contrário, a gustação doce lhe trará à memória o encanto do novo nascimento, da nova criatura que é em busca do aperfeiçoamento.

Os manjares espirituais no Banquete Celestial trazem incomensuráveis benesses e gozos insuperáveis.

As recordações que a Viagem traz ao Candidato, são os obstáculos do caminho.

Ao final da Viagem, face os fluídos do ambiente, o Candidato perceberá quão útil e necessária lhe foi a elevação.

Assim, o Candidato, vencidas as dificuldades da Primeira Viagem, sentirá o “gosto” da vitória!

Dentro de seu ser, colocará a Taça Sagrada em lugar de destaque porque na realidade lhe foi símbolo inicial e continuará para a “eternidade”.

O Ritual maçônico contém palavras “mágicas”, que pronunciadas, emitem sons peculiares que atingem exclusivamente aos Iniciados.

A transmissão da Palavra Sagrada, parte a um ouvido, parte a outro, ao ingressar no cérebro, não só se completa, como abre comportas de onde entram ou saem sons propícios ao cerimonial.

A Palavra Semestral como é transmitida na Cadeia de União, e de forma “sussurrada”, como se transmite a Palavra Sagrada, produz efeitos específicos só alcançados pelos maçons.

Por fim, a última etapa da Primeira Viagem, diz respeito ao quinto sentido — o tato.

Toda parte externa do homem é coberta por várias camadas de tecidos que se denomina “pele” e nela situam-se todas as extremidades “nervosas” que formam o tato.

Portanto, toda vibração externa atinge todo o conjunto recoberto por pele.

Obviamente, as partes que o homem cobre com as vestes são menos atingidas, porém pela constante proteção, apresentam-se muito mais sensíveis que as partes descobertas.

O som de uma orquestra atinge todo o corpo humano, embora, através da audição, muito mais rapidamente, atinge o cérebro.

O homem “escuta” os sons através de todo o seu ser. Daí a certeza de que as vibrações colhidas dentro do Templo são integralmente absorvidas; se por acaso o nosso ouvido, por distração ou outra circunstância deixa de perceber um som, esse é percebido através do tato, por determinada parte do corpo.

O contrato com o tato é forma de “comunicação”; assim, o aperto de mãos, quando da transmissão da Palavra Sagrada, é modo de um maçom “atingir” outro maçom; exemplo convincente é o aperto das mãos, na formação da Cadeia de União.

O homem em contato com outro homem, não só recebe vibrações, como emite as suas próprias, numa permuta equilibrada.

O “sinal” entre os maçons, através do aperto de suas mãos, como cumprimento e identificação, é um complexo de gestos através do tato que conduz à compreensão e à exteriorização do afeto.

No sinal de Aprendiz e no de Companheiro, o polegar da mão direita tem função primordial; são os sucessivos toques que despertam um desejo comum, entre Iniciados.

O sentido da audição é o que dá maiores satisfações ao maçom, porque, desde o início de sua vida maçônica, mantém contato com as “vibrações” que são sonoras.

Percorrendo nessa Primeira Viagem, todos os recantos do Templo em sua parte central, passa a ouvir a “música das esferas” decantada por Platão.

A “música universal” da Corte Celestial; os sons emanados da exclamação “Huzzé”, ou das Baterias; o suave som da palavra lendo o Livro Sagrado; a suavidade dos Salmos; o diálogo íntimo com os irmãos; o silencioso linguajar que vêm do interior dos irmãos que se amam.

No Grau do Aprendiz, o ouvido fica mais apurado porque os seus olhos estão vendados; a falta da visão “externa” acentua os demais sentidos, e assim o neófito percebe sons que os demais irmãos não alcançam.

Um ouvido apurado, e educado, percebe as melodias de uma orquestra, e distingue som por som, de cada instrumento, bem como acompanha uma partitura nos seus mínimos detalhes.

Com o exercício é possível alcançar sons longínquos; obviamente o ouvido humano não percebe o “ultra-som”, percebido pelos cães e outros animais.

O homem da cidade quando vai ao campo, nos primeiros dias, nota um zumbido estranho nos seus ouvidos, que passam, tão logo se acostuma ao silêncio; depois, dentro desse silêncio, passa a perceber sons que no primeiro dia não alcançava.

As vibrações da Natureza, em todo campo dimensional, por mais sutis que possam ser, são percebidas.

O homem atual dispõe da técnica apurada através dos microfones sensíveis ao extremo; a uma distância de mil metros e mais, os instrumentos sofisticados buscam com toda clareza, a voz humana.

As sondas espaciais nos trazem os sons dos astros distantes.

Assim, fisicamente, o ouvido humano pode perceber todos os sons que surgem ao seu redor.

Que dizer dos “sons espirituais”, os sons que vêm de longe, do Infinito exterior e os sons que vem “de dentro do próprio ser”?

A nossa mente, dialoga; a nossa consciência fala. Os espíritos comunicam-se entre si, com linguagem característica que somente os conhecedores podem distinguir.

## A Segunda Viagem

O malho e o buril são substituídos pela Régua e pelo Compasso; a viagem representa o segundo ano de trabalho, que por sua vez vem traduzido por “estudos”.

A Viagem tem como centro a Arquitetura, que sempre foi considerada como a mais nobre das artes manuais; ela expressa a grandeza e a beleza.

O prefixo “**arqui**” significa grandeza; como exemplo temos “arquidiocese”, “arquimilionário”, “arquipélago” e muito mais expressões lingüísticas.

Portanto, Arquitetura é uma ciência que dá a grandeza a obra da construção, sempre uma “especialização”, como já o era na época de Salomão que solicitara ao Rei de Tiro, Hiram que lhe mandasse o seu melhor arquiteto.

O arquiteto tem uma função preliminar que é fazer o projeto, para, após, acompanhar a construção, atento para que o projeto não sofra alterações; porém, se houver necessidade de alguma modificação, somente o arquiteto terá autoridade para realizá-la, a fim de não quebrar a harmonia.

Fixa o Ritual, dentro da Arquitetura, a construção das Colunas que classifica em cinco espécies: Toscana, Dórica, Jônica, Coríntia e Compósita; são ordens selecionadas do imenso número existente; essas surgiram da arquitetura grega e romana; temos da influência árabe colunas de aspecto arquitetônico belíssimo; podemos afirmar que cada povo possui a sua espécie; os tratados da arquitetura nos fornecem detalhes muito curiosos a respeito.

Toda Loja preocupa-se em formar a sua biblioteca, com grande esforço e freqüentes fracassos; nessas bibliotecas, deve haver destaque para as obras de arquitetura, como as de arqueologia, e outras ciências correlatas à Arte Real, pois os livros maçônicos não podem apresentar obras técnicas exclusivas, desta ou daquela ciência.

De nada nos valerá descrever os aspectos artísticos e técnicos, as medidas, os desenhos, as minúcias das ordens acima referidas.

O nosso propósito é apresentar um panorama geral a respeito, não das ordens das Colunas, mas do significado das Viagens.

Porque a Segunda Viagem tem como centro a Arquitetura?

Não se preocupa o maçom com a construção de seu próprio Templo? Exteriormente, seguindo a máxima latina — “**Mens sana in corpore sano**”, buscando uma vivência equilibrada, sensata e prudente.

Mas a preocupação maior será a construção de seu Templo Interior; não basta trabalhar as pedras do alicerce ou burilar as das paredes, arcos, mas é preciso “o projeto arquitetônico” do todo, e nele se incluem as Colunas.

O que entendemos por ordens arquitetônicas no sentido espiritual?

E a construção planejada, com o uso constante da prancheta, para que o Templo interior resulte perfeito e de beleza ímpar.

A adaptação das Colunas, não no Templo propriamente dito, mas onde se encontravam, no Grande Templo de Salomão, no Átrio.

Em nós, devemos construir, não exclusivamente o Templo, mas a Sala dos Passos Perdidos e o Átrio, que equivalem, em sua linguagem aproximadamente exotérica, de consciente, inconsciente e hiperconsciente, ou a mente, a alma e o espírito.

As duas grandes colunas "J" e "B" que adotamos como parte interna do Templo, por simplificação e pela dificuldade econômica que a Maçonaria do Brasil tem, são as principais e da ordem Coríntia.

A sua função simbólica, equivale a dois guardiães do Templo e esses guardiães devemos tê-los dentro de nós.

A Coluna do Companheiro é a "B", que simboliza a beleza, porque uma das funções da Arquitetura é o embelezamento; representa, também, a doçura feminina, tão decantada no livro Cântico dos Cânticos; é a delicadeza que aflora no maçom no trato com o seu irmão. Não se trata de feminilidade, mas da presença do toque feminino, parte essencial para a multiplicação das espécies.

A Coluna "J" é o símbolo da força; da força máscula que tudo enfrenta com galhardia e superioridade.

Deve haver, sempre, um equilíbrio entre a Beleza e a Força, porque são duas "forças" que não se digladiam, mas se completam.

O Aprendiz, para lidar com a pedra bruta necessita dessa força; mas depois, emprega a beleza para fazer de sua obra algo a ser admirado.

Ninguém admira uma obra cheia de arestas, disforme, ou já delineada, mas rusticamente.

Todos querem e exigem um trabalho que demonstre empenho e aperfeiçoamento.

Os fatos históricos que inspiraram o nome das duas Colunas são por demais conhecidos; já nos referimos, minuciosamente a eles, em outro trabalho.

Essa segunda Viagem não diz respeito propriamente às Colunas, mas sim à Arquitetura; as Colunas simbolizam o término de um trabalho iniciado pelo arquiteto, no nosso caso, Hiram Abif.

Não se confunda o Grande Arquiteto do Universo, com o artífice Abif; o primeiro é Deus; Abif, seu fiel servo.

Para ingressar no Templo, passa-se pelas Colunas; fica o maço, "entre Colunas" o que simboliza uma posição justa, de equilíbrio e neutra, demonstrando que, aquele que ingressa está apto a fazê-lo.

Há, porém, a parte inversa: aquele que sai do Templo, que também, deve manter as mesmas condições.

O cerimonial de entrada não abstrai o cerimonial de retirada; ninguém sai de um Templo, sem o preparo para enfrentar as vicissitudes do mundo profano que o aguarda, passando, novamente, pela Sala dos Passos Perdidos.

O candidato que é aprendiz, traz consigo a Pedra desbastada; ao se retirar do Templo, em suas mãos, vemos a mesma Pedra, mas já burilada.

E o efeito da Arquitetura, ciência e arte, força e beleza, justiça e amor.

A segunda viagem é dedicada a arte da arquitetura, base simbólica da Maçonaria, pois, além de considerar a arte de construir, como princípio operativo, considera um conjunto arquitetônico, a formação da personalidade humana, incluindo o seu caráter, aspecto moral, intelectual e essencialmente, o espiritual.

A história da Maçonaria é calcada na construção dos seus Templos e Monumentos, é a arte, ciosamente transmitida de pai para filho através dos séculos.

Onde surgir um resquício arqueológico, pode-se afirmar com segurança que ali a Maçonaria esteve presente.

Dentro das nossas Lojas, também, denominadas de Oficinas, os símbolos instrumentais

evocam a presença da arte de construir, hoje denominada de Arquitetura, mas, anteriormente, sem denominação específica.

O vocábulo Arquitetura deriva do latim: **architectura**, a arte de projetar e construir obras, edifícios, monumentos, etc.

A arquitetura abrange várias classificações, como sejam, a Civil que se dedica propriamente à construção das habitações, templos, monumentos, pontes, diques, enfim as obras consideradas comuns; a Naval, que se dedica à construção do que flutua ou submerge, mais propriamente, dos barcos e similares; a Aérea, ou Aeronáutica, que constrói aviões, dirigíveis, balões, etc.; a Espacial, arte moderníssima que se dedica à construção das naves espaciais com todos os seus complexos; a Militar, que se dedica às fortificações.

A Maçonaria diz de perto da Arquitetura Civil, mas os conhecimentos, hauridos das demais classificações, sempre lhe serão úteis.

No entanto, o verdadeiro interesse da Maçonaria, é a "construção" e "reconstrução" arquitetônica do Templo humano, em todos os sentidos, seja material, seja espiritual; assim, até as fantasmagóricas "viagens" espirituais, as levitações, os transportes, estão na dependência de estudos arquitetônicos.

Fixemo-nos, porém, na Arquitetura Civil, onde se encontrarão as origens, os trabalhos e as finalidades da Maçonaria na concepção do 2º Grau.

O Pedreiro, ou maçom operativo, constrói obras materiais destinadas a fins profanos; são as obras sociais.

O Maçom, obviamente, deveria executar trabalhos sociais em obras assistenciais por ele patrocinadas; temos várias dessas instituições, fundadas, mantidas, ou auxiliadas exclusivamente por Lojas Maçônicas; porém, como a seara é grande e os trabalhadores são poucos, nem sempre se torna viável, para uma Loja, manter um trabalho de assistência social; então, o Maçom emprestará a sua contribuição isolada, comportando-se como membro da Sociedade e não, propriamente, como Maçom.

O que preocupa a Maçonaria é dar formação aos seus Membros, no sentido de conscientizá-los para com as suas obrigações sociais, ou seja, "despertar" no Maçom o interesse pelas obras assistenciais.

Dentro das Lojas, o Maçom dedica o seu tempo às construções imateriais, invisíveis, porém de valor espiritual indiscutível: aprimoramento da Virtude, dedicação às Ciências, ao Progresso, à Natureza, e hoje diríamos, o interesse em torno da ciência denominada de Ecologia, combatendo tudo o que possa poluir.

Qualquer obra ou construção maçônica deve orientar-se pelas regras arquitetônicas e sobretudo, suas obras devem ser bem projetadas, fortes, perfeitas, belas e duradouras.

A Arquitetura antiga, apresenta no terreno das Colunas, três ordens, originais ou primitivas e que foram batizadas com o nome dos locais gregos de origem: Dóricas, Jônicas e Coríntias

Posteriormente, na Itália, os Pedreiros Livres da Idade Média inventaram duas ordens secundárias: Toscana e Compósita.

A Arquitetura moderna aumentou em mais sete ordens, as terciárias: Atica, ou quadrada: Salomônica; Gótica; Rostrada; Abalaustrada; Embebida e Solta ou Isolada.

A decoração dos Templos Maçônicos emprega, quase que exclusivamente, as cinco primeiras ordens de Colunas.

Cada degrau que sobe o Companheiro, encontra-se adornado com uma das cinco Colunas; nos degraus estão escritas as iniciais e denominações, a saber:

<b>D.:</b>	<b>Dórica</b>	<b>"Debex"</b>	que significa <b>União.</b>
<b>J.:</b>	<b>Jônica</b>	<b>"Jophi"</b>	que significa <b>Beleza.</b>
<b>C.:</b>	<b>Coríntia</b>	<b>"Cheved"</b>	que significa <b>Grandeza.</b>
<b>T.:</b>	<b>Toscana</b>	<b>"Thokath"</b>	que significa <b>Força.</b>
<b>C.:</b>	<b>Compósita</b>	<b>"Chilliah"</b>	que significa <b>Perfeição.</b>

As Colunas, também, representam os cinco ramos ou temas de estudo a que se dedica o Companheiro: Inteligência, Retidão, Valor, Prudência e Filantropia.

Inteligência, vocábulo cuja raiz é latina **intelligentia**, é uma faculdade inata do homem, misteriosa, ainda não definida e nem descoberta a sua "fonte" e que o faz discernir, entender, aprender, perceber, compreender, descobrir, etc.

Retidão, também de origem latina, **rectitude**, aplica-se ao homem reto e justo, aquele que conhece os seus deveres e obrigações, que trabalha com conhecimento exato e justificando seus atos através dos seus mais puros raciocínios.

Valor, do latim **valorem**, é a qualidade moral, que eleva o homem e o impele às obras arriscadas sem temer os perigos, usando sua nobreza, força de vontade e abnegação, usando porém de prudência para não cair em sacrifício extremo.

Prudência, em latim **prudencia**, é uma das quatro virtudes cardeais e que consiste na arte de saber distinguir as boas das más ações, aplicando conscientemente a temperança, a cordialidade e critério; a sensatez, o juízo moderado e a tolerância.

Filantropia, palavra de origem grega, **philanthropia** que significa acentuado amor à Humanidade, o desejo de executar boas obras sem esperar qualquer recompensa; buscar os meios para o equilíbrio das misérias humanas, socorrendo o necessitado com verdadeira caridade, sem humilhação e sobretudo sem vanglória.

Portanto, como vimos, a Maçonaria tem as suas bases para os seus ensinamentos simbólicos, na Arquitetura material, moral, física, social, intelectual e espiritual.

Como material, usa a gama infinita dos símbolos fornecidos pela Geometria, Aritmética e Trigonometria.

Como Moral, uma técnica de vida, para uma formação perfeita da personalidade como indivíduo e como chefe de família.

Como Física, a estrutura do corpo humano, na aparência de um indivíduo equilibrado, em temperança e educador; "**mens sana, in corpore sano**".

Como intelectual, a investigação sobre tudo, mormente a Natureza e o próprio Universo. Como Social, o interesse na construção da Sociedade, da qual é membro.

Como Espiritual, a aproximação ao seu Criador, o seu Grande Arquiteto, a sua espiritualização.

A Arquitetura fornece a linguagem maçônica e a instrução simbólica, pois dentro dos seus emblemas, símbolos, alegorias o Companheiro encontrará os "meios" para a sua evolução, ou seja, a possibilidade de transpor, em sua jornada, o caminho que o conduzirá ao mestrado.

A Maçonaria, no seu 2º Grau, burila os traçados arquitetônicos para o Companheiro.

## A Terceira Viagem

A terceira viagem é dedicada às Artes Liberais, concebidas na época do surgimento do Rito Escocês Antigo e Aceito, a saber: a Gramática, a Retórica, a Lógica, a Música e a Astronomia.

Evidentemente, hoje, teríamos uma gama bem diferente a considerar, pois a evolução da tecnologia ensejou o surgimento de novas profissões, jamais imaginadas na época em que surgiu o Rito.

Seguindo, porém, a tradição, e para enfatizar o instrumento que o candidato recebe ao encetar a sua Terceira Viagem, a Alavanca, nos restringiremos às Artes Liberais antigas.

A Alavanca, que materialmente, é utilizada para erguer pesos, simboliza a força da Inteligência, subjugada pela Vontade do Homem; o símbolo do imenso poder adquirido pela aplicação das fórmulas e princípios das Ciências; o poder e a força física individual que o homem, sozinho, não poderia conseguir.

Analisemos, posto superficialmente, as cinco Artes Liberais:

### Gramática

A arte de falar e escrever corretamente, no mundo moderno, quando há necessidade, para a sobrevivência, de emprestar vital importância à comunicação, o homem necessita saber esgrimir com facilidade a palavra e a pena.

Saber usar a palavra certa no momento exato; saber transmitir a sua mensagem e

também, saber entender as lições dos sábios. A Filosofia que é a ciência que estuda a composição da palavra, constitui meio caminho andado para o curso de filosofia.

A Palavra é o "motor" que impulsiona a cultura fraternal; ela deve ser cuidadosamente estudada para a interpretação perfeita dos símbolos.

A Gramática é o melhor auxiliar da Inteligência, já o dissera um sábio: resume em suas regras, a disciplina necessária para a formação da frase.

A Maçonaria não busca atrair em seu seio, homens intelectuais, porém, a cultura eleva o nível do conhecimento e destaca a inteligência.

Se o aprendiz passa seu período em silêncio, ouvindo a palavra dos Mestres, estes evidentemente, devem existir em número suficiente para a formação dos Companheiros; por sua vez o Companheiro "ensaia" os primeiros passos, nesta Terceira Viagem, para iniciar o seu "vôo" em direção à Comunicação; estará experimentando no uso e na prática, as regras que lhe foram ensinadas.

Gravitam em torno da Gramática, a Literatura, as línguas básicas, como o Latim e o Grego, as Artes Aplicadas, como o saber escrever, discursar, enfim, o corolário de satélites conhecidos.

## Retórica

É arte paralela à Gramática, pois é um conjunto de regras de Oratória, para conseguir que o discurso seja persuasivo, eloqüente, elegante e comunicativo.

A Eloqüência é a arte do "falar bem", inata em alguns e cultivada em outros; pode ser o resultado de estudo, transformando-se em algo artístico, como também, pode resultar de um dom natural.

O Orador e o Poeta não são fabricados, nascem assim. Conhecem-se os "inspirados" quando improvisam, e o poderem fazer, simplesmente em discurso, ou versejando, pela palavra ou através de cânticos.

Os "menestréis", "trovadores", da Renascença, ou os nossos "repentistas" do sertão ou dos pampas, são exemplos comuns.

Porém, a dedicação ao estudo supre a falta do dom; teremos o orador preciso, eloqüente, capaz e que pode, perfeitamente, transmitir a sua mensagem.

A Maçonaria tem peculiar interesse, não no gênio, mas naquele que necessita de cuidados e auxílios para o seu desenvolvimento e evolução.

Dentro das Lojas, que são "oficinas de retórica", todos, indistintamente, sendo humildes, aprendem a falar em público e expressar-se com acerto.

Nosso trabalho seria lacunoso se não referíssemos o nome dos ilustres e antigos retóricos que tanto contribuíram para o aperfeiçoamento da inteligência humana:

Empédocles de Agrigento, é o primeiro dos retóricos de que se tem registro; seguem-lhe os mestres dos sofistas, os sicilianos Gorax e Tisias.

Platão, o grande filósofo, também, foi retórico; bastariam os seus Diálogos: Geórgicas e Fedro.

Aristóteles, cognominado de príncipe dos retóricos; Dionísio de Halicarnasso, Lísias, Isócrates, Iseo, Demostenes, Hipéricles, Eschines, glória da retórica grega.

Hermógenes de Tarsis, Aftono, Dionísio Longino de Atenas e Demétrio, também gregos.

Plácio Gallo, o primeiro mestre retórico latino; Cícero, o excelso mestre romano.

Sêneca, a glória espanhola; Quintiliano, latino e assim, sucessivos nomes, até os grandes tribunos do século passado.

Hoje são tantos os bons oradores, que não se destacam, apenas alguns, pois o saber falar convincentemente tornou-se uma arte mais do que necessária neste mundo onde a Comunicação é fator vital.

## Lógica

O raciocínio tem ligações íntimas com a meditação no entanto, a solução ou o resultado deverá ter base na Lógica, que os antigos maçons consideravam Arte e hoje é exclusivamente, ciência.

A Lógica sustenta as leis da Filosofia e ensina o Companheiro a ser reto, justo, leal, compreensivo e tolerante.

Um raciocínio lógico não é ação de qualquer pessoa; as conclusões da razão devem provir de uma mente treinada e tranqüila, ponderada a reflexiva.

Trata-se da ciência da Vida, ajustada pelo raciocínio, dando à palavra o verdadeiro sentido e o equilíbrio social.

Dentro da Natureza, existe o que é certo; sobre o que é certo, surge uma base; esta resulta boa e concreta, porque o pensador é livre e de bons costumes; é uma questão natural, simples, que flui sem esforço, porque há uma vivência limpa, sem sacrilégios e sem desconfianças. E a lógica, que juntamente com a Gramática e a Retórica, dão uma formação e um sentido natural à personalidade do Companheiro.

Esta vivência ou ensaio da Vida encontra algo maior que a própria Lógica, que o próprio raciocínio: o Grande Arquiteto do Universo.

A meditação "lógica" é um canal que conduz à presença do Grande Geômetra.

O impulso do raciocínio; a análise do pensamento, a conclusão da meditação, conduz a um ponto infinito, inexplicável; nas profundezas do "Oceano de Dentro" de nosso Espírito, esbarramos com uma Porta fechada; por ela só se passa acompanhado; a companhia, qual Experto do 1º Grau, será um Mediador, para o cristão, Jesus o Cristo, que conduz o Companheiro à presença do Criador.

A cada nascer do Sol, o novo dia nos aguarda com novas lições e novos impulsos à meditação; precisamos na trajetória cotidiana encontrar o nosso semáforo e parar quando a luz está vermelha; parar para encontrar o sentido da Vida, e isto, diariamente.

O Grande Arquiteto do Universo, que construiu nossa Vida, nos conduz através do caminho da fraternidade; só Ele conhece o intrincado caminho, pois é obra Sua.

Na Terceira Viagem, o Companheiro tem nas mãos a Régua de 24 polegadas e a Alavanca; já sabemos o significado destes dois instrumentos simbólicos; a Régua é o traçado para um caminho reto e sem empecilhos, porque a Alavanca os remove, afastando-os.

A Alavanca é um instrumento que serve para deslocar obstáculos pesados; estes são deslocados e não destruídos; os obstáculos permanecem, mas, temporariamente, não constituem empecilho para a jornada.

A linha reta ou o ideal nobre, é o caminho traçado pelo Grande Arquiteto do Universo; nós iremos percorrer um caminho já traçado, pois o homem, não pode traçar o seu próprio destino.

A nossa Vida está já organizada; antes da construção de um Templo, são necessários os cálculos e os desenhos, onde os mínimos detalhes são lançados e calculados.

Onde o Homem tentar refazer um traçado, alterando-o a seu bel-prazer, sob o pretexto da existência de um livre-arbítrio, corre o risco de provocar o desmoronamento da Obra.

Nós podemos "construir" nosso próprio Templo, mas usando os cálculos e as plantas que o Arquiteto organizou.

A arte de calcular, chama-se Aritmética, hoje uma ciência exata; é imprescindível para um Mestre Maçom o conhecimento desta arte; seu estudo, obviamente, começa no 1º Grau e, no 2º Grau, adquire conhecimentos quase totais.

A arte de calcular é de origem árabe, porque os números usados, conhecidos hoje, nos foram legados pelos sábios árabes.

Álgebra, Matemática e ciências correlatas, todas constituem a Aritmética.

A Álgebra se apresenta muito mais abreviada, e tem aplicações nos cálculos superiores.

A Aritmética simboliza um atributo do Companheiro porque lhe ensina a multiplicar a sua benevolência e sua sabedoria dedicadas aos seus irmãos, considerando toda recompensa, como uma cifra aritmética, posto esteja resgatando uma dívida para consigo mesmo, ao realizar a boa ação.

## Os números

Com o nascimento do comércio e a necessidade de registrar os objetos das trocas, e com o progresso sobre o conhecimento do tempo, motivado pelo avanço da Astronomia, o homem obrigou-se a classificar as coisas no tempo e no espaço.

Encontrada, posteriormente, a noção de "quantidade", passou-se à subdivisão e, assim, chegou-se ao conhecimento da unidade.

Nasceu, assim, a ciência dos números, ou aritmética; os primeiros cálculos eram feitos com os dedos de uma mão, ou sistema "pentanumeral", convertido, mais tarde, em decimal.

Entre vários sistemas, o mais prático foi o dos romanos, enquanto os gregos, hindus e árabes, contribuíram com grande parcela para o desenvolvimento da ciência matemática.

A evolução foi muito lenta, eis que somente em 1200 Campano de Novara apresentou quatro postulados, demonstrando como a série dos números era infinita; como um só número podia ser divisível em determinado número de vezes; como, dado um número, podia-se sempre encontrar-se outro superior a ele e como poderiam ser conseguidos números iguais ou múltiplos de outros.

Na atualidade, denominamos a numeração de sistema "árabe", posto em árabe seja o sistema de escrita muito diferente da latina ou germânica ou eslava.

Face ao intenso comércio da antigüidade entre árabes e hindus, parece que os árabes importaram o sistema numérico da Índia.

Leonardo Pisano, matemático que publicou um livro no ano 1202, esteve várias vezes visitando o Oriente, de onde trouxe os elementos básicos para a sua obra.

A matemática é uma ciência árdua e misteriosa, face o emprego dos seus "sinais" e símbolos.

Os símbolos: - e +, opinam alguns cientistas, ter-se-iam originado da prática dos alemães em assinalar, nos armazéns, as caixas com falta de excesso de peso; estes sinais passaram a ser aplicados na segunda metade do ano 1500, segundo relata o matemático Stifel, em sua obra editada no ano de 1544.

## As medidas

Medir uma quantidade corresponde a encontrar um número indicando as vezes que uma determinada unidade de medida está contida na citada quantidade.

O problema da medida nasceu com o homem; levou muito tempo até chegar ao conceito de largura e comprimento.

O problema surgiu no antigo Egito, quando necessitavam redistribuir as terras após cada inundação das águas do Nilo.

As extensões eram calculadas pela quantidade de terras aradas por uma junta de bois em um dia de trabalho.

Foram os egípcios que estabeleceram as medidas do "côvado", "palmo" e "dedo".

Os romanos adotaram como medida o "pé", devido às marchas de suas famosas legiões, derivando, mais tarde para o "gradus" e "milha passum", surgindo até hoje, a palavra "milha", como medida de distância.

## Sistema métrico decimal

O sistema métrico decimal tem como unidade principal de longitude o "metro" com seus múltiplos e submúltiplos.

Antigamente, cada Estado possuía o seu próprio sistema de medida, chegando a França a possuir 490 sistemas diferentes de medida.

A confusão levou a Assembléia Nacional Francesa a nomear uma comissão para unificar os sistemas; esta medida já havia sido iniciada sem êxito por Felipe IV, Felipe V, Luís XI, Francisco 1, e Luís XVI.

A primeira reunião da comissão teve lugar no dia 9 de maio de 1790.

Em 1795, Delambre e Méchain receberam a incumbência de medir o "arco do meridiano" compreendido entre Dunquerque e Barcelona.

Biot e Aragó continuaram as medidas até a ilha de Formentera.

Estabelecida a medida do quadrante do meridiano, encontraram que sua milionésima décima parte era igual a 3 pés, 11 linhas e 44 centésimos; os trabalhos foram concluídos no ano de 1799.

Daquela medida resultou o "metro", que foi construído na forma de uma régua de platina, em forma de um X, que se encontra até hoje, no Arquivo Nacional de Paris, em um subterrâneo, bem protegida, no "Bureau Internacional des Poids et Mesures".

As cautelas encontram justificava face à preciosidade do metal empregado e o valor histórico da "reliquia", pois aquela medida encontrou substituto na medição, em certas condições, da onda do gás criptônio.

O sistema métrico decimal francês não se divulgou imediatamente; chegado Napoleão ao poder, tratou de anular a decisão da comissão que fora influenciada por Talleyrand.

Desaparecido Napoleão, o sistema métrico decimal retornou com entusiasmo, firmando-se em 1875.

Só em 1924 os países asiáticos passaram a adotá-lo; nos últimos anos, todos os países uniformizaram as suas medidas, aplicando o sistema métrico francês ou decimal.

## Geometria

A Geometria tem ligação muito estreita com a Aritmética, pois surge através das Jóias depositadas no Altar: Compasso e Esquadro, auxiliados pela Régua.

A Geometria fornece à Matemática os números, como vimos no estudo anterior e ela é responsável pela Construção de toda obra edificada.

Não há um símbolo, seja uma Coluna, ou um Avental, uma Estrela ou outro qualquer que dispense para a sua criação do traçado geométrico e é tamanha a importância desta ciência-arte, que o Maçom denomina no Grau 2 o Grande Arquiteto do Universo como o Grande Geômetra, analisando com profundidade a letra "G".

Os Ângulos, Triângulos, Polígonos e Circunferências, Pontos, Retas e Curvas, são os elementos componentes da Geometria.

## Música

A Música tem a sua definição convencional, por exemplo: "A Arte de produzir e de combinar os sons de um modo tão agradável ao ouvido, que as suas modulações comovam a alma".

Sem dúvida, uma definição poética, contudo, devemos partir dos sons naturais, que nos chegam, sem que a mão humana interfira na sua produção, como o som que produz o vento entre as folhagens, o bater do coração, ou o eco dos trovões.

A origem do vocábulo provém de **Musa**, porque teriam sido as Musas a inventarem a arte musical; outros lhe dão origem egípcia; de qualquer forma, a Música foi uma das primeiras Artes que o homem cultivou; a notícia nos vêm das inscrições dos antigos monumentos que afirmam ter ela existido entre os povos, sejam bárbaros, embrutecidos selvagens, ou ao contrário, já civilizados. O canto e a Música têm as suas origens nas manifestações religiosas e bélicas.

Os maiores sucessos históricos tem-nos sido transmitido através de poemas, o que comprova que a Música vocal, teve começo anterior que a instrumental.

A origem dos sons pertence a própria Natureza, mas, a do canto, o homem a encontrou na voz dos pássaros.

Os sons que o vento produz ao passar entre as canas, despertaram o interesse do homem para os instrumentos de sopro, porém, os instrumentos de percussão, os precederam porque bastou os sons saídos do bater de duas pedras, obedecido um determinado ritmo; ou o simples bater das palmas das mãos inspirou os primeiros passos para a dança.

Som, dança, canto, cresceram juntos.

Os chineses encontram um personagem, o rei Fou-Ti, que reinou em 2.435 anos antes de Cristo, responsável pelo invento dos instrumentos musicais.

Segundo a tradição grega, foram os "Curetas", cerca de 1930 anos a.C., os primeiros a se dedicarem à Música.

Também, a invenção é atribuída a Júpiter, a Mercúrio, Pan, Apolo e outros deuses.

Certos autores sustentam que foi Cadmo que levou aos gregos a arte musical, desde a Fenícia, entregando-a a HÁRMOINE, ou Harmonia.

Chiron, Demodoco, Hermes, Orfeu, Prenico e Zeprando, ao tempo de Licurgo encarregaram-se de estabelecer regras para a Música; foi porém Pitágoras que deu regras fixas à Música após uma longa observação a respeito dos sons emitidos pelos martelos nas bigornas.

Todos os povos antigos emprestaram a Música um papel relevante em todas as situações, de alegria, tristeza, vitórias, invocações a Deus e até para a cura de enfermidades.

Lemos nas Sagradas Escrituras que os sons melodiosos da harpa de Davi curaram Saul de sua nostalgia.

Porém, sem sombra de dúvida para ser espancada, foram os egípcios a considerar a Música uma ciência, cultivando-a paralelamente às demais ciências; Moisés extraiu deles os pontos principais e os entregou ao seu povo, os hebreus.

Os egípcios abominavam a música suave a que denominavam de efeminada, preferindo a música viril, plena de energia e que, além de dar entusiasmo, impulsionava à luta.

Herodoto confirma isto quando descreve as diferentes festas dos egípcios, os quais cantavam hinos acompanhados do som das flautas.

Estrabão diz que os egípcios não usavam em seus templos o instrumento musical, limitando-se ao cântico.

No Mosaico da Palestina e em algumas pinturas em Herculano e Pompéia há cenas representando egípcios tocando instrumentos.

Osíris teria sido o inventor da flauta; Hermes teria inventado a harpa, cujo nome primitivo era "Photin".

Os tambores de guerra, também, são de invenção egípcia. Ateneu descreve as festas dadas por Ptolomeu Philadelpho em Alexandria, célebres pelos concertos musicais e os corais compostos por mais de 500 pessoas, 300 citaristas e o povo possuía orientação adequada, tanto que ao menor sintoma de desafinação, surgiam duras críticas.

Os hebreus foram os primeiros a dar realce à Música em seus cultos religiosos que formavam com grande pompa.

Moisés, ao cruzar o Mar Vermelho, entoou junto com o povo o cântico da vitória, participando homens, mulheres e crianças. Os fenícios cultivavam a Música, chegando a inventar alguns instrumentos como o antigo Psaltério, usado para animar as festas dedicadas a Baco; nas festas fúnebres, tocavam a Gingria, espécie de flauta larga.

Os sírios e os babilônios, por sua vez, introduziram alguns instrumentos originais, como o Triângulo, usado até nossos dias, a Pandorra e a Pentacorde; as flautas eram os instrumentos comuns a todos os povos antigos.

Os gregos consideravam a Música como um dom dos deuses; atribuíam a Júpiter a invenção da arte musical; a flauta de muitos furos era invenção atribuída a Minerva; a Lira, a Mercúrio; Apolo era cognominado o deus da Música; Baco era mestre da arte e as suas festas eram animadas por estrepitosa música; as Musas, além de inventoras, eram as professoras da arte, fornecendo aos Ventos os cânticos e acordes mais harmoniosos, deliciando os deuses e os mortais.

Pan, os sátiros e as sereias faziam uso da Música, sendo estas últimas as que atraíam, com os seus cânticos, os incautos navegadores que se perdiam entre os rochedos.

Os romanos simplificaram a escrita musical, reduzindo as complicadas notas gregas.

O aperfeiçoamento da arte é recente, pois o papa Gregório Magno, no ano 590 e o beneditino Guido Aretino, em 1024 que primeiro introduziu a repetição das oitavas ascendentes e descendentes e o último introduzindo o pentagrama, sobre o qual, em suas cinco linhas,

eram escritas as notas, em pontos negros.

O som<sup>2</sup> é um elemento que conduz por caminho natural e suave à meditação.

Quando mencionamos o som, nos chega, imediatamente, à compreensão, a Música; um fundo musical propício, é um som musical, eis que nem todo som é musical.

Hoje, Música, apresenta conceito um tanto difícil para ser expressado, mormente, se atentarmos ao que se vê, em funções litúrgicas religiosas, dentro do ambiente o mais convencional possível, os sons de guitarras elétricas o frenesi da Música denominada "jovem", simbolizando com isto, uma Música da atualidade, ou melhor, ainda, do "momento", com os seus "sons" diferentes, nem sempre, harmoniosos ou pelo menos, agradáveis aos ouvidos.

Temos assistido a missas solenes dentro de igrejas católicas, tanto aqui, como visto em filmes em outros países, jovens usando as suas vestes características e multicoloridas, emitindo sons e cantando estranhos ritos; o som da Música jovem, o sacerdote impassível, cumprindo seu cerimonial.

Neste misto que denominamos de som "jovem", há também muito de folclore.

Registramos isto, porque em nossos Templos Maçônicos, ainda não ocorreram fatos idênticos; fazemos alusão às igrejas, porque a liturgia é semelhante a que nós usamos e o ambiente sacro, a tradição e o recreio de inovações, são fatores comuns.

**Anel Ramirez**, natural da Argentina, compôs a sua "**Missa Criolla**", apresentando um estudo sério, não só dentro de sua pátria como no Instituto de Cultura Hispânica de Madri e no próprio Vaticano.

Sua original idéia de realizar uma missa cantada com temas exclusivamente folclóricos encontrou estímulo e assessoramento de parte de alguns sacerdotes da Basílica do Socorro.

Compôs uma obra para solistas, coro e orquestra, elementos necessários para abranger a riqueza de sua composição.

Os instrumentos, também, não poderiam ser exclusivamente convencionais.

A percussão, formada por bumbos, bateria, tumbadora, gongos, cocos, cencerros, instrumentos típicos de cada região da América Latina, deu muito colorido e expressão à obra.

Embora já decorridos alguns anos da notável experiência, Ramirez nos deixa uma obra moderna, jovem, mas com características exclusivamente folclóricas; nada na obra, para chocar, ensurdecer ou desviar o ponto central que é a missa.

A "**Missa Criolla**" inicia-se com o "**Kyrie**", concebido sobre dois ritmos: "**vidala**" e "**baguala**", aptos para expressar a profunda súplica da litania.

O "**Glória**" é demarcado com o ritmo de uma das danças mais populares argentinas: "o **Carnavalito**", uma forma popular eleita para traduzir o júbilo da glória do Senhor.

Um dos momentos mais difíceis é sem dúvida o do "**credo**", pela extensão do seu tema e pelo ritmo escolhido, a "**chacarena trunca**", melodia muito popular em Santiago del Estero.

O ritmo é obsessivo, quase exasperado, de uma formosura "nervosa".

O "**Sanctus**" foi composto sobre um dos ritmos bolivianos, o carnaval de Cochabamba, de compasso batido, apropriado à aclamação que enche os céus e a terra.

O "**Agnus Dei**" é dito num estilo "pampeano íntimo", terno e solene.

Diz o comentarista introdutor da obra, que a "**Missa Criolla**" é uma síntese e um convite.

Abre os braços ao homem para dizer-lhe: venha à igreja contudo o que há em sua carne e em seu sangue; com sua cultura e seus ritmos, com sua forma e expressão e suas paisagens. A Igreja não quer que no Templo se fale uma língua estranha.

Sua linguagem é a do Pentecostes, língua materna que o homem aprendeu no contato áspero e vital com seu próprio solo.

Venha à dança e ao compasso; venha à terra mesma.

E que a Igreja está enamorada da Terra porque ela é criatura de Deus.

---

<sup>2</sup> Do livro **A Cadeia de União**, do mesmo Autor.

A Terra assumirá seu próprio Espírito, integrará seu próprio tino e o transformará em veículo de expressão para Deus.

E o homem sentir-se-á na casa do Pai como se estivesse em seu próprio lar.

Se compararmos a "**Missa Criolla**" com a música da Páscoa em canto gregoriano, com seu responsório "**Christus Resurgens**", a "**Paschoa Nostrum**", o "**Salve Festa Dies**", com as suas santífonas, evidentemente, não saberíamos o que dizer.

E se, também, comparássemos a música "jovem", ao som das guitarras elétricas, ritmadas pelas características dos "**Beatles**" ou dos nossos **Caetano Veloso**, **Caymmi** ou **Jobim**, muito menos saberíamos o que dizer.

Mas poderíamos escrever da propriedade ou da impropriedade dos ritmos "jovens" dentro da liturgia maçônica!

É evidente que deve-se distinguir entre música "jovem" apropriada e ritmo inapropriado.

Já tivemos oportunidade, em vários estados do Brasil, dentro de vetustos Templos, em palestras, apresentarmos a idéia, um tanto incipiente e ousada, de introduzir dentro dos Templos maçônicos a música atual, fugindo daquele som clássico, de música de câmara.

Tocamos discos de todas as espécies; desde os cânticos gregorianos, comparando-os com a música dos **Beatles**, demonstrando a semelhança harmônica, como as velhas melodias hindus, o hino Brahma, os clássicos, e a música "jovem", a "louca música"; tocamos o folclore internacional e nos detivemos em nossos sambas clássicos, para demonstrar que certos ritmos atuais podem conduzir, perfeitamente, à meditação, que é o escopo, a finalidade a atingir, quando o Mestre da Harmonia organiza o seu programa.

Velhos Templos, foram sacudidos ao ritmo do "rock" americano ou "rock sinfônico inglês", e ao som das "batucadas" brasileiras; não houve escândalo, mas entusiastas que aderiram ao que, até aqui, representa apenas uma idéia.

Julgamos que o som deva conduzir à meditação, por isto, qualquer "som" será apropriado, mesmo que não seja melódico; uma simples nota<sup>3</sup>, algo uníssono, sempre igual, porém que conduz a mente aos páramos celestes.

Um som vibrante, seja um ritmo popular, clássico, tudo é diferente. O valor do som não está na melodia nem no ritmo.

O valor do som é o reflexo que ele produz.

Nas Lojas Maçônicas atuais, a Música é apresentada por meio de discos ou fita, sendo selecionada com total preferência para as peças tradicionais clássicas. Não há uma prévia programação; não faz parte da "plataforma" de um Venerável Mestre, quando inicia o seu mandato. Fica à mercê, quase sempre de modo improvisado, de dois fatores: os discos ou fitas existentes e o gosto do Mestre de Harmonia.

Raríssimas Lojas conservam o órgão, e se algumas ainda o possuem, lhes falta o organista.

O som dentro de uma Loja, entregue à responsabilidade do "Mestre da Harmonia", não significa parcela muito importante, mas o "som" enquanto se forma a "Cadeia de União", adquire importância relevante, total e indispensável.

O Venerável Mestre deve conscientizar os Membros do Quadro sobre o efeito do "som" na meditação.

A Música eletrônica, os sintetizadores, são expressões modernas; trata-se de uma notação musical inteiramente diferente da tradicional, estranha, posto que não se note, imediatamente, tratar-se de algo artificial.

Novos métodos, novas técnicas, novos instrumentos e novos sons, nos conduzem a novos conceitos, e novas aplicações e mormente, a novos estudos.

Surgiu, agora, a expressão considerada máxima do chamado "rock sinfônico", uma fase aperfeiçoada da Música "Pop", já por muitos considerada enfadonha e superada.

O "Rock Sinfônico" utiliza instrumentos elétricos, os mais sofisticados, como guitarras, baixos, teclados e baterias amplificadas e elementos de música erudita, orquestra sinfônicas e corais e também, não raramente, bailados.

---

<sup>3</sup> O "**Samba de uma Nota Só**", de Vinícius de Moraes e Tom Jobim.

O ponto de partida é o "Rock", que se iniciou com um ritmo áspero, dos negros norte-americanos; o limite é a música erudita, porém, arranjados de tal forma, que nada é "Rock" e nada é "erudito", mas, apenas, um espetáculo fantástico, onde o "som" majestoso é o amplificador, onde os sintetizadores emprestam o ambiente irreal.

O jogo de luzes coloridas, os impactos das explosões das luminárias, o ensurdecedor bramido dos baixos e repentinamente... momentos de bonança, o teclado puríssimo de um piano, de um clavicórdio, de um órgão, tocando o tema central da peça.

É a Música de **Rick Wakeman**<sup>4</sup>, um jovem inglês, filho do conhecido pianista inglês **Cyril Wakeman**, que tomou em suas mãos temas como Viagem ao Centro da Terra, o Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda. As esposas de Henrique VIII, e muitas outras e lhes deu um movimento musical de tal monta, que revolucionou tudo e encantou a todos.

Há muito de maçônico na obra de **Rick Wakeman**, não por ele, jovem demais, mas quiçá, por seu pai.

E este a arte que se espera refloresça para o deleite da humanidade e que se espera que a Maçonaria, mormente os Companheiros, lhe dêem maior atenção.

## Astronomia

As Lojas possuem, entre os seus símbolos, muitos astros: o Sol, várias estrelas, enfim, a própria Abóbada Celeste, sem contudo, deter-se no estudo desta ciência.

O Rito Escocês Antigo e Aceito, não se preocupa com dois aspectos: os Mares e Oceanos e o Espaço.

Entre os antigos sábios e astrônomos, encontramos excelsos maçons; as suas descobertas foram fruto de observação, usando instrumentos primários.

Hoje, evidentemente, na era espacial, a Astronomia assume foros de ciência especializada.

Não confundamos Astronomia com Astrologia; a primeira, uma ciência; a segunda, quiçá, apenas, uma arte.

Estudar os Astros para observar o destino de uma pessoa, organizando um "horóscopo", tem sido prática antiquíssima, onde não se consegue vislumbrar a fronteira entre a realidade e a mistificação.

Esta "arte" astrológica tem penetrado nos Templos maçônicos causando certas confusões; por isto a advertência para que não haja confusão alguma entre Astrologia e Astronomia.

A evolução tecnológica da era espacial, porém, não conseguiu penetrar nas Lojas Maçônicas; estas "estacionaram" nos conceitos da Astronomia dos séculos passados, usando-os simplesmente como referências para explicar o significado de certos símbolos.

Há, portanto, muito ainda para estudar, analisar e pôr em prática; o trabalho do Companheiro apresenta-se árduo, sempre mais, a cada ano que passa; se isto assim permanecer, o futuro Companheiro dos anos 2000 ainda "balbuciará" definições primárias.

## A Quarta Viagem

É essencialmente filosófica e em homenagem a todos os filósofos, destaca a figura de quatro filósofos antigos: **Sólon, Sócrates, Licurgo e Pitágoras**.

Por fim, encerra o pensamento com momentos de meditação em torno da sigla INRI.

---

<sup>4</sup> Richard Wakeman.

## Sólon

Um dos primeiros legisladores de Atenas, considerado um dos sete sábios da Grécia. Nasceu em Salamina em 640 e morreu em 558 a.C.. Elevou o espírito nacional dos atenienses; diminuiu os impostos dos cidadãos pobres e restabeleceu a harmonia da cidade, dando-lhe uma constituição mais democrática.

Dividiu os cidadãos em classes, fundadas não no nascimento, mas na fortuna e concedeu a todos uma parte no governo da cidade.

Poeta emérito, cuja obra perdeu-se, conservando-se apenas fragmentos de sua poesia, duma grande beleza.

O seu nome passou a ser sinônimo de sábio e legislador.

## Sócrates

Nasceu em 470 a.C., em Atenas, filho de Sofrônio, um escultor, e de Fenáreta.

Nos primeiros anos, aprendeu Sócrates a arte do pai e enquanto esculpia, meditava e estudava; através da reflexão pessoal, buscava na elite de Atenas o conhecimento filosófico da época.

Seu casamento com Xantipa em nada alterou o seu modo de vida.

Ingressou na política, tornando-se funcionário público e magistrado, mantendo-se porém rígido em seu modo de pensar; foi soldado valoroso e a política não conseguiu deturpar a sua formação, o seu temperamento crítico; servia a pátria, vivendo justamente e formando cidadãos sábios, honestos e temperados, divergindo nisto dos sofistas que agiam para o próprio proveito.

O seu modo rígido de vida, criou-lhe inimizades e descontentamento geral, hostilidade popular.

Com aparência de chefe de uma aristocracia intelectual, teve contra si acusações sérias partidas de Mileto, Anito e Licon de corruptor da mocidade e de negar os deuses da pátria, introduzindo outros.

Sua defesa foi frágil, preferindo o juízo eterno da razão.

Foi condenado à pena capital; deram-lhe de beber cicuta, uma infusão de ervas venenosas.

A característica de sua filosofia é a introspecção e exprime-se no célebre lema: "**conhece-te a ti mesmo**", isto é, "**torna-te consciente de tua ignorância**", como sendo o ápice da sabedoria, que é o desejo da ciência mediante a virtude.

Sócrates não deixou nada escrito; foram os seus discípulos, Xenofonte e Platão, os responsáveis pelo registro dos ensinamentos e da biografia do grande mestre.

Toda filosofia de Sócrates volta-se para o mundo humano, espiritual, com finalidades práticas e morais.

Mostra-se cético a respeito da Cosmologia e da metafísica, um ceticismo de fato e não de direito; dedica-se a uma ciência da prática dirigida para os valores universais.

O fim da filosofia é a moral; no entanto, para realizar o próprio fim, torna-se preciso conhecê-lo; para construir uma ética é necessária uma teoria; a "gnosilogia" deve preceder logicamente, a moral. Se o fim de filosofia é prático, o prático depende, por sua vez, inteiramente, do "teorético", no sentido de que o homem tanto opera quanto conhece; virtuoso é o sábio, malvado o ignorante.

O moralismo socrático é equilibrado pelo mais radical intelectualismo, racionalismo, que se coloca contra todo voluntarismo, sentimentalismo, pragmatismo, ativismo, etc.

A filosofia socrática resume-se na gnosilogia e na ética, sem metafísica.

A gnosilogia de Sócrates, que se concretiza no seu ensinamento dialógico, donde deve ser extraída e se esquematizada nos seguintes pontos fundamentais: ironia, maiêutica, introspecção, ignorância, indução, definição.

Antes de tudo, cumpre desembaraçar o espírito dos conhecimentos errados, dos preconceitos, das opiniões; este é o momento da ironia, ou seja, da crítica.

Sócrates, como os sofistas, posto como finalidade diversa, reivindica a independência da autoridade e da tradição, a favor da reflexão livre e da convicção racional.

Logo, será possível realizar o conhecimento verdadeiro, a ciência, mediante a razão.

Isto significa que a instrução não deve consistir na imposição extrínseca de uma doutrina ao discípulo, mas o Mestre deve tirá-la da mente do discípulo, deve eduzi-la pela razão imanente e constitutiva do espírito humano, o que é um valor universal.

É a famosa "maieutica" de Sócrates, que declara auxiliar os "partos" do espírito. Há aqui uma certa influência da genitora de Sócrates que era parteira.

Esta interioridade do saber, esta intimidade da ciência, fixa-se no famoso dito socrático e muito usado na linguagem maçônica: "**Conhece-te a ti mesmo**", que no pensamento, do filósofo significa, precisamente, consciência racional de si mesmo, para organizar racionalmente a própria vida.

Entretanto, consciência de si mesmo quer dizer, antes de tudo, consciência da "própria ignorância" inicial e, portanto, necessidade de superá-la pela aquisição da ciência.

Esta ignorância não é ceticismo sistemático, mas apenas, metódico, um poderoso impulso para o saber, embora o pensamento socrático fique no agnosticismo filosófico por falta de uma metafísica, pois, Sócrates achou, apenas, a forma conceptual da ciência, não seu conteúdo.

Por ciência, naturalmente, Sócrates não limitou o conhecimento da época, mas sim, quis referir-se à necessidade da investigação, do estudo.

O procedimento lógico para realizar o conhecimento verdadeiro, científico, a indução ou melhor, remontar do particular ao universal, da opinião à ciência, da experiência ao conceito.

Como Sócrates é o fundador da ciência em geral, mediante a doutrina do conceito, assim é o fundador, em particular, da ciência moral, mediante a doutrina de que eticidade significa racionalidade, ação racional.

Virtude é inteligência, razão, ciência, não sentimento, rotina, costume, tradição, lei positiva, opinião comum.

Tudo isto tem que ser criticado, superado, subindo até à razão, não descendo até à animalidade.

Sócrates levava a importância da razão para a ação moral até aquele intelectualismo que, identificando conhecimento e virtude, bem como ignorância e vício, tornava impossível o livre-arbítrio.

Sócrates não exauriu a problemática levantada, mas deixou para Platão e Aristóteles o início do estudo da metafísica e o complemento de sua obra.

Nas lições maçônicas, os conceitos socráticos são repetidos ainda hoje, pois o itinerário traçado por Sócrates é diuturnamente percorrido pelos maçons que não esgotaram a ciência da moral.

A filosofia socrática constitui uma das pedras angulares do grande Edifício da filosofia maçônica.

## Licurgo

Filho de Eunomo, rei de Esparta, nasceu no ano de 868 a.C. tendo sido legislador de Lacedemônia.

Morto seu irmão Polidecto, no ano de 898 a.C. foi proclamado rei por faltar descendência a Polidecto, eis que ignorava-se se a rainha viúva estaria ou não grávida.

A primeira proclamação de Licurgo foi que se a rainha desse à luz a um sucessor da coroa de seu irmão, ele seria o primeiro a reconhecê-lo, jurando que então, reinaria, apenas como tutor do futuro príncipe.

A rainha, contudo, propôs a Licurgo que se casaria com ele e evitaria o nascimento do filho, proposta que Licurgo repeliu, e quando nasceu o herdeiro, o tomou nos braços e apresentou ao povo e aos magistrados dizendo: "**Este é o rei que nos nasceu**".

A alegria que este homem extraordinário demonstrou por um acontecimento que o iria privar do trono, sua conduta, suas virtudes e a sabedoria com que soube administrar Esparta, lhe granjearam o amor e o respeito dos seus concidadãos.

Porém, a rainha não perdoara ter sido repelida por Licurgo, passando a fomentar intrigas entre os grandes do Estado e entre seus parentes a ponto de conseguirem desgostar o Rei que abandonou sua pátria refugiando-se em Creta.

Em Creta travou íntima amizade com Tales, aprofundando os seus conhecimentos.

Ultimou seu projeto de uma legislação aperfeiçoada tendo em vista a diversidade de governos e costumes, percorrendo para tanto, toda a costa da Ásia.

Só encontrou leis e almas sem vigor.

Os cretenses, com um regime simples e severo eram felizes; os jônicos, que presumiam possuir a mesma felicidade, na realidade eram infelizes, escravos dos prazeres e da licenciosidade.

Enquanto Licurgo percorria as mais longínquas regiões, estudando as obras dos legisladores, enquanto recolhia as suas sementes preciosas, os lacedemônios, cansados de sofrerem os desacertos dos seus governantes e desejosos de pôr fim às funestas divisões que tanto os enfraqueciam, enviaram vários mensageiros para rogar a Licurgo que retornasse e assumisse o poder.

Licurgo resistiu quanto pôde aos rogos do seu povo mas, vencido e convencido, retornou à Pátria.

Apenas chegado, desde logo, compreendeu que o caso não era somente o de ajustar o emaranhado de leis estabelecidas, mas que era necessário destruir toda legislação e formar outra com bases sólidas.

Os obstáculos que tinha pela frente eram gigantescos, mas não desanimou, pois tinha ao seu lado o prestígio e a veneração que lhe tributavam à sua sabedoria e à sua virtude, os seus concidadãos.

Ninguém melhor que Licurgo para dominar as vontades e reconciliar os espíritos, posto os mais exaltados; prevenira-se o grande legislador em obter os favores dos deuses consultando o Oráculo de Delfos. -

O Oráculo respondeu: **“É do maior agrado dos deuses sua homenagem e sob os seus auspícios tu formarás a mais perfeita das constituições políticas”**.

A pitonisa, em perfeita harmonia com Licurgo, foi imprimindo a cada nova lei, o selo da “divina autoridade”.

Depois de muita luta, revoltas e motins, conseguiu Licurgo vencer e ver sua Constituição unanimemente aprovada.

A Constituição era tão bem formulada, tão harmônica, que pela sua perfeição o povo deveria ser feliz.

Contudo, Licurgo não estava satisfeito e congregando o povo lhe disse: **“Falta o artigo mais importante de nossa legislação; quero apresentá-lo; porém não o farei senão após ter consultado o Oráculo em Delfos. Prometei-me, pois, que durante minha ausência não tocareis nas leis estabelecidas”**.

O povo prometeu, mas Licurgo exigiu um juramento mais formal e irrevogável. Os reis, os senadores e todos os cidadãos juraram solenemente tomando os deuses por testemunha.

Imediatamente, Licurgo partiu para Delfos, onde perguntou ao Oráculo se as novas leis seriam suficientes para assegurar a felicidade dos lacedemônios.

A pitonisa respondeu: **“Esparta será a mais florescente de todas as cidades, uma vez que se observem as suas leis”**.

Licurgo enviou a resposta a Lacedemônia e, para garantir que o povo cumprisse o juramento, condenou-se a si próprio ao ostracismo e emigração.

Poucos anos depois, morreu longe de sua pátria, por cuja felicidade tão generosamente se tinha sacrificado; e a fama de Esparta correu o mundo.

Esparta dedicou um templo a Licurgo tributando-lhe honrarias ímpares e perpétuas homenagens.

Licurgo não só foi o excelso legislador, como também filósofo profundo e ilustrado reformador, pois sua legislação era um sistema perfeito de moral e política.

Este sábio legislador foi o primeiro que conheceu a força e a fraqueza do homem e soube conciliar a lei com os deveres e necessidades do cidadão.

Esparta, um dos Estados menores da Grécia, chegou a ser o mais poderoso.

Licurgo é evocado nesta quarta viagem, justamente como grande legislador, numa demonstração de que a Maçonaria encontra uma dos seus motivos de existir, no aperfeiçoamento das leis, sejam as de sua própria Instituição, sejam de todos os países onde exerce a sua benéfica influência.

Licurgo preconizou e pôs em prática a sua moral filosófica de que os interesses dos cidadãos se encontram, sempre, confundidos com o interesse do Estado, pois este não é apenas uma administração, mas sim, a chefia da grande família.

O Companheiro, desde cedo, deve preocupar-se com o aperfeiçoamento das leis e fazê-las respeitadas.

Licurgo conseguiu o respeito à sua legislação através de juramentos solenes; os iniciados dentro da Maçonaria juram solenemente respeitar as leis do país onde vivem.

## Pitágoras

Pitágoras, fundador da Escola Pitagórica, nasceu em Samos, pelos anos 571-70 A.C..

Em 532-31 foi para a Itália, na Magna Grécia, e fundou em Crotona, colônia grega, uma associação científico-ético-política, que foi o centro de irradiação da Escola e encontrou partidários entre os gregos da Itália Meridional e da Sicília.

Pitágoras aspirava afazer com que a educação ética da Escola se ampliasse e se tornasse reforma política.

Não conseguindo o seu intento, levantou oposições e foi constrangido a deixar Crotona, mudando-se para Metaponto, onde morreu, cerca de 497-96 a.C.

Os discípulos de Pitágoras dividiam-se em duas classes: os iniciados e os públicos.

Os iniciados formavam uma espécie de comunidade religiosa, levando vida em comum, sujeitando-se a muitas provas; somente depois, é que eram conduzidos à presença do Mestre para receber a doutrina "misteriosa".

Tal era a veneração para com o Mestre, que os discípulos o consideravam uma quase divindade, a ponto de, quando diziam: "**O Mestre disse**", não comportava o assunto qualquer discussão.

Os discípulos públicos recebiam ensinamentos considerados comuns, sem receber a "doutrina misteriosa".

Os ensinamentos de Pitágoras abrangiam a filosofia das escolas por onde passara; a elevação, o espírito místico e simbólico dos orientais, o caráter, ao mesmo tempo belo e positivo que distinguia os gregos.

As matemáticas, a física, a astronomia, a música, o canto, a poesia, ao lado da harmonia das "esferas celestes" e da transmigração das almas.

Pitágoras admitia a existência de uma grande Unidade, da qual emana o próprio Mundo e este por sua vez, era um conjunto de outras unidades subalternas.

Dava ao número muita importância, chegando a afirmar que a nossa alma era um número.

Esta concepção, evidentemente simbólica, servia para ocultar a doutrina misteriosa; este comportamento era necessário para evitar as perseguições que fatalmente surgiriam, ao contrariar as crenças populares.

Pitágoras explicava a formação do mundo da seguinte forma simbólica: a grande Mônada, ou Unidade, tinha produzido o número binário, após, formou-se o ternário, e assim, sucessivamente, continuando através de uma série de unidades e números, até chegar ao conjunto de unidades que constituíram o Universo.

A primeira Unidade era representada pelo Ponto. O número binário, por uma Linha. O número ternário por uma Superfície. O quaternário por um Sólido.

A metempsicose, ou transmigração das almas de um corpo para outro, é encontrada, também, na filosofia oriental, de onde é provável que Pitágoras a tenha absorvido.

A sua Escola reconhecia na alma, duas partes: inferior e superior, ou seja, paixão e razão. As paixões devem ser dirigidas e governadas pela razão, harmonizando-as; esta harmonia se chama virtude.

O Universo foi considerado como um grande todo harmônico, o Cosmos; e a Música das esferas é a harmonia admirável que reina nos movimentos dos corpos celestes.

Apesar da escassez dos meios de observação, os pitagóricos fizeram notáveis descobrimentos no terreno da Astronomia; para exemplificar, bastaria citar a descoberta que Pitágoras fez a respeito do duplo movimento da Terra, doutrina a que deu publicidade e entregou ao seu discípulo Filolau.

A escola pitagórica exerceu grande influência na Itália, onde Cícero esclareceu que o rei Numa, a quem se atribui responsabilidade no crescimento da Maçonaria Operativa, não era pitagórico, eis que reinara dois séculos antes do nascimento de Pitágoras.

Os discípulos de Pitágoras não se dedicavam somente à Astronomia e Matemática; aplicavam-se ao estudo da organização social e política.

A atitude de Pitágoras em manter em sigilo a sua doutrina, formando uma "seita" religiosa, o que convinha na época, dada a intolerância existente leva a crer que sua intenção era criar uma transformação social.

As suas tentativas de uma nova organização social são notadas através das condições que impunha aos discípulos: viver em comunidade, a dedicação ao jejum, à oração, ao trabalho, à contemplação, e à instrução em geral, visando um aperfeiçoamento da sociedade.

Embora não tenha ficado comprovado, parece que Pitágoras foi assassinado, justamente, pelo seu movimento social e político.

Deve-se a Pitágoras a origem do vocábulo "Filosofia".

Os gregos chamavam à sabedoria de "Sofia" e aos seus sábios de "Sofos". Pitágoras achou muito elevado denominar-se de "Sofos", e preferiu ser chamado de "amante da sabedoria"; preferiu, em vez de atribuir-se à realidade da sabedoria, a denominação de quem expressava o desejo e o amor com que buscava fazer-se sábio.

Cícero faz a seguinte referência à origem do termo "Filosofia":

***"Heráclides de Ponto, varão muito dotado, e discípulo de Platão, escreve que, tendo ido Pitágoras visitar ao rei Leão, teve com ele longa entrevista; este, admirado do tamanho saber e eloquência de Pitágoras, lhe perguntou qual era a arte que professava. - Nenhuma arte conheço, respondeu Pitágoras; sou filósofo".***

Estranhando o rei a respeito do nome que jamais ouvira, perguntou o seu significado e em que consistia a diferença para com os demais homens.

Pitágoras respondeu:

***"A vida humana me parece uma das assembléias que se reúnem nos jogos públicos da Grécia. Ali acodem para ganhar o prêmio com sua robustez e destreza, os atletas; outros para negociar, comprando e vendendo; outros, que são, certamente os mais notáveis, não buscam nem louros nem lucros e só assistem para ver e observar o que se faz e de que maneira; assim, nós, os filósofos, contemplamos os homens como vindos de outra Vida e Natureza, reunirem-se em assembléias deste mundo; uns andam em busca de glória; outros de dinheiro; e são poucos os que só se dedicam ao estudo da natureza das coisas. A estes poucos os chamamos filósofos; e assim, como na assembléia dos jogos públicos representa um papel mais nobre aquele que nada adquire e só observa, cremos, também, que se sobrepõem muito às demais ocupações, a contemplação e o conhecimento das coisas".***

Pitágoras foi o Mestre-Maçom por excelência, a base filosófica do Rito Escocês Antigo e Aceito, o fundamento inalterável de todo conhecimento atual, por maior que tenha sido neste campo a evolução.

Na Matemática e Geometria, ciências e artes existentes em todos os símbolos maçônicos, a presença de Pitágoras é a constante daqueles que se dedicam à meditação e que colocam a razão, na posição elevada, dentro do complexo que se chama mente do homem.

\* \* \*

## I. N. R. I.

São as iniciais misteriosas que encerram o “segredo” da palavra sagrada dos Cavaleiros Rosa-Cruz, palavra que não se pronuncia; serve para inquirir, através de um questionário, o verdadeiro Rosa-Cruz, que assim, sabe encontrar por duas vezes, a palavra sagrada que solicita.

Estas quatro letras, em língua hebraica, são as iniciais do nome dos quatro elementos primitivos conhecidos na antiga física.

Há confusões em torno da inscrição I.N.R.I., atribuída, exclusivamente à frase resumida colocada no cimo da Cruz onde Jesus foi sacrificado.

Estas quatro letras eram conhecidas pelos antigos filósofos que tinham arrancado da Natureza os seus segredos, dizendo que a Natureza se renova em seu próprio seio.

Esta doutrina de renovação tem sido, sempre, a doutrina maçônica.

Os antigos Rosa-Cruzes formavam os seguintes aforismos:

***Igne natura regenerando integrat  
Igne natura renovatur integra  
Igne nitrum rorsis invenitur***

Outros as interpretam considerando-as como iniciais da palavra hebraica dos quatro elementos da antiga física:

***Lammin (água)  
Nour (fogo)  
Roauhh (ar)  
Labeschech (terra).***

Os modernos Rosa-Cruzes as dão como iniciais das palavras: **Índia, Natureza, Regeneração, Ignorância.**

E também: ***“Indefeso nuso repellamus ignorantiam”.***

A definição mais vulgarizada a respeito das iniciais I.N.R.I. é a de que são as iniciais da sentença escrita em latim, colocada sobre a Cruz onde morreu Jesus: ***“Jesus Nazarenus Rex Judeorum”.***

A seita ou escola dos rosacrucianos fazia uso das iniciais para expressar um dos segredos da alquimia: ***“O fogo renova completamente a Natureza”.*** Também adotaram as iniciais para expressar seus três elementos principais, que eram o sal, o enxofre e o mercúrio.

## A Quinta Viagem

De tudo o que foi dito sobre a quinta viagem, pinça-se um aspecto relevante, que diz respeito à Liberdade.

A Liberdade tanto pode ser um elemento da própria Natureza, como condição intrínseca do homem, ou um estado emocional.

Ela tem tido os seus momentos de evolução e os seus conceitos se ampliam, alteram-se ou modificam-se. O conceito de Liberdade de mil anos atrás, evidentemente, não era o mesmo de hoje.

Todos os pensadores, os grandes homens, os filósofos, os sábios, os grandes condutores de homens, têm definido Liberdade de múltiplas formas; contudo, todos mantiveram um denominador comum: a Liberdade, para o homem, está na dependência de sua própria vontade.

Liberdade, conceituada quanto a livre locomoção, pertence ao campo político e social. As Constituições dos países destacam a importância desta Liberdade.

A Maçonaria tem lutado para manter esta Liberdade no Mundo, e isto vem comprovado na fase histórica da Maçonaria.

A luta pela Liberdade é um sentimento inato no homem e não dependerá da Maçonaria mantê-la, inspirá-la ou cultivá-la.

Outras Instituições que não a maçônica, têm em seus programas, também, este propósito, de modo que para a Maçonaria não é uma questão filosófica.

Além da Liberdade de locomoção, "ir e vir", na linguagem jurídica, há outra liberdade a considerar: a Liberdade de todas as raças possuírem os mesmos direitos.

Até há pouco tempo, a Maçonaria dos Estados Unidos da América do Norte não admitia em suas Lojas membros de cor preta, ou mesmo que possuíssem sangue, em qualquer percentual, da raça negra.

Isto no país considerado mais civilizado e líder dos povos; felizmente, esta discriminação terminou.

Felizmente no Brasil, a Maçonaria nunca teve destes problemas.

Liberdade para todas as raças é um ideal maçônico vivo, nos países onde surge a necessidade de luta, para banir a errada concepção de que um homem difere dos demais, por ter outra cor em sua pele.

Hoje, não temos mais, no mundo, restrições quanto à liberdade cultural e religiosa; cada homem tem o pleno direito de dedicar-se ao estudo, escolher uma profissão e professar seu culto.

Alguns países, ainda em fase experimental neste terreno, posto passados já longos anos, constituem exceção. A Maçonaria não pode lutar em benefício destes homens, porque também ela é banida; os governos excepcionais têm duração limitada, enquanto a Maçonaria possui secular tradição; sempre chegará, como sempre chegou, o dia da emancipação destes povos.

Esta Liberdade de fazer, estudar, adorar a Deus, ir e vir, votar e ser votado, posto constitua relevante condição social e política do homem, não tem muita importância.

Liberdade como estado emocional é a que apresenta maior interesse de estudo e que na Quinta Viagem sobressai.

A partir de Sócrates com a sua máxima: "**Conhece-te a ti mesmo**", a liberdade necessitou de novo conceito.

Conhecer-se a si próprio, não é somente estar ao par dos mínimos detalhes quanto ao organismo humano, em sua parte física e psíquica; isto será de grande importância, mas não é tudo.

Diz Sócrates que o homem deve conhecer, ou melhor, reconhecer a própria ignorância. É neste sentido o pensamento socrático.

Porém, isto também não é tudo, pois o homem sensato de hoje, tem consciência de sua ignorância, mormente face à evolução tecnológica e do pensamento humano.

Disse um grande escritor moderno que "**A Liberdade é a faculdade humana para conduzir o pensamento e a ação, para um determinado sentido, com o menor número de obstáculos**"<sup>5</sup>.

Liberdade, na Quinta Viagem, tem o significado de Libertação.

Dissemos inicialmente que, para o homem, a sua Liberdade está na dependência de sua própria vontade.

Mas na realidade, esta concepção "humana" choca-se com a Liberdade, elemento da Natureza.

Há leis estabelecidas, nos três Universos: no Universo Cosmológico; no Universo dentro do homem; no Universo espiritual de Deus.

Estas leis foram estabelecidas pelo construtor dos Universos, o Grande Arquiteto, Deus para a Maçonaria.

O que o Grande Arquiteto estabeleceu, foi definitivo, permanentemente e perfeito, pois Ele é Justiça e Perfeição, o dualismo, sempre repetido e aceito, em todas as reuniões maçônicas.

A Liberdade filosófica deve ser conduzida neste sentido, isto é, libertar o homem de sua ignorância, a respeito da real concepção do termo Liberdade.

Este vôo de Liberdade, em direção à Liberdade no "seio" de Deus, é a Verdade maçônica.

O Mestre Nazareno já dizia: **"Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará"**.

O **"Conhece-te a ti mesmo"**, de Sócrates, nada mais é que a descoberta, dentro da mente do homem, de que ainda é escravo de suas paixões, emoções, e ignorância e que precisa ser libertado e que esta libertação não depende de mais ninguém, a não ser de si próprio.

Porém, como o estudante necessita de um Mestre, de uma escola e de meios outros para aprender, o homem em busca de libertação, necessita também destas condições.

Como isto constitui um trabalho somente em uma Oficina, ele encontrará as condições de que precisa; esta Oficina será uma Oficina maçônica.

O trabalho dentro de uma Oficina é de investigação; inicialmente, o pensamento é conduzido pela mão de um Mestre; parecerá que cada um absorve a concepção filosófica do Mestre; isto, apenas no início, pois, o alimento recebido fará o organismo crescer até o momento propício à autocrítica e auto-análise.

Entra sempre, obviamente, a presença de Deus, que inspira, dá abertura, alimenta a tolerância, e penetra na razão do Companheiro que, aparentemente por si mesmo, evolui, mas que na realidade, cresce mercê o auxílio amoroso de seu "Pai", o Grande Arquiteto do Universo.

O Grau 2, o Companheiro, pertence ao grupo "iniciático" do Rito.

No 1º Grau, o Aprendiz tem diante de si um panorama geral sobre a Maçonaria e se detém no estudo exterior dos símbolos.

Será como Companheiro que o maçom, buscará na filosofia, afirmar-se no propósito de atingir o mestrado.

Muitos maçons inexperientes, criticam o fato de a Maçonaria, ainda e sempre, estudar os conceitos dos sábios antigos e pouco significado dar aos filósofos modernos atuais.

A explicação é primária; as linhas mestras da Filosofia Maçônica são imutáveis, porque esteadas nas leis da Natureza; e foram os sábios antigos que nos revelaram o significado destas leis e sobretudo sobre os conceitos filosóficos de Justiça, Liberdade e Fraternidade.

Nada há a acrescentar aos conceitos antigos, pois o pensamento atual nada mais é que adaptação, ao mundo de hoje, dos conceitos de ontem.

Em verdade, temos certas facetas curiosas, como o que nos traz a Parapsicologia.

Mas isto constitui uma especialização sobre o conceito da mente humana; é uma ampliação ousada, ainda no campo experimental; uma espécie de "parapsicologia operativa", em termos maçônicos.

Isto não impede e não o tem impedido, que nas Lojas Maçônicas, também, haja excursão, no campo da Filosofia, da Psicologia, da Lógica, da Parapsicologia e demais ciências correlatas.

Porém, devemos nos render a uma realidade, para sermos honestos e justos; a tendência ao estudo de parte do maçom latino-americano, é modesta.

No Brasil, a luta para que cada Loja possua a sua biblioteca para propiciar aos seus membros facilidades de estudo, tem sido inglória; os próprios autores da literatura maçônica são escassos; estamos na dependência dos autores estrangeiros, e sem possibilidades de termos obras traduzidas.

---

<sup>5</sup> Alfredo M. Saavedra

O objetivo primordial do Companheiro é o estudo da Ciência; ciência diz respeito ao estudo de todos os ramos do conhecimento humano, sem segredos, com abertura e disposição humilde de aprender.

Seria ridículo pretendermos que a Maçonaria atual distribuísse conhecimentos científicos aos seus Membros, face à existência de escolas e universidades em número suficiente para que todos encontrem o que aspiram ou necessitam.

Também as livrarias estão superlotadas com livros de todos os gostos e matizes, técnicos e práticos.

Por isto, a Maçonaria, hoje, dedica-se ao estudo de, apenas, alguns aspectos científicos, sobre assuntos que interessam à formação social, moral e espiritual do homem.

O coroamento deste estudo, portanto, é a libertação da mente humana, em busca de seu "Eterno Refúgio", o Grande Arquiteto do Universo.

## O Exame

Todos os compêndios sobre o Grau 2 fazem referência ao exame a que o Companheiro deve ser submetido, fornecendo, até, alguns, modelos de questionários.

A "passagem da Perpendicular ao Nível", fórmula aplicável ao Companheiro, lhe permitirá, daquele momento em diante, participar nos trabalhos da loja.

A perpendicular suporta a "chumbada" que simboliza a descida em "si mesmo" (a transformação alquímica do chumbo em ouro).

Meditação grandiosa que proporciona a oportunidade de tudo analisar detalhadamente.

Concluído o trabalho individual, finda a "descida", o Companheiro volta-se aos demais Irmãos e "nivela" seu comportamento, permanecendo, todos, no mesmo plano.

O Companheiro, na condição de "livre-construtor", deverá preparar-se para assimilar as lições contidas nos símbolos.

O Aprendiz recebe a primeira letra de sua Palavra Sagrada, porém necessita proporcionar a segunda, para então, receber a terceira.

Desde os primeiros passos, o Companheiro luta para absorver o que aprende.

Não poderá, porém, estacionar no Grau 2, mas não tem o "direito" de buscar a exaltação.

A admissão de um candidato profano decorre de um longo estudo, de parte, primeiramente, de quem o apresenta; em segundo lugar da Comissão de Sindicância e em terceiro lugar, da aprovação por unanimidade da Assembléia.

Em tese, o sistema de arregimentação de candidatos é perfeito; porém, na realidade, cada Loja segue a sua "praxe" e nem sempre, há acerto na escolha.

Nas cidades pequenas, todos são conhecidos e torna-se muito fácil saber quem serve e da conveniência ou não de solicitar o interesse do profano.

Porém, nas cidades maiores e mormente nas capitais, o problema torna-se difícil de equacionar.

Geralmente, posto seja altamente condenável, basta a própria apresentação feita por um Mestre do Quadro.

Este merece fé; o pressuposto de que a sua convivência com o Candidato é razão suficiente para que lhe seja perfeitamente conhecido; a confiança que os Obreiros depositam no Proponente; as informações elogiosas iniciais, são fatores de plena e geral convicção.

A própria Comissão de Sindicância, busca informações superficiais, dado o pressuposto de que o Proponente merece fé.

Os aspectos negativos surgem do fator básico de que o despreparo existente nas Lojas brasileiras, não capacita a maioria dos Proponentes uma escolha acertada.

Desta deficiência é que surgiu a frase que se tornou axioma: "Se o candidato não for digno, ele não permanecerá por longo tempo na Loja."

A sua escassa permanência decorre de sua própria vontade; perdendo o interesse, afasta-se.

E temos então, o resultado comum a todas as Lojas: as sessões pouco freqüentadas; Membros do Quadro que permanecem longo período afastados do convívio dos Irmãos e que, muitas vezes são elevados e exaltados por antigüidade.

Portanto, quando o Aprendiz mostra-se apto à elevação surge a oportunidade de lhe exigir trabalhos, com a finalidade de compeli-lo ao estudo à dedicação.

Um bom Aprendiz será um Companheiro promissor.

Mas, se o Companheiro, vencido seu tempo para candidatar-se à exaltação, não estiver devidamente preparado, teremos um Mestre que não terá condições de apresentar candidatos. Estará formado o círculo vicioso e a Loja se apresentará como Loja fraca e inexpressiva dentro da Jurisdição.

Daí a necessidade recomendada pela experiência, de submeter o Companheiro a um exame.

Este exame deverá ser feito dentro da Loja e o Companheiro deverá responder às questões, oralmente.

Apresentar um trabalho escrito não comprovará o conhecimento adquirido, porque será extremamente fácil a consulta aos compêndios.

Porém, as questões devem ser elaboradas inteligentemente e preparadas de forma individual, para evitar a rotina.

Cada resposta deve comportar uma dissertação e proporcionar, a todos os Membros da Loja, a oportunidade de apartes e perguntas suplementares.

Atingir o Grau 3 não significa, apenas, a passagem através de um cerimonial, para nova situação maçônica, mas a definitiva posição dentro da Loja, onde existe um mesmo plano de conhecimento, oportunidades e que poderá conduzir qualquer membro à posição de Venerável Mestre.

O questionário para o exame deverá ser elaborado pelo

Orador e deverá atingir, não somente a parte doutrinária, mas,

a personalidade do examinado, a fim de que todos os presentes passem a conhecê-lo e saber das possibilidades amplas que

o novel Mestre terá para o "coroamento da obra".

O exame deve atingir o "comportamento" do examinado; isto constitui a "ciência do comportamento".

O comportamento humano é complexo; dum lado, temos a Fisiologia, investigando os órgãos e células que executam o trabalho orgânico; doutro lado, as ciências sociais, estudando o homem dentro do grupo humano; há a posição intermediária que centraliza a atenção sobre o "indivíduo", que é a Psicologia; esta estuda as atividades do indivíduo durante toda a sua vida, desde o período embrionário, continuando pela infância, meninice e adolescência, até a maturidade.

Durante este período o indivíduo mantém-se o mesmo, porém seu comportamento apresenta dualidade; continuidade e modificações.

A Psicologia compara a criança e o adulto, o normal e o anormal, o humano e o animal; aplica as leis gerais que regulam as atividades dos indivíduos muito diferentes entre si; leis do crescimento, da aprendizagem, do pensamento e da emoção.

Em suma, a Psicologia pode ser definida como a ciência das atividades do indivíduo.

A atividade inclui, além das atividades motoras como andar e falar, as cognitivas (aquisição de conhecimentos) como ver, ouvir, lembrar e pensar; e atividades emocionais como rir e chorar, sentir alegria ou tristeza.

O tema constante das lições do Ritual, para o Companheiro, são os seus cinco sentidos.

Daí a necessidade de conhecerem-se estas atividades, após transcorrido o período do companheirismo.

Segundo o ponto de vista científico, a Psicologia trata das atividades mentais, como: aprender, lembrar, pensar, planejar, observar, desejar, amar, odiar.

A atividade mental, porém, também é atividade corporal; o cérebro entra ativamente em toda situação mental; os músculos e os órgãos também desempenham o seu papel.

Descobrir o funcionamento dos órgãos diz respeito à Filosofia, ciência que subdivide

os organismos em suas partes componentes e procura determinar a contribuição de cada órgão para a vida, considerados um conjunto.

A Fisiologia estuda a função dos olhos na visão; dos órgãos da linguagem nas comunicações verbais; dos músculos no ato de pegar um objeto e assim, investiga como é que esse órgão a que chamamos de cérebro integra as atividades do indivíduo obrigando-o a acomodar-se com o ambiente.

O indivíduo deve ser estudado como um todo, posto as atividades individuais possam ser decompostas. O indivíduo é uma unidade; é quem ama ou odeia, realiza ou falha; executa tarefas, soluciona problemas, adapta-se ao meio ambiente e à coexistência com outras pessoas.

Estas "interações" entre o indivíduo considerado como um todo, e o mundo ao seu redor, requerem investigações científicas; este estudo é levado a efeito pela Fisiologia.

O indivíduo humano "interage" com outros indivíduos tomando parte em atividades grupais.

É o indivíduo dentro da Maçonaria.

Pode-se tomar o grupo que compõe uma Loja como unidade; o estudo destas atividades denomina-se Sociologia.

A atividade de uma Loja poderia ser considerada como um todo, mas ao mesmo tempo, poderia ser descrita individualmente, na medida das realizações de cada componente.

Logo, ao estudarmos a atividade mental e social do Companheiro, deve-se considerá-lo como indivíduo e ao mesmo tempo, como componente de um grupo.

O Companheiro durante o seu aprendizado deu provas de ser tolerante? A Loja o submeteu a testes?

O Companheiro mostrou-se eficaz por ocasião de um trabalho em grupo?

O Companheiro tomou alguma iniciativa que atingisse o grupo todo? Individualmente, fora da Loja, entrou em contato, "como trabalho maçônico", visitando irmãos enfermos; alcançando auxílio aos necessitados; empreendendo atividade isolada e mais tarde relatada em Loja?

Em suma, o exame deve abranger o trabalho operativo individual e em grupo, o trabalho especulativo, através de seus estudos, iniciativas no campo cultural e científico; bem como, o discernimento a respeito dos símbolos, da liturgia; o conhecimento do Rito, dos Rituais, das Leis Maçônicas.

Faz-se necessário que uma Loja, através de seu Venerável Mestre, programe estes exames e pratique à guisa de ensaios, ocupando todos os obreiros Mestres, para que os resultados sejam proveitosos.

Sem dúvida, uma Loja "intelectualizada" terá maiores e melhores probabilidades de evolução, que as Lojas cujos componentes sejam medíocres, no sentido cultural.

O campo experimental é de suma importância, mormente em uma Loja de Companheiros, uma vez bem conduzido o Ritual e as suas instruções.

Os Veneráveis Mestres, por ocasião dos seus encontros com Veneráveis Mestres das demais Lojas de uma jurisdição, deverão trocar idéias e permutar experiências, para que o trabalho e as realizações atinjam a grande maioria, em benefício de uma instituição progressista.

## As Lições

O Companheiro adquire o conhecimento do Grau através de três substanciosas lições, ministradas pelo Venerável Mestre e programadas dentro da ordem do dia; essas lições são ministradas espaçadamente, para permitir que os maçons possam apresentar trabalhos sobre elas e programar diálogos para o enriquecimento de toda Loja.

As instruções contêm o resumo da Iniciação e são lidas em voz alta, participando o Venerável Mestre, o Orador e os Vigilantes.

No transcurso do presente livro já nos referimos, minuciosamente, a respeito de quase tudo o que contêm as lições; no entanto, as comentaremos para servir como subsídios para aqueles interessados no aprofundamento do conhecimento do Companheirismo.

As instruções não fazem parte do Ritual; são apenas, esclarecimentos que incentivam o interesse dos que desejam aprimorar o seu conhecimento.

Essas instruções são impressas e distribuídas aos Companheiros, logo após a sua leitura em Loja; na oportunidade, tanto o Orador como algum irmão para tanto designado, poderá tecer comentários a respeito e mesmo, algum Companheiro poderá solicitar esclarecimentos sobre alguma parte que não compreendeu.

Uma vez que essas instruções tiverem sido ministradas, o Venerável Mestre marcará uma sessão especial para proceder o exame e constatar se os Companheiros absorveram o que lhes foi ensinado; caso isso não ocorra, o Orador suprirá as falhas e ministrará todos os esclarecimentos necessários para que o Companheiro se capacite a ingressar no Mestrado.

As instruções podem ser alteradas à vontade; aperfeiçoadas, ampliadas ou resumidas; periodicamente, o Grão-Mestrado poderá alterá-las, atualizando-as e suprindo as necessidades das Lojas de Companheiros de sua jurisdição.

É sempre recomendável que os Companheiros recebam do Venerável Mestre uma relação dos livros que devem adquirir, ou recebê-los em carga, se a Loja possuir biblioteca.

É óbvio que três simples instruções não completam o currículo necessário para habilitar o Companheiro ao Mestrado.

Recomenda-se que as instruções sejam lidas pausadamente, podendo os participantes estenderem-se em considerações oportunas, citando exemplos, testemunhos ou experiências, enriquecendo assim o trabalho.

Nem todas as instruções, nas diversas Obediências Maçônicas, são iguais; mas num sentido genérico, são preciosas e bem elaboradas.

## Primeira lição

A finalidade última da Instituição Maçônica é a contribuição junto à sociedade para que a humanidade progrida nos aspectos da moral, dos bons costumes e do amor ao próximo.

Assim, o Companheiro, desde cedo, adquire o hábito de preocupar-se com o seu semelhante.

Como progresso da humanidade, entende-se o bem-estar social e a evolução científica, pois destes dois fatores, refletir-se-ão os demais, como o amor fraternal entre os povos, a felicidade do ser humano e o respeito harmônico para com o Criador.

A primeira instrução diz respeito ao Painel da Loja; o Painel resume a atividade do Companheirismo; sendo a Maçonaria também uma escola, cada Grau representa um curso com um currículo a ser desenvolvido; os elementos necessários são indicados pelo Painel do Grau.

A origem dos componentes da Maçonaria Simbólica vem da construção do Grande Templo de Salomão; os operários, os artífices, os mestres construtores, recebiam semanalmente orientação, sustento para si e familiares e salário, bem como férias para o descanso.

O sustento consiste em uma ração de trigo, uma de vinho e outra de azeite; os demais elementos de alimentação eram adquiridos com o salário.

A comercialização era possível, entre os trabalhadores, porque do salário recebido em "dinheiro", surgiam as trocas e a aquisição de outros produtos complementares.

Não há notícia a respeito dos gastos com vestuário, com lazer, e outros elementos necessários para a vida naquela época.

Nem todos os trabalhadores se faziam acompanhar pela sua família; porém, surgiam em torno do Templo e nos locais de onde provinham os materiais de construção, as oficinas, as matas de onde eram extraídas as madeiras, acampamentos, onde durante longos anos, as famílias cresciam e os filhos juntavam-se aos pais, auxiliando-os nas atividades profissionais, verdadeiras vilas e pequenas cidades, com vida própria.

Até a construção ter atingido determinada evolução, os pagamentos eram feitos em "campo", isto é, nos locais do trabalho; mas logo que a nave do Templo ficou pronta e as suas respectivas colunas ultimadas, os pagamentos eram feitos no Átrio e aos pés das colunas, onde eram "arquivados" os comprovantes de pagamentos.

Como as identificações, devido o grande número de trabalhadores cada vez eram mais difíceis, foram organizadas as Palavras de Reconhecimento, para cada especialização.

A História Sagrada descreve em minúcias as duas colunas, que denominamos em linguagem maçônica de colunas "J" e "B"; aliás é a única descrição existente que se conhece.

Essas colunas eram fundidas em bronze, construídas nos terrenos argilosos das margens do rio Jordão, entre Sucote e Zeredata; e o fundidor era o mestre Hiram Abif.

Todo o bronze empregado na construção, como colunas, vasos, o Mar de Bronze, as juntas de bois, os candelabros, bacias, enfim, os múltiplos utensílios, posteriormente, foram levados pelos babilônios, que o refundiu para confeccionar armas de guerra.

Do Templo de Salomão, temos, apenas, uma recordação mínima, que é o Muro das Lamentações, local sagrado para o povo israelita.

Na capela do Espírito Santo, dentro da Catedral de São Pedro, em Roma, aparecem duas colunas que são apresentadas como vindas do Grande Templo de Salomão.

Em nossa visita àquela capela, não nos foi possível obter maiores informações sobre tal notícia, que sem dúvida, pelo local que se encontram, devem ter origem conhecida e respeitada.

As colunas desempenhavam, também, as funções de "casa forte", onde eram depositados documentos e ouro, decorrentes da construção.

A origem das colunas, à entrada do Templo, além de servirem como ornamentação e cofre, recordavam a saga do povo hebreu na fuga da escravidão do Egito; em pleno deserto, perdidos os fugitivos, o Senhor surgia de dia através de uma imensa coluna de fumaça e à noite, de fogo, indicando a direção da terra de Canaã.

Essas colunas não sustentam qualquer teto; lá estavam como símbolo e ornamento.

Dentro dos Templos atuais, elas também não são sustentáculos; as doze colunas que circundam a nave do Templo, essas sim, sustentam a Abóbada Celeste.

O significado dessas duas colunas, hoje, engloba uma série de estudos e simbolizam muito mais que as do Grande Templo de Salomão.

Cada trabalhador tinha a sua tarefa para cumprir, orientado pelo Mestre de obras; assim, os Companheiros abandonavam o grupo geral, deixavam os Aprendizes para trás, e subiam por uma escada em caracol; ao pé desta, encontrava-se um Vigilante, que exigia de cada Companheiro uma resposta individual, de ouvido a ouvido, sinais e Palavra Sagrada; sendo certa a resposta, o Companheiro podia subir a escada.

A Palavra de Passe está representada no Painel por uma espiga de trigo junto a uma queda d'água.

A Palavra Sagrada foi tirada de uma lenda, referida nas Sagradas Escrituras, envolvendo os efraimitas.

A Escada em Caracol era constituída por três, cinco, sete ou mais degraus.

A interpretação desses números, hoje, foi simplificada, levando-se em conta a organização da Loja: três governam, o Venerável Mestre e os dois Vigilantes; cinco a constituem, que são os três governantes e mais dois companheiros; sete que a tornam perfeita, que são os já mencionados, acrescidos de dois aprendizes ou dois companheiros.

Três governam a Loja porque três foram os Grão-mestres que presidiram a construção do Grande e Primeiro Templo de Jerusalém: Salomão rei de Israel; Hiram, rei de Tiro e Hiram Abif, o artífice.

Cinco constituem a Loja, em consideração às cinco ordens da Arquitetura: Dórica, Coríntia, Toscana, Jônica e Compósita.

Sete ou mais a formam perfeita, porque o rei Salomão gastou mais de sete anos na construção, acabamento e consagração do Grande Templo, erigido ao serviço e glória de Jeová.

Neste número há referência às sete artes e ciências: **Gramática, Retórica, Lógica, Aritmética, Geometria, Música e Astronomia.**

Os companheiros que subiam a Escada em Caracol, atingindo o cimo, encontravam a Porta da Câmara do Meio, que estava aberta, porém impedida a passagem pela presença do Segundo Vigilante, para todos os que não fossem companheiros.

Recebidas as provas convincentes da condição de companheiro, passavam para a Câmara do Meio do Templo, onde encontravam os símbolos usados, ainda hoje, em toda Loja Maçônica.

Há, aqui, na descrição, uma certa falha, eis que está descrito um Templo já acabado, quando a presença dos trabalhadores era justificada pelo trabalho que deviam executar.

A presença da Escada em Caracol, constitui uma lenda, pois não há na História Sagrada qualquer referência a respeito.

Ela é uma alegoria, representando um jovem que tendo passado a sua adolescência como aprendiz e a sua virilidade como companheiro, tenta, ousadamente, avançar e subir, apesar de o caminho apresentar-se tortuoso e a subida difícil. Pela diligência e pela perseverança, chega à idade madura como convém a um esclarecido mestre.

No Vaticano, na sala de recepções, onde se encontra o trono dos papas, foram colocadas duas colunas, denominadas "Colunas de Salomão", como símbolo da sabedoria; essas colunas refletem uma arquitetura artística, ímpar e sem imitações, sobem em caracol, justamente para afirmar a alegoria e lenda aplicadas ao Grau dois.

Os antigos maçons artífices esculpam na pedra os seus trabalhos; não os construíram com argamassa ou modelagem, mas diretamente no granito ou no mármore.

Para eles constituía um trabalho ambicionado, uma obrigação religiosa, quando "transmitiam" a sua "mensagem individual".

Num sentido geral, a "mensagem" era pessoal porque embutida de esoterismo; o artífice, após passar pelo aprendizado, não se limitava a entregar a obra; entregava, sim, uma mensagem duradoura.

Outros, recebiam dos mestres a "ordem" para confeccionar a obra com a mensagem por eles sugerida; esses eram meros "intérpretes".

O estudo da Geometria e da Matemática era indispensável, como o conhecimento do manejo dos instrumentos.

Faziam da Geometria seu principal estudo, porque cada detalhe de sua obra deveria obedecer às proporções tiradas da própria Natureza, onde buscavam a inspiração.

Se, no aprendizado, os artífices estudavam o manejo dos instrumentos que lhes haviam sido entregues, como companheiros, dedicavam-se ao estudo acurado da Geometria Exotérica, isto é, extraíam de dentro de si mesmos, as medidas equilibradas para a "verdadeira construção" fruto da meditação e revelação da personalidade plasmada à luz da inspiração propiciada pelo Grande Geômetra.

Eram os tesouros extraídos das duas mais puras fontes: a Verdade e a Justiça, emanadas de um coração puro.

Aquele estudo a dedicação amorosa e perseverante, onde o tempo não era fator importante, criavam uma obra perfeita; algo palpável, físico, duradouro e, até hoje, grande volume de obras permanecem para a admiração e contemplação de toda a Humanidade.

Contudo, as obras "mais perfeitas"; as "inigualáveis", as de "inspiração Divina", não subsistiram; o afastamento paulatino do homem de seu Criador o faz desmerecedor de contemplar a "obra perfeita".

O maçom, quando vê uma obra arquitetônica, acervo de museus, relíquias ciosamente preservadas, e quando pode nelas passar suas mãos, Tateando-as, qual cego sobre uma folha escrita em braille, pelos conhecimentos que possui, pode perfeitamente, "ler" a mensagem vinda do passado, que contudo, é permanentemente nova, oportuna e atual.

Essas velhas tradições não constituem, apenas, o orgulho de uma arquitetura do passado, nem valem pelo que representam em moeda, mas sim, o reflexo da dedicação, da perseverança, do esforço e sobretudo, do resultado de um trabalho proveitoso.

Tudo isso está no Painel da Loja de Companheiro e, delas, todos nós participamos porque a sua "mensagem" nos atinge, mesmo se ainda não conseguimos penetrar no seu significado simbólico.

Basta a existência da obra, para testemunhar a existência da possibilidade da evolução criativa e tornar-se o companheiro, um sábio, um artista ou um cientista, dentro da Arte Real, que é nossa oficina.

Um dos Dez Mandamentos recebidos por Moisés, proíbe o culto e a adoração de imagens.

No budismo, no catolicismo e em dezenas de outros cultos, surgem nos lugares sagrados imagens que são veneradas, adoradas como se a reprodução significasse a presença em carne, do mito ou do personagem.

Qualquer um de nós, com habilidade e arte, pode esculpir uma imagem, especialmente as que se denominam de "santos".

Assistimos com muita freqüência a procissões, quando são carregadas imagens representando personagens religiosos. Os fiéis cultuam aquelas imagens porque, especificamente, são elas as "protetoras" e as "milagreiras".

O folclórico padre Cícero do nordeste está representado por uma imagem monumental; as romarias religiosas visam a visita àquela imagem específica.

Embora isso não represente valor algum, nem sob o ponto de vista religioso, nem esotérico, há uma ressalva a fazer.

Quem visita os museus, e mesmo a Catedral de São Pedro em Roma, encontrará um sem-número de estátuas vindas de séculos passados; em Atenas encontraremos estátuas muito mais antigas na Acrópole.

Embora essas imagens não recebam o culto dos visitantes, se acaso, passarmos nossas mãos sobre elas; se nos detivermos para apreciar a beleza daquelas obras de arte; se permanecermos "memorizando", numa volta ao passado, como se ingressássemos em um "túnel do tempo", por certo, receberíamos um impacto esotérico de força e de grande sensibilidade espiritual.

Seria o "símbolo" com sua silenciosa mensagem, a nos comunicar os seus segredos.

Certa oportunidade, estivemos, aqui no Brasil, visitando um museu antropológico do índio, onde ossadas e objetos descreviam um pouco de história.

Buscando "penetrar" nesses mistérios, de épocas muito longínquas foram descobertos recentemente na Europa, restos de um homem cuja idade foi cientificamente calculada em 300.000 anos, nossa percepção aguçou-se e eis que conseguimos vislumbrar parte daqueles índios assumirem, em carne e trajes, personificações vívidas, tentando nos transmitir uma "mensagem".

Da mesma forma, experiência igual a tivemos no Museu Imperial do Cairo; ao contemplarmos algumas múmias e, ao permanecermos durante certo lapso de tempo junto aos seus sarcófagos, notamos o "esforço" que faziam para libertarem-se das ataduras, eis que encontravam quem desejasse uma "comunicação".

Corre, no Egito de hoje, a voz de que quando as múmias retornarem aos seus túmulos, a nação egípcia será premiada com uma metamorfose, transformando-se em uma das maiores nações da terra.

No que diz respeito ao nosso Aleijadinho, tal processo repetiu-se; ao lado dos seus profetas em Congonhas, sentimos, ao tateá-los, as mesmas vibrações; se do escultor ou se dos próprios profetas, não o sabemos.

A obra de arte, aparentemente sem vida, poderá demonstrá-la ao sensitivo; vida diferente, esotérica, misteriosa, mas sempre, vida.

O anatomista, ao estudar o esqueleto humano, tem diante de si um amontoado de ossos; cada um desempenha sua função num local exato; cada um apresenta forma diferente da do outro, posto alguns apresentem semelhanças; cada um apresenta saliências, cavidades, protuberâncias, enfim, desde os mínimos orifícios, até as ranhuras profundas; cada aspecto recebeu um nome; assim, a anatomia conhece a estrutura do corpo humano, nos seus mínimos detalhes.

E assim, prossegue, com o estudo dos nervos, dos músculos, das entranhas, das glândulas, das partes periféricas; cada milímetro apresenta aspectos diferentes, sem contar o intrincado sistema celular, dos humores, do sangue e dos pêlos.

Como as impressões digitais diferem de dedo a dedo e de indivíduo a indivíduo, os pêlos apresentam as mesmas peculiaridades, chegando a ciência a descobrir através da análise, de um só pêlo, a que individualidade possa pertencer, revelando a identidade.

A obra está diante do anatomista que a conhece, porém, a conhece como obra inerte. O organismo humano vivo, apesar de apresentar toda estrutura e conjunto de aspectos idênticos ao cadáver, é um corpo diferente, porque tem vida.

As suas "reações" não são encontradas nos cadáveres, nem as suas emoções, sistema nervoso, inteligência, alma e espírito.

A obra arquitetônica é semelhante; o corpo humano é um monumento construído pelo Grande Arquiteto do Universo, de forma esotérica, que o homem atual ainda não conseguiu desvendar.

A obra arquitetônica de pedra assemelha-se ao corpo humano inerte; ela possui todos os elementos para ser uma "criatura", porém lhe falta a vida; essa vida, para o companheiro, será "mensagem" que, extraída da obra, e com ela, poderá conquistar uma "técnica de vida" até então desconhecida e viver feliz; sobretudo, transmitir essa felicidade ao seu próximo.

Estes são os ensinamentos contidos nesta primeira instrução.

## Segunda lição

A segunda instrução contém todos os ensinamentos já proporcionado ao Companheiro, um repasse ou recapitulação para que o Companheiro perceba se está apto à prosseguir, ou se deverá fazer uma pausa e revisar os seus estudos.

A instrução é aplicada através de um diálogo mantido entre o Venerável Mestre e os Dois Vigilantes. O Companheiro não participa do diálogo, mas limita-se a ouvir.

O Venerável pergunta, e os Vigilantes, respondem:

**"Sois Companheiro Irmão Primeiro Vigilante?"**

A pergunta inicial, constitui o princípio do "catecismo", cuja resposta deve ser exata e empregar palavras convencionais, que servem, também, de "senha".

O Primeiro Vigilante dá a resposta adequada, referindo-se a um dos primeiros símbolos que se estuda no Grau 2.

**"Como podeis justificar a vossa afirmativa?"**

Não basta uma resposta; ela deve ser consciente; o Primeiro Vigilante responde que faz a afirmação porque adquiriu consciência de si próprio, conhecendo-se a si mesmo, podendo fazer afirmações com segurança e precisão.

Evidentemente, o Primeiro Vigilante será sempre um Mestre, dada a posição que ocupa, e nesta condição as suas respostas são positivas e exatas.

**"Que é ser Companheiro?"**

Responde o 1º Vigilante: **"O Membro de uma Loja de Companheiros, obviamente é por todos os presentes reconhecido apto para exercer a sua "arte", ou seja, as suas tarefas correspondentes ao Grau com energia de trabalho. Não é suficiente o trabalho, mas este deve ser desempenhado com energia, pois o Companheiro trouxe para a sua Coluna, a "Força", adquirida na Coluna de onde proveio; o Companheiro tem o dever de realizar o plano teórico traçado pelos Mestres, transformando-o em prática."**

Aqui, poderá surgir certa confusão: o plano teórico é apresentado ao Companheiro pelo Segundo Vigilante, porém, de que planos se trata? Dos planos filosóficos, que constituem a base do Grau, vindos dos nossos antepassados, ou planos que os Mestres atuais elaboram para os Companheiros?

A Maçonaria atual muito tem que acrescentar às lições recebidas do passado; todo Mestre está apto para orientar os seus "discípulos", que são os Aprendizes e Companheiros; assim, competirá aos Mestres da Loja de Companheiros elaborarem os planos de estudo e de trabalho teórico, a fim de possibilitar que os Companheiros, possam, com os conhecimentos que já possuem, transformar os planos em obras.

**"Por que destes vosso conhecimento em serdes recebidos como Companheiro?"**

Tanto no Primeiro Grau, como no Segundo Grau, o Venerável, antes de receber os

candidatos, pergunta a eles se concordam em prestar os compromissos do Ritual, que lhe são explicados.

Qualquer compromisso, ou juramento, não são impostos; os candidatos têm toda a liberdade de recusar; não são raros os casos em que os candidatos, já em meio de uma iniciação, retiram-se, sob a alegação de não se encontrarem preparados para o passo que decidiram dar.

Responde o Primeiro Vigilante: "**Por que tinha desejo de conhecer os mistérios da Natureza e da Ciência, bem como o significado da letra iod, que corresponde à nossa letra G**".

O desejo de conhecer os mistérios da Natureza e da Ciência, não significa "curiosidade".

A "curiosidade" poderia ser de um profano, mas jamais de um iniciado e sobretudo, de um Companheiro.

"Desejo", aqui, é sinônimo de "fome"; o Companheiro necessita de alimento para o seu crescimento, e o alimento lhe é fator vital.

Além dos "mistérios" da Natureza e da Ciência, o Companheiro deseja penetrar no hermetismo da letra hebraica **iod**.

Os Maçons israelitas obviamente, conhecem o significado da letra **iod**; este conhecimento, que faz parte de sua educação, torna-se um "privilégio" que os demais não possuem; assim, será a respeito das lendas e histórico contido nas Sagradas Escrituras, que é um livro muito "familiar" para o israelita.

Da mesma forma, para o cristão consciente e estudioso, o conhecimento dos Evangelhos, lhe dará vantagem sobre aqueles que irão encontrar, somente nas Lojas, as notícias, as novidades, e explicação de muitos símbolos, posto os Evangelhos tenham estado à sua disposição, desde a meninice.

"**Que significa a letra G?**"

O significado da letra G é profundo, como já expusemos em capítulo anterior; o Venerável Mestre não questiona o Primeiro Vigilante sobre todos os aspectos da letra G, mas, apenas, quatro.

Responde o Primeiro Vigilante: "**Geometria, Gravidade, Gênio e Gnose**".

"**De que Geometria se trata aqui, Irmão 2º Vigilante?**"

Responde o Segundo Vigilante: "**Da aplicável à construção Universal; o polimento do homem, para que seja digno de ocupar o seu lugar no Edifício Social**".

A construção Universal diz respeito, exclusivamente, a quem pode criar, ou seja, ao Grande Arquiteto do Universo; só através de sua obra é que se podem extrair os conhecimentos para dar polimento ao homem.

"Polir", aqui, significa, tornar o homem de tal forma receptivo, que possa "refletir" a Luz recebida. Será o "refletor" da Vontade do Grande Geômetra, Deus; somente então poderá o Companheiro ocupar o lugar no Edifício Social, porque nesta Sociedade dos Herméticos, todos refletem a Luz Divina.

"Que relação existe entre a Geração e o Companheiro?"

A pergunta sugere dois planos distintos; a Geração não é um significado da letra G, mas um desdobramento da Geometria; a pergunta, ainda, é feita, dentro do assunto Geometria.

Responde o 2º Vigilante: "**O Companheiro é chamado a fazer a "Obra de Vida", pondo em ação sua energia vital, que extrai dos conhecimentos que possui sobre a sua própria existência, obedecendo às leis que regem a Geometria.**"

É o conhecimento socrático do "**Conhece-te a ti mesmo**", quando o homem conhecer a sua "natureza", conhecerá todo o Universo; conhecer-se a si mesmo, eduzir de si próprio, da fonte permanente, eterna, universal que se situa dentro de si próprio, seja em sua mente, em sua consciência, onde for, constitui o "realizar a obra de Vida"; a realização significa pôr em ação uma energia vital que sempre existiu no homem.

Esta é a lição dos nossos sábios antigos e por incrível que pareça, posto tenham passado alguns séculos, posto a tecnologia se apresente assombrosa, ainda o homem não se busca a si próprio, ao seu "Cristo" interno, para desvendar todos os mistérios.

"**Em que pode a Gravidade interessar a Maçonaria?**"

Responde o 2º Vigilante: ***“A ‘Atração Universal’, que tende a aproximar os corpos da ordem física, corresponde, na Ordem Social, a uma força misteriosa análoga que tende à reunião e, mesmo, à fusão, das almas. Corresponde à força que une os corações, que assegura a solidez do Edifício Maçônico, cujos materiais são Seres Vivos, indissolúveis pela profunda afeição que sentem uns pelos outros. O Amor Fraternal é, na Maçonaria, um Princípio Vital de Ordem, Harmonia e Estabilidade, assim como a Gravidade o é dos Corpos Celestes”.***

A resposta é dada em sentido genérico, pois a Gravidade não constitui, para a filosofia hermética, apenas, a atração exercida por cada Corpo Celeste, incluindo a Terra.

Hoje sabemos, com as viagens espaciais, e por experiência vivida, que há atração na Lua e em diversos outros Corpos Celestes.

Cada Universo possui o seu Centro de Gravidade, como possui um Sol, e demais Corpos Celestes, diversos daqueles que “gravitam” em torno da Terra.

O interesse do estudo é a função da Gravidade, que em resumo pode ser definida como uma “Força misteriosa que atrai a si”.

Dentro do cristianismo, a Força da Gravidade é o Espírito Crístico.

Dentro da Maçonaria, a Força da Gravidade é o amor Fraternal.

O Maçom sente-se “atraído” à sua Loja e a frequenta com satisfação; é a Força da Gravidade do Edifício Maçônico.

Edifício Social, não significa um prédio ou o agrupamento da Família Maçônica.

É a Força Misteriosa que atrai as almas.

Alma, no sentido de um Ser Vivo; uma Alma Vivente, mas Vida Maçônica e não Vida Vegetativa comum, ou sociedade comunitária dos povos.

Quando se menciona a “Ordem Social” representa-se o conjunto de leis que a Ordem Maçônica estabelece para serem observadas; a Maçonaria não prepara apenas as Leis; mas prepara os indivíduos para que possam obedecer às “suas leis”, que são inspiradas nos legisladores antigos, como Licurgo de Atenas.

***“Em que consiste o Gênio?”***

Responde o 2º Vigilante: ***“Na exaltação fecunda de nossas faculdades intelectuais e imaginativas. Desde que o Espírito, calculadamente, adquira a posse de si mesmo, não sai dos limites do talento que possa conter. Para chegar a ser Gênio, necessário é que se abandone às influências superiores, que se entusiasme, que vibre aos acordes de uma Harmonia mais elevada”.***

Não esqueçamos que a pergunta é feita dentro de uma Loja de Companheiros.

“Gênio”, na pergunta, não significa uma mente excepcional, com um Q.I. de inteligência superior ao normal.

Significa o resultado obtido pelo Companheiro, de, após longo e orientado período de meditação, ter chegado ao conhecimento de si mesmo”.

O 2º Vigilante empregou com acerto o vocábulo “Espírito”, em vez de “Mente”, “Intelecto”, ou “Alma”.

Espírito significa a “Mente do Grande Geômetra”.

Não esqueçamos que estamos dentro do significado da letra G.

A presença de Deus em nós, deve ser “consciente”.

Urna “presença” inconsciente, em nada nos serviria porque Deus “sempre” está presente em sua Criatura, quer queiramos, quer não, quer saibamos ou ignoremos.

Mas, uma “Presença” consciente, significa “Comunhão” com Deus.

O “Espírito” tomando “posse” do que é seu, comandando as ações do “Invólucro”, do “Conteúdo”, sendo Ele o Conteúdo.

A “Presença” do Grande G, no Companheiro, não ultrapassa os limites do talento natural.

O Companheiro possui um manancial de talentos suficiente para a realização do Plano Divino.

Quando a “Presença” do Grande G, for notada, sentida e conscientemente vivida, surgirá o Gênio.

**“Que significa Gnose?”**

Responde o 2º Vigilante: **“Em grego quer dizer: “Conhecimento”. É o conjunto de noções comuns a todos os iniciados que, à força de aprofundar, acabam por se encontrar na mesma compreensão da causa das coisas”.**

Finda aqui a primeira parte do diálogo mantido entre o Venerável Mestre e o 2º Vigilante.

O grego, o latim e o hebraico, são línguas usadas na Maçonaria, posto apenas para identificar alguns símbolos ou esclarecer a respeito da filosofia; este uso encontra explicação no fato dos nossos filósofos antigos provirem da Grécia, de Roma, e do Oriente.

Hoje, pouco a pouco, dada a simplificação dos ensinamentos, os termos gregos, latinos e hebraicos, vêm sendo substituídos por vocábulos comuns a cada língua própria de cada povo.

A tendência é o uso de todos os termos estrangeiros devidamente traduzidos; na Universidade, já não se estudam estas línguas tidas como “mortas”.

Gnose é Conhecimento. Conhecimento é a ativação do desejo de saber; da fome a respeito do desconhecido, para que seja desvendado.

Gnose é representada pelo “rompimento do Véu” que separava no Templo de Salomão, o local considerado Santo, onde o Sacerdote praticava os atos litúrgicos; com a morte de Jesus, o Véu rasgou-se, propiciando, assim, a qualquer homem, o caminho em busca do conhecimento.

Pergunta o Venerável Mestre: **“Como foste recebido Companheiro?”**

A linguagem Maçônica deve ser, sempre que possível, observada; o Companheiro é “recebido”, e não iniciado; posto se trate, realmente, de uma “iniciação”.

Responde o 1º Vigilante: **“Passando de uma Coluna para outra”.**

**“Que representa essa passagem?”**

Responde o 1º Vigilante: **“Uma complementação no programa iniciático. Quando Aprendiz, recebeu seu “salário” junto à sua Coluna, a que representa a Força; para tanto, o Aprendiz teve necessidade de basear-se na Razão, para poder discernir entre a Luz e as Trevas, entre a Verdade e o Erro.”**

Sem afastar-se de seu aprendizado, mantendo a mesma disciplina, como Companheiro deverá exercitar a sua “imaginação” e desenvolver a sua “sensibilidade”. Após, estará capacitado a dirigir o seu pensamento às raízes de todos os “fenômenos”, “mistérios”, e “hermetismo”.

O programa iniciático abrange as bases de todos os Graus, desde o primeiro ao trigésimo terceiro; este programa é estabelecido no aprendizado do Grau 1, e não se altera na ascensão, mas complementa-se, enriquece-se e amplia-se.

O “salário” do Aprendiz, é a auto-realização contida aqui, para efeito desta instrução, será a premiação com a elevação ao Grau 2.

A Razão, é a “Presença” do Grande Geômetra em função; isto não absorve a “imaginação” do Companheiro.

“Imaginação” pode significar “Intuição”; não devemos esquecer que o Companheiro, para atingir o topo de sua Coluna, fez cinco viagens e que numa delas, deteve-se no estudo dos Cinco Sentidos.

Basta fechar as pálpebras, recolher o pensamento ocupado através de um dos cinco sentidos, e quietamente, dar asas à imaginação, que será aqui, uma função ampliada pelos conhecimentos adquiridos. A “imaginação” só é possível de ser criativa e útil quando elaborada por uma mente disciplinada. Isto o Companheiro aprende.

A “imaginação” deve ser exercitada, ou seja, “burilada”, para que produza; seu fruto será: “sensibilidade”, isto é, sensível para reagir a qualquer provocação dos seus sentidos.

Em meditação, o Companheiro, poderá “dirigir” o seu pensamento e buscar as soluções de que necessita; soluções não necessariamente convencionais; podem extravasar ao comum e viajar para lugares ignotos e “criar” novas situações.

A meditação não significa “concentração”, ela nos vem, sofisticada, da Índia.

O Companheiro, em casa, senta-se comodamente, em uma poltrona, fecha os olhos e fixa o pensamento em um mantra, isto é, em uma palavra adequada que o ritual pode lhe fornecer; a certa seria a palavra “semestral” recebida durante a formação de “Cadeia de União”.

Com esta palavra na mente, seu pensamento começa a divagar, “nas asas de sua imaginação”, até que encontra o “caminho para dentro de si mesmo”.

É evidente que o Companheiro deverá solicitar, a um Mestre, orientação; com perseverança, há de sentir o resultado, e então, eis que os seus “sentidos” iniciam uma função até então, para ele, desconhecida; a visão e audição espirituais, são as primeiras manifestações da meditação.

Qualquer livro sobre a Meditação Transcendental do Maharichi Maechi Yogi servirá para o aperfeiçoamento da técnica.

Pergunta o Venerável Mestre: **“Que vos ensinaram no decorrer de vossas viagens?”**

Responde o 1º Vigilante: **“A me servir de utensílios precisos para transformar a Pedra Bruta em Pedra Cúbica, talhada de acordo com as exigências da Arte”.**

A Pedra Bruta, mercê do trabalho do Companheiro, “transforma-se”; o homem é sempre o mesmo; nada se lhe soma ou diminui, apenas, deduzem-se dele os valores ocultos, assim passará por uma transformação.

As arestas retiradas da Pedra Bruta são simbólicas, pois a Pedra da Loja Maçônica permanece inalterável. Simbolicamente, o Companheiro já não tem nenhuma aresta que possa desvalorizar a sua personalidade e se apresenta como Pedra Polida, que também, se denomina de Pedra Cúbica; a Pedra Bruta informe, passa a ser uma figura geométrica: o cubo.

O Companheiro recebe na sua trajetória, desde a iniciação para o aprendizado, até os últimos instantes em que é Companheiro, os instrumentos necessários para o trabalho na Pedra.

**“Quais são estes Instrumentos?”**

Responde o 1º Vigilante: **“A princípio, o Maço e o Cinzel; em seguida, a Régua e o Compasso; depois, a Alavanca; e, finalmente, o Esquadro. São seis Instrumentos rudimentares; evidentemente, ninguém poderá trabalhar na Pedra, com a finalidade de burilá-la e poli-la, apenas, com estes Instrumentos, considerando que a Régua, o Compasso e o Esquadro são instrumentos para a medição e a Alavanca, apenas, um auxiliar para remover a Pedra”.**

A lição que retiramos da simplicidade dos Elementos dados aos maçons dos 1º e 2º Graus nos fez compreender que o trabalho é mais mental do que físico.

Quais são os Instrumentos mais importantes? São justamente, os de medida; porém, devemos “trabalhar” com um conjunto de Instrumentos; para cada Grau conquistado, novos Instrumentos são acrescentados, até que o Maçom adquira o conhecimento do manejo de todos os Elementos que lhe são proporcionados para vencer.

**“Que significam o Maço e o Cinzel?”**

Responde o 1º Vigilante: **“Como instrumentos destinados a desbastar a Pedra Bruta, nos mostram como devemos corrigir nossos defeitos, tomando resoluções sábias (cinzel), que uma determinação energética (Maço) põe em execução”.**

Há uma informação falsa de que a Maçonaria modifica o homem, como se fosse uma Escola.

Em tudo, nota-se que o trabalho é auto-realizado; é o próprio neófito que percebe as suas arestas; ele sabe perfeitamente, que ele, a Pedra Bruta, possui arestas supérfluas e as vai retirando, uma a uma.

Não são os Vigilantes, nem será o Venerável Mestre que manejam o Maço e o Cinzel; tampouco os Mestres indicarão quais as arestas a retirar.

A Pedra Bruta representa o homem comum; as arestas do homem normal, a que nós denominamos de “profano”, são elementos naturais, surgidos com a própria vida.

As ações maléficas; a intolerância; o desamor para com o próximo, o egoísmo, são atitudes normais no homem profano, atitudes aceitas por todos, que provocam, evidentemente, reações também desagradáveis. Assim, porém, é a Humanidade.

O Neófito e mais tarde Aprendiz; o Companheiro, e mais tarde Mestre, adquirem, pondo em funcionamento os seus “Sentidos”, a consciência de suas “imperfeições”.

O portador de “arestas”, contudo, não é um indivíduo “imperfeito”, pois é Criatura de Deus e o Grande Geômetra, cria sempre com Justiça e Perfeição.

Mas se trata de "pinçar", com muita sabedoria, dentre milhares de indivíduos, aqueles, talvez, "predestinados" a serem as "exceções", transformando-se em "líderes espirituais", para conduzirem o resto da Humanidade, sem alarde; silenciosamente, também, pelo exemplo.

Constitui um "privilégio" ingressar na Maçonaria, quando o "recipiendário" sabe ver-se a si próprio e, quotidianamente, descobrir arestas e eliminá-las.

Os nossos "defeitos", que são sinônimo de "arestas", devem ser "corrigidos", por nós próprios; ninguém retirará de nós as nossas próprias arestas e, tampouco, nós podemos retirar dos nossos Irmãos as suas arestas. Trata-se de um trabalho individual.

**"Qual a relação existente entre a Régua e o Compasso?"**

Responde o 1º Vigilante: **"A Régua, permitindo traçar linhas retas que podem se prolongar ao infinito, simboliza o direito inflexível, a Lei Moral no que ele tem de mais rigorosa e imutável. A esse "Absoluto" se opõe o Círculo da Relatividade, cujo Raio se mede pelo afastamento das Pernas do Compasso. Ora, como nossos meios de realização são limitados, devemos traçar nossos programas de trabalho tendo em conta não só a idéia do Abstrato que nos incumbe seguir (Régua) como a Realidade Concreta (Compasso) com as quais estamos habituados".**

Não basta termos em mãos uma Régua; precisamos usá-la e fazer o Traçado, que é o plano, a meta e o ideal; o Mestre, realmente, nos auxilia na elaboração dos planos, assim como na construção arquitetônica, o Mestre orienta o operário; este executa a obra seguindo as plantas que o Engenheiro elaborou.

Não podemos vacilar no uso da Régua, porque o traçado deverá ser reto e sempre, para o "infinito".

Isto, Infinito, deve ser "verticalidade", ainda que, com os movimentos de rotação da Terra, não saibamos nunca em que direção está a verticalidade; tomando, porém, como limite a "luz" de uma Estrela, saberemos que a direção será, sempre, vertical.

A linha traçada deverá ser, sempre reta, sem interrupções; não confundamos o traçado através da Régua, com o traçado por meio do Esquadro; ambos os Instrumentos traçam retas, porém, com o Esquadro, sabemos distinguir, imediatamente, uma linha vertical e outra horizontal.

A reta representa o Direito, inflexível, e a Lei Moral, que sempre são caminhos retos, definidos e conhecidos. Uma conduta reta significa um comportamento dentro dos limites traçados pelo Direito que representa o conjunto de todas as Leis.

O Compasso "limita" nosso percurso; o limite é necessário, porque não convém ao Maçom conduzir o seu conhecimento além do que pode absorver; nosso traçado é limitado pelo Círculo; estamos presos a limites por nós próprios traçados, eis que nossa pesquisa e estudo são conscientes; nós devemos ter a consciência de nossa ignorância; como disse Sócrates, o **"conhecer-se a si mesmo"**, significa conhecer o próprio grau de sua própria ignorância.

O caminho traçado pela Régua é infinito, portanto, abstrato; a limitação do Círculo nos dá a realidade concreta; paulatinamente, chegado ao tempo, este Círculo se abre, e nossa mente poderá abranger outros planos.

**"A que alude a alavanca, Irmão 2º Vigilante?"**

Responde o 2º Vigilante: **"Ao poder irresistível de uma Vontade inflexível, quando inteligentemente aplicada".**

A Força de Vontade tem sido privilégio de poucos; os vencedores, podem ter tido origem humilde; berço paupérrimo; porém, a persistência, a perseverança, a insistência, a Força de sua Mente, a necessidade de uma vitória, constituem elementos escassos nos indivíduos.

Dentro das Lojas Maçônicas cultiva-se uma técnica de vida que conduz, justamente, ao exercício da Força de Vontade.

Ela é representada pela Alavanca.

A Força da Vontade deve ser dirigida pela Inteligência; todos os indivíduos possuem igual quantidade de inteligência, portanto, todos poderiam dirigir sua Vontade.

Dentro de uma Loja, através dos exercícios feitos, o Maçom, através de sua Inteligência, robustece sua Força Mental, e realiza o seu ideal.

Inteligência, pode ser compreendida, também, como participação da Suprema Inteligência, em nós.

**“Por que a Régua deve juntar-se à Alavanca?”**

Responde o 2º Vigilante: **“Porque a Vontade só é invencível quando posta ao serviço do ‘Direito Absoluto’”.**

A Força de Vontade, por si só, sendo fruto de um trabalho disciplinado, obviamente, será empregada à luz das Leis Morais, Sociais e Divinas.

**“Qual a importância do Esquadro?”**

Responde o 2º Vigilante: **“Permite controlar o corte das Pedras que devem ser estritamente regulares para se ajustarem, com exatidão, entre si. Assim, simbolicamente, o Esquadro determina as condições de solidariedade; emblema da Sabedoria, ensina-nos que a Perfeição consiste, para o indivíduo, na justeza com que se coloca na Sociedade”.**

Na presente instrução, nota-se que os Instrumentos são considerados na sua ação produtiva; são os Símbolos em dinâmica.

A instrução diz que o Esquadro permite controlar o corte das Pedras.

Há, portanto, um seccionamento na Pedra que se apresenta já isenta de arestas; trata-se de utilizar a Pedra já preparada, na construção do Edifício Maçônico; em última análise, é a “multiplicação” de si próprio; é a “produção”, a “colheita”, na seara que levou tanto tempo no amaino da terra, no plantio da semente, no ajoiramento.

As Pedras devem ser perfeitamente regulares para se ajustarem umas às outras; desaparece aqui a individualidade, pois cada Obreiro junta as suas Pedras já elaboradas, as une às pertencentes aos seus Irmãos, e todos, se põem a edificar.

Assim, as condições da Solidariedade do Conjunto são determinadas pelo Esquadro.

O Maçom contribui para a Sociedade Maçônica que difere da Sociedade profana.

Por reflexo, o Maçom beneficiará, não só a Sociedade profana mas, também, o Mundo Espiritual, dos Sete que habitam os outros Planos, e que poderemos referir como a Sociedade Celestial, conhecida também, pelo nome de Fraternidade Universal, ou Fraternidade Branca.

**“Por que a última viagem do Companheiro deve ser feita sem Instrumentos de Trabalho?”**

Responde o 2º Vigilante: **“Porque a sua transformação em Pedra Cúbica está completa e assim, não mais tem de se preocupar com o seu aperfeiçoamento. Cabe-lhe, desde então, concentrar-se e observar, tornando-se acessível aos clarões intelectuais que devem iluminar, progressivamente, o seu entendimento”.**

Concluindo o trabalho, obviamente, o Companheiro, descansa e ao mesmo tempo, deixa de lado, os seis Instrumentos recebidos.

Como Pedra Cúbica, possui o “autopolimento”, suficiente para refletir os clarões recebidos do Alto do seu Mestre Absoluto, do Grande Arquiteto do Universo; estes clarões iluminam, ao mesmo tempo, ao seu entendimento e ao entendimento do seu Próximo.

**“Como um Companheiro se faz reconhecer?”**

Responde o 1º Vigilante: **“Por sinal e toque”.**

O 1º Vigilante dá uma explicação minuciosa sobre o modo como um Companheiro pode ser reconhecido; trata-se do sigilo do Grau que não pode, de forma alguma, ser revelado.

**“Que significa a Palavra de Passe?”**

Responde o 1º Vigilante: **“Fortuna, abundância, daí sua representação no Painel da Loja, por uma espiga de trigo”.**

Evidentemente, “Fatura e abundância”, riquezas do intelecto; sabedoria e conhecimento. E o elemento espiritual representado por uma espiga de trigo, o cereal nobre, que representa o Pão da Vida.

A origem da Palavra de Passe proveio de uma passagem na guerra entre os israelitas e os efraimitas, com vem referido nas Sagradas Escrituras e foi objeto de estudo em capítulo anterior.

A Palavra Passe, traduzida em linguagem hermética, tem significação mais iniciática, relacionando-se com os mistérios de Ceres, cujo simbolismo era agrícola; o iniciado,

simbolicamente, devia em Elêusis, sofrer a sorte do grão de trigo que morre, no inverno, sob a terra para renascer, na primavera, sob a forma de planta nova.

**“Dizei-me a Palavra Sagrada, Irmão do 2º Vigilante”.**

Responde o 2º Vigilante: **“A palavra [dá a Palavra Sagrada], significa Estabilidade, Firmeza. É o nome de uma das Colunas de bronze erguidas à entrada do Templo de Salomão, onde os Companheiros recebiam o seu salário”.**

Estabilidade e Firmeza, provenientes do armazenamento de conhecimentos.

As colunas de bronze correspondiam aos obeliscos dos santuários egípcios. Deveriam ter sido cobertas de hieróglifos ou ideogramas que os iniciados aprendiam a decifrar.

A História Sagrada, no Livro do Êxodo, faz uma descrição minuciosa com medidas exatas das colunas e silencia a respeito de qualquer inscrição.

A finalidade primeira daquelas colunas, como já foi referido, era a de facilitar o controle, para pagamento de salários, sobre os milhares de artífices e operários contratados para a construção do Templo. Talvez mais tarde, concluído o Santuário, elas tivessem outra finalidade iniciática; isto, porém, é mera suposição.

A Doutrina Iniciática trazida por Moisés desde o Egito foi mantida em sigilo; pelos atos de Moisés, nota-se o emprego da magia; porém, tudo era atribuído à ação de Jeová.

Contudo, as colunas eram confeccionadas de bronze para indicar que os princípios da iniciação são imutáveis e que se transmitem de uma a outra Civilização.

As dimensões das colunas eram de dezoito côvados de altura, sem contar o capitel, em média cinco. Além disso, havia um rendilhado de doze côvados cercando cada coluna. Os capitéis terminavam em calota, e cercada de uma dupla fila de romãs. Essas proporções dão às colunas um aspecto “fálico”, aproximando-as dos numerosos monumentos fenícios consagrados ao Poder Gerador masculino.

A espessura era de quatro polegadas, porque se supõem ocas para guardar os tesouros e as ferramentas dos Aprendizes e Companheiros.

Não é aceitável, porém, a interpretação de que as colunas ocas fossem destinadas a guardar as ferramentas dos milhares de artífices e operários; as colunas deveriam ter proporções dez vezes maiores para esta finalidade.

Assim, as colunas deveriam guardar, apenas, os Instrumentos preciosos ou sagrados.

**“Que representa o “Tesouro Oculto” das Colunas?”**

Responde o 2º Vigilante: **“A Doutrina iniciática, cujo conhecimento está reservado aos que não param na superfície e sabem se aprofundar”.**

O conhecimento não vem ao homem gratuitamente; ele é conquistado com trabalho. O salário corresponde à premiação do esforço. O conhecimento é dado a todos, mas isto constitui um conhecimento de superfície. Só o verdadeiramente interessado é que pode se aprofundar a mergulhar no Oceano Iniciático.

**“Por que a marcha do Companheiro comporta passos laterais?”**

Responde o 2º Vigilante: **“Para indicar que o Companheiro não está obrigado a seguir invariavelmente a mesma direção. Para que possa colher a Verdade, por toda parte, lhe é permitido afastar-se do caminho, normalmente traçado. A exploração do Mistério, porém, não o deve desorientar, e, por isso, todo afastamento momentâneo da imaginação deve ser seguido de uma pronta volta à retidão do raciocínio”.**

Parece existir uma contradição; o Companheiro recebe um traçado, quer elaborado pelos Mestres ou por si mesmo; este traçado que é resultado de esforço e estudo, é minuciosamente calculado, não havendo possibilidade de erro.

Contudo, faz-se necessário palmilhar o caminho da experiência; para apreciar a Luz, nada melhor que conhecer as trevas; o campo experimental é o laboratório do Companheiro; ele se afasta temporária e aparentemente do traçado definitivo; porém, feita a exploração, conhecido o terreno que lhe parecia misterioso, retorna ao plano original, que é aquele que lhe satisfaz.

**“Quais são, Irmão 1º Vigilante, os ornamentos de uma Loja de Companheiro?”**

Responde o 1º Vigilante: **“O Pavimento de Mosaicos, a Estrela Flamígera e a**

***Orla Dentada***. ***“O Pavimento de Mosaico é o soalho do grande Pórtico; a Estrela brilha ao centro da Loja para iluminá-la e a Orla Dentada limita e decora as extremidades. Os ladrilhos do Pavimento de Mosaico são de iguais dimensões, alternadamente brancos e pretos, traduzem a rigorosa exatidão que a tudo equilibra no domínio de nossos sentimentos, submetidos fatalmente, à lei dos contrastes”***.

Os Ornamentos sempre são símbolos; eles não são colocados numa Loja Maçônica com específica finalidade; na atualidade, o Pavimento de Mosaico é restrito a um quadrilátero central, sobre o qual é colocado o Ara Sagrado.

Aqui, já não tem aplicação a definição dos “contrastest” a que se presta o símbolo com o branco e negro dos seus ladrilhos.

***“Qual operário aplicado à realização da Grande Obra, o iniciado no segundo Grau deve estar compenetrado do interesse de prosseguir na conquista de uma felicidade contínua e sem mescla. Uma felicidade que se perpetue e que não seja perturbada não pode, como tal, ser considerada; transforma-se em suplício, porque ele fadiga e conduz ao aniquilamento, à morte. A nossa vida consiste na ação, na luta contra todos os obstáculos, no trabalho penoso, mas perseverante empreendido por um ideal a realizar. O esforço, sofrimento provado, é o prêmio da vida, cujas alegrias são, exatamente, proporcionais às ações empregadas para possuí-las”***.

Assim, para o Companheiro, o ladrilho branco, deverá ser branco, e o negro, permanecer negro; a definição dos seus propósitos; a exatidão do seu querer.

***“Por que a Estrela Flamígera é o símbolo do Companheiro?”***

Responde o 1º Vigilante: ***“Porque o Companheiro é chamado a tornar-se um foco ardente, fonte de Luz e de Calor. A generosidade de seus sentimentos deve incitá-lo ao devotamento, sem reservas, mas com discernimento, de uma inteligência verdadeiramente esclarecida, porque será aberta a todas as compreensões.”***

O Companheiro é “chamado” por quem?

Pelo Grande Geômetra, que a atrai a si e o ilumina. De corpo que reflete, passa a ser refletor, a conter em si, a Luz recebida de “sua” Estrela, ardendo nas chamas e no calor, fonte que se “eterniza”, pois quem se aproxima de um “Sol”, por ele é atraído, podendo ocorrer uma “fusão”.

***“Por que esta Estrela é de cinco pontas?”***

Responde o 2º Vigilante: ***“É para figurar os quatro membros do homem e a cabeça que o governa. Esta, como centro das faculdades intelectuais, domina o “quaternário” dos elementos e da matéria. Assim, a Estrela de Cinco Pontas é mais particularmente, emblema do poder da Vontade”***.

Mais um símbolo subjetivo; o homem perfeitamente enquadrado dentro das figuras geométricas, cujo conjunto, forma a Estrela de Cinco Pontas<sup>6</sup>, já referida múltiplas vezes e descrita em capítulo anterior.

Os quatro membros do homem são inteiramente “comandados”; não possuem, como os órgãos internos, movimentos autônomos que independem de um “comando”.

O Divino Mestre já deixava o conselho: ***“Se a tua mão comete escândalo, corta-a e lança-a fora”***; isto significa que os membros obedecem ao comando da mente, posto possam sofrer as conseqüências de atos inapropriados.

O comando impulsiona a perna a dar um passo, porém, se este passo conduz à beira de um abismo, somente a própria mente poderá sustar a queda; a perna, o pé, não tem discernimento e vontade próprias.

O conjunto das ações deve ser equilibrada a ponto de nenhum membro sofrer.

A Estrela de Cinco Pontas não comporta a “sexta ponta”, que deveria conter, o sexo, ou seja, o membro viril.

Será a denominada “Estrela de Davi”, de seis pontas a condicionar a atividade sexual.

**“Que lugar ocupa a Estrela Flamígera em relação ao Sol e a Luz?”**

Responde o 2º Vigilante: **“Está colocada entre esses corpos de maneira a, com eles, formar um triângulo. Porque a Estrela Flamígera irradia a luz do Sul e o da Lua, afirmando que a inteligência ou a compreensão procede igualmente da Razão e da Imaginação”.**

A Estrela Flamígera deve ser colocada em lugar de destaque e no centro da Abóbada Celeste da Loja de Companheiro; a colocação é simbólica, bem como a afirmação de que a Estrela Flamígera irradia a Luz do Sol e da Lua.

Na realidade, apenas a Lua, por ser satélite, poderia receber a irradiação luminosa de Estrela Flamígera, porém, invisível para a Terra.

O Sol é o Astro Rei, que possui luz própria.

Mas, na simbologia da disposição dos símbolos, o Sol, a Luz e a Estrela Flamígera formam um Triângulo.

O significado dado pela Instrução do Ritual (3) diz respeito à Razão, Imaginação e Inteligência ou Compreensão; a inteligência proviria da Estrela Flamígera, que contém dentro de si a figura do Companheiro, em sua ponta vertical, a cabeça, logo, o ponto onde está situada a Inteligência.

A Razão proviria do Sol, fonte de todas as energias, símbolo do Grande Arquiteto do Universo; a Lua seria a Imaginação, por não possuir luz própria, mas ser iluminada pelo Sol.

**“Que entendeis por Orla Dentada?”**

Responde o 2º Vigilante: **“É o lambrequim onde corre a corda formada por uma série de nós, os “laços do amor”. É a “Cadeia de União”, cujas extremidades, desfiadas em borlas, se reúnem próximo às duas Colunas. O todo é o emblema dos laços que unem todos os Maçons para constituírem uma única família sobre a Terra”.**

A resposta apresenta-se um pouco confusa, pois poderia sugerir ser a Orla Dentada, a própria Corda de 81 Nós.

A Orla Dentada, ou o Lambrequim, é o ornamento colocado à guisa de “lambrequim”, entre o teto e a parede, em forma de “triângulos” em cadeia, isto é, uma corrente formada pela sucessão de triângulos.

Nem sempre a Corda dos 81 Nós, é colocada sob, ou sobre a Orla Dentada; ela pode ser colocada nas Colunas, em número de doze, que circunda a Loja, formando a sua nave.

Também, a Orla Dentada é vista em algumas Lojas, desenhada em torno do Pavimento de Mosaicos, seja no quadrilátero simbólico na parte central da Câmara do Meio, contornando o soalho, onde limita com as quatro paredes.

O nome dado à Corda dos 81 Nós, de “Cadeia de União”, não significa a “Cadeia de União”, ato litúrgico; a Corda dos 81 Nós é uma “cadeia” de nós; estes simbolizam união, ou laços de amizade.

**“Há outras jóias na Loja?”**

Responde o 2º Vigilante: **“Sim, Venerável Mestre, três móveis e três imóveis; os móveis são: o “Esquadro”, insígnia do Venerável Mestre; o “Nível” que decora o Irmão 1º Vigilante e o “Prumo”, de que me acho revestido. São denominadas de jóias móveis, porque, além de passarem, anualmente, a novos serventários, o Esquadro controla o talho das Pedras, de que o Nível assegura a posição horizontal, enquanto que o Prumo permite que sejam colocadas verticalmente”.**

Estas jóias móveis não devem se confundidas com os Instrumentos de trabalho, posto na sua forma física, sejam idênticas.

São jóias porque adornam os colares usados pelas Três Luzes, adornando, também, os Tronos.

A Instrução lhe dá o título de jóias móveis porque são transferidas aos novos titulares, periodicamente; não se faz necessário que o período seja de um ano; isto depende do que estabelece o Regimento Interno da Loja.

Elas são constituídas jóias-símbolo, dada a sua dupla função; a de Instrumentos,

---

<sup>6</sup> Não confundir com a Estrela Flamígera.

como necessários para a edificação, isto é, no seu aspecto objetivo; no seu aspecto subjetivo, tem outras definições.

**“Sob o ponto de vista moral, jóias significam alguma coisa, Irmão 1º Vigilante?”**

Responde o 1º Vigilante: **“O Esquadro nos induz a corrigirmos os defeitos que nos impeçam de manter firmemente nossa posição na construção humanitária; o Nível exige que o maçom tenha como iguais a todos os homens, enquanto o Prumo incita o Iniciado a elevar-se acima de todas as mesquinhas, fazendo-o conhecer o valor das coisas”.**

O significado subjetivo do Esquadro abrange todos os Maçons; não se refere, apenas, aos Companheiros; notamos nas Instruções, lição dirigida diretamente e exclusivamente, ao Companheiro e também, em sentido genérico, a todos os Obreiros da Instituição.

A correção dos “defeitos”, será ação individual; cada um de nós, tem a obrigação de descobrir e corrigir os próprios defeitos; não se faz preciso que alguém nos alerte a respeito; nas Lojas Maçônicas há muita tolerância e só em casos extremos é que são tomadas as iniciativas para chamar à realidade e consciência, o Obreiro faltoso.

O nivelamento humano, diz respeito, apenas, que todos os homens são iguais nos seus direitos e oportunidades.

Porém, não são iguais nas hierarquias, na cultura e no comportamento. Diz-se do candidato apto a ser aceito à Iniciação: “livre e de bons costumes”; estas são as condições mínimas para o nivelamento.

Raça, cor da pele, condição social, não serão jamais, para a Maçonaria, obstáculos ao ingresso.

A condição econômica, porém, deve ser analisada com precisão, porque o Maçom deve possuir meios suficientes, além dos obrigatórios para o sustento de sua Família, para “socorrer” os necessitados e atender os gastos para a manutenção da Instituição.

A condição intelectual, também, é atributo de seleção, porque há necessidade de longos e profundos estudos.

O Prumo “incita” o Maçom, isto é, impulsiona a colocação do Maçom, num plano superior ao das “mesquinhas”, ou seja, dos assuntos pueris, pornográficos, onde a luxúria, a vaidade, o ócio ocupam inadequadamente o pensamento.

O Maçom deve “conhecer” o valor das “coisas”. O vocábulo “coisas” é empregado para definir o curial, o que não possui valor algum, mas que para tantos, constitui o todo de suas pobres vidas.

O desprezo das “coisas vãs” é resultado do esforço realizado para que o Maçom se coloque, como técnica de vida, numa posição “superior” no sentido moral, sem desprezar os seus semelhantes, mas influenciá-los pela palavra e pelo exemplo.

A máxima socrática do **“conhece-te a ti mesmo”**, tem ao lado a máxima do Grau 2: **“Conhece o valor das coisas”.**

**“Quais são as jóias fixas?”**

Responde o 1º Vigilante: **“A Pedra Bruta, a Pedra Cúbica e o Painel da Loja. A Pedra Bruta é a matéria sobre a qual se exercitam os Aprendiz; a Pedra Cúbica serve para os Companheiros ajustarem seus instrumentos e o Painel da Loja permite aos Mestres traçarem seus planos. A Pedra Bruta representa o homem grosseiro e ignorante, suscetível porém, de ser educado e instruído; a Pedra Cúbica figura o iniciado que, livre de erros e preconceitos, adquiriu os necessários conhecimentos e a habilidade para participar utilmente da Grande Obra de Construção Universal; o Painel da Loja relaciona-se com os Mestres, cuja autoridade se baseia no talento, de que são provas, e no exemplo que deve dar”.**

As “Jóias Fixas”, ou “Imóveis”, são consideradas no seu aspecto físico: são símbolos objetivos, já analisados em capítulo anterior.

Aqui, a Instrução faz alusão à tarefa dos Mestres, indicando, de modo lento, o que espera a Ordem do Companheiro, quando atingir a exaltação do Mestre.

Os 33 Graus do Rito Escocês Antigo e Aceito, entrosando-se de forma sutil e pela falta

de conhecimento, tanto os Aprendizes como Companheiros e Mestres, não se dão conta de que alguns ensinamentos constituem o pórtico de Graus mais elevados. Quando os pertencentes aos Graus Simbólicos ingressarem nos denominados Graus Filosóficos, admirar-se-ão de encontrar esclarecimentos que já lhes haviam sido ministrados, embora em linguagem mais simples e menos hermética.

**“Quantas são as janelas existentes na Loja de Companheiro?”**

Responde o 2º Vigilante: **“São três, ao Oriente, ao Sul e ao Ocidente; no Setentrião não existe janela, porque a Luz nunca vem de lá; as janelas são destinadas a iluminarem os Obreiros, quando ingressam ou se retiram da Loja”.**

A Loja de Aprendiz difere da Loja de Companheiro; pela pobreza da Maçonaria brasileira, inexistem, como já referimos, Templos que contenham Lojas para os três Graus Simbólicos; são necessários adaptações, sempre grotescas, inadequadas e improvisadas.

**“Onde têm assento os Companheiros?”**

Responde o 2º Vigilante: **“Ao Sul, trabalhando com liberdade, alegria e fervor”.**

O Ritual faz referência ao “assento” dos Obreiros, porque é a postura mais longa, dentro da Loja.

Se é importante, relevantemente importante, a “postura” de pé, relevante é observar a “postura” sentada, para que seja mantida dentro das normas ritualísticas e simbólicas.

A “postura” sentada é estática; a imobilidade do Obreiro constitui um exercício para disciplinar o corpo físico, submetê-lo a uma posição adequada para que a mente possa receber o ensinamento, “livre” de qualquer “condicionamento” imposto pelo seu corpo.

Todos os Maçons sabem qual é a postura correta, e isto constitui um benefício para o corpo; é o exercício de ioga que, dominado o corpo, liberta a mente.

Quem não se disciplina, julga erradamente, que a posição longa a que os Obreiros são submetidos, constitui um sacrifício, provoca câibras e cansaço; ao contrário. Uma posição correta permite suportar, por um longo período, a “postura”.

A posição dada aos Aprendizes, sem lhes permitir encostarem a parte dorsal, porque os seus lugares não possuem encostos, bem como a posição dos Companheiros, um pouco mais cômoda, embora, beneficia a “espinha dorsal”, “Coluna” do organismo.

Furtando do afã da vida moderna algumas horas semanais, das posições rotineiras, a “postura” correta dentro da Loja é altamente recomendável, proporcionando aos Obreiros os benefícios espirituais e físicos.

Os Vigilantes têm obrigação de chamar a atenção, através de sua autoridade, aos Obreiros de suas Colunas, quando não se postam adequadamente.

Faz-se necessário, outrossim, dar orientação aos Obreiros, sobre estes aspectos.

A “postura” sentada é comum a todos os três Graus Simbólicos, enquanto a “postura” de pé difere de um Grau a outro.

E os Obreiros que se encontram no Oriente, nas Lojas de Aprendizes e Companheiros?

A “postura” é igual.

Os Obreiros que ocupam os lugares destinados às Luzes, ou sejam, Venerável Mestre e Vigilantes, e os Oficiais, como o Orador, o Secretário, o Chanceler e o Tesoureiro, que possuem tronos, como devem sentar-se?

Sua postura de pé, será idêntica à dos demais Obreiros; sua postura sentada difere em parte enquanto as suas mãos estão executando alguma tarefa; porém, quando não ocupados, devem manter a mesma postura dos demais.

As Luzes, por terem em suas mãos Malhetes, mantêm posturas diferentes; quando de pé, a posição dos pés, continua em esquadria; a mão esquerda, no local adequado ao Grau e a direita elevará a Malhete à altura do coração; porém, se preferirem, poderão abandonar o Malhete sobre o trono e colocarem-se na postura comum ao Grau.

## Terceira lição

A Terceira e última instrução consiste na ministração de noções de Filosofia Iniciática, de parte do Venerável Mestre e de Simbologia Numérica, de parte do Orador.

São Noções que dizem respeito ao 2º Grau e já referidas no presente trabalho; as repetições, tratando-se de uma obra "didática", como pretende o Autor, são toleráveis.

Dois são os temas escolhidos: o Enigma da Vida e a Meditação da Verdade.

O primeiro tema comporta as perguntas: Que é a Vida? Para que serve ela? Qual o seu fim?

Esta trilogia desdobra-se em questões secundárias, como:

Por que não aceita o homem a vida, como fazem os animais, tal como se apresenta? Gozá-la do melhor modo, como feliz despreocupação, não seria mais prático, mais acertado do que torturar o espírito querendo penetrar esses mistérios insondáveis?

Estas questões não impressionam a grande massa dos povos, que só almejam satisfações materiais e imediatas, acreditando num Deus que castiga e que deve ser venerado.

Porém, e felizmente, sempre existiram homens que buscaram penetrar no âmago destas questões, alguns, até com verdadeira obsessão; em todos os povos, os sinais desta preocupação permaneceram, desde os sumérios, aos hindus, egípcios, hebreus, gregos e latinos, no esboço do que passou a constituir a civilização e chegaram até nós; alguns intatos, outros fragmentados, até o surgimento dos livros impressos.

Assim, a Maçonaria seguiu os passos desses "pensadores", verdadeiros sábios, coletando todas as impressões e as redistribuindo, selecionadas e, em muitos casos, ampliando-se dentro do pensamento filosófico moderno.

Dentre o grupo de homens interessados, há os que, pelo incessante trabalho mental, buscam conhecer a existência de outros Universos, interrogando, ansiosamente o Cosmos; e dentro do nosso mundo, a Natureza.

Estes Pensadores de todas as épocas só se satisfazem quando encontram as explicações almeçadas.

Destes esforços todos, surgiram os sistemas filosóficos; alguns transformados em religião; outros em doutrina; mas todos com a finalidade de corresponder às necessidades de saber, inatas no homem em geral.

Assim, encontramos dentro dos resultados concebidos apenas pela mente humana, verdadeiras heresias e discrepâncias.

Ainda, não conquistado o denominador comum, que seria a "posse" da Verdade.

O mistério persiste; apenas foram definidos raros aspectos; parece que, quanto mais avança a Humanidade no terreno tecnológico, mais recua o interesse sobre a verdade.

Quem faz alarde de sua própria sabedoria, e anuncia descobertas definitivas, comprova a pobreza de seu espírito.

O verdadeiro sábio, que é iniciado, sempre se mostra humilde em presença de uma Verdade, pois a reconhece superior à sua compreensão. Foge se lhe solicitam ser o instrutor das multidões porque tem consciência que jamais poderia satisfazer a curiosidade dos discípulos.

O sábio e iniciado, porém, tem a capacidade de encontrar o seu discípulo; aquele que, como terra fértil, recebe a semente e tem condições de germiná-la.

A pretensão de, satisfazendo uma curiosidade, o indivíduo querer "adivinhar" o eterno enigma, resultará em fracasso certo e previsto. Nunca saberá a Verdade.

A Verdade adquire vida e corporifica-se e como tal é muito sutil e vivaz para deixar-se prender, penetrar e encontrar; foge.

Há os que nos apresentam a Verdade, vestida com os trajes escolhidos pelos próprios impostores; a personagem poderá enganar os incautos, porém os verdadeiramente iniciados, distinguirão com facilidade a mistificação.

Fugir da mistificação é ação hábil, prudente e própria dos espíritos humildes e conscienciosos.

O Maçom, desde os seus tempos de Aprendiz, e agora na condição de Companheiro, recebeu a orientação certa; ele repele as "sugestões" recebidas, dos pseudo-sábios; esquece o que se lhe pretendeu impingir; medita e penetra dentro de si próprio, desce no infinito de dentro, dos próprios pensamentos, e assim aproxima-se da "Fonte pura da Verdade".

O aprendizado, totalmente à margem de qualquer ensino convencional, devidamente orientado pelos exercícios já executados, pela vivência maçônica, encontrará como Mestre, o

Grande Geômetra, como compêndio, seu próprio Ser, a sua parte divina e como escola, o seu "interno", a sua mente, o seu coração.

A soma de todas as suas novas sensações, a compreensão dos símbolos que compõem a edificação da Obra, que é sinônimo de Vida, e vida Humana, representam o caminho na direção certa.

O Companheiro, não deve afastar-se da seguinte norma:

***"Em matéria de saber, a qualidade supera a quantidade. Sabei pouco, mas esse pouco, sabe-o bem. Aprendei, principalmente a distinguir o real do aparente. Não vos deixeis apegar às palavras, às expressões por mais belas que pareçam; esforçai-vos sempre para discernir aquilo que é inexplicável, intraduzível, a Idéia-Princípio, o fundo, o espírito, sempre mal e imperfeitamente interpretado nas frases mais buriladas. E deste modo, unicamente por este meio, que afastareis as trevas do mundo profano e atingireis a clarividência dos Iniciados."***<sup>7</sup>

Cumpra ao Companheiro selecionar as obras para orientar o estudo; os livros indicados pelos Mestres são necessários, porque a vida moderna não permite longos momentos de meditação.

A escassa meditação praticada dentro das Lojas, também, não proporciona proveito como necessitam os Companheiros; a meditação é prática muito recomendada, porém, pouco usada; faz-se mister uma renovação nos hábitos exercidos dentro das Oficinas.

Para suprir as deficiências, por todos conhecidas, as Lojas deveriam organizar as suas próprias bibliotecas, enriquecendo-as com obras adequadas. A meditação, para surtir eficiência, necessita de um ponto de partida; o assunto a pesquisar na "Universidade de dentro", deverá já estar elaborado; e sem a experiência dos que se têm dedicado a escrever, o caminho a percorrer será mais lento e longo.

O Enigma da Vida e a Meditação da Verdade, constituem o "desafio" à perseverança do Companheiro.

Chegará para ele, a oportunidade.

## Orador

A "Gnose Numérica" foi arquitetado pelos sábios Maçons, antigos, em dados abstratos ligados, particularmente, às propriedades intrínsecas dos números.

A ciência dos números, ou a Numerologia, torna-se base para a compreensão dos símbolos.

O Aprendiz estudou os números até a Tríade Pitagórica, ou seja, até o nº **3**; o Companheiro, partirá do nº **4**, para chegar aos números **5**, **6** e **7**.

Geometricamente, **1** representa o ponto; **2**, a linha; **3**, a superfície e **4**, o sólido, cuja medida é o cubo.

**1**, o ponto sem dimensões, é porém, o gerador abstrato de todas as formas imagináveis.

É o nada contendo o todo em potência, digamos, o Criador, o Príncipe anterior a toda manifestação, o "**Archeo**", o Obreiro por excelência.

**2**, a linha, nada mais é que **1**, o ponto em movimento e, portanto, a ação, a irradiação, a expansão ou a emanção criadora, o Verbo ou o Trabalho.

**3**, a superfície, se apresenta como o plano em que se precisam as intenções, em que o Ideal se determina e se fixa.

É o domínio da lei necessária, que governa toda a ação, impondo a toda arte suas regras inevitáveis.

---

<sup>7</sup> Terceira Instrução do Ritual da Grande Loja do Rio Grande do Sul.

**4**, o sólido, o cubo, mostra a Obra realizada, através da qual se nos revela a Arte, o Trabalho e o Obreiro”.

O Quaternário existe em todas as coisas; faz-se mister, porém, descobri-lo. A concepção quaternária é prática, enquanto o ternário é abstrato.

Cumpra ao Companheiro, que não se satisfaz com concepções teóricas, realizar as suas ambições, no terreno prático.

Portanto, as concepções abstratas, ficaram no aprendizado do 1º Grau; o Companheiro terá, no **4**, seu ponto de partida.

O Ideografismo, que é a expressão da idéia escrita, tem como fundamento os seguintes sinais:

O Círculo, a Cruz (simples), o Triângulo (com o vértice para cima) e o Quadrado.

Era a Geometria Filosofal da escola platônica; diferente da Geometria de Euclides, que era a ciência da medida e do espaço.

A geometria Filosofal é sutil, espiritual, mais arte que ciência.

Partindo das formas, as mais simples, dando-lhes um sentido, o espírito pode elevar-se a alturas jamais imaginadas.

Nem sempre, a expressão verbal satisfaz; freqüentemente, falseia a Verdade.

Assim, encontramos, desde os tempos primitivos, homens sábios ocultando seu conhecimento, através de uma linguagem figurativa; a Alquimia, dava os nomes dos elementos, através de formas, partindo sempre dos sinais acima referidos, fazendo combinações entre si.

A matéria-prima da grande arte, deverá ser extraída da “mina”, que está em nós mesmos.

Assim agiram os hermetistas da Idade Média que aspiravam a transmutação do chumbo em ouro; o vulgo supunha que a transmutação, realmente, fosse do metal, quando, na realidade, os sábios herméticos desejam transformar o homem rude em homem sábio.

A matéria-prima, era humana.

O seu alfabeto era secreto, formando por signos; não revelavam a ideografia iniciática; a Intuição, personificada por Ísis, deveria instruí-los.

O Círculo vincula-se, segundo as noções pitagóricas, à Unidade; a Cruz, ao Binário; o Triângulo, ao Ternário e o Quadrado ao Quaternário.

Três, das quatro figuras, possuem superfície; a Cruz, porém, não é uma figura “fechada”; a Cruz simples, formada por dois traços, um horizontal e outro vertical, em Alquimia, não designa nenhuma substância; ela serve para as combinações; a Cruz vem substituída pelo Triângulo invertido, ou seja, com o vértice para baixo.

Com estas quatro figuras, a inserção da Cruz modificando-as, foram denominados os elementos; a Cruz une-se facilmente ao Círculo, realizando uma conciliação ideal dos contrários; há uma afinidade entre a Cruz e o Quadrado, cujos lados formam o Esquadro; a menor afinidade está entre a Cruz e os Triângulos; somente na base dos Triângulos, pela parte externa, é aposta a Cruz, representando o elemento de conciliação, o signo religioso, a ligação que vivifica e põe em movimento.

Em Astrologia, cada signo foi demarcado com um sinal, mantido em segredo pelos herméticos.

## O Tetragrama hebraico

Jeová, o Ser dos Seres, o Ser em si, Aquele que é, representado nas Sagradas Escrituras hebraicas, por 4 letras, que não se podiam pronunciar, mas, apenas, escrever; letras, naturalmente, hebraicas, em que a primeira, o **iod** conhecido pelos Aprendizes, está inserido no Triângulo Sagrado.

**Iod** representa o Princípio Ativo; é o Ser que pensa; que ordena; representa o Fogo, como na Sarça Ardente.

**He**, a segunda letra, representa o Sopro animador; aquele que deu vida a Adão, feito com barro; representa a Vida.

**Vau** representa a ligação do abstrato ao concreto; é a Lei; é o Amor que une o Pai à Mãe, engendrando o Filho.

**He** é a segunda letra duplicada que representa a manifestação "visível".

O conjunto constitui a fonte perene da Natureza, o Supremo Mistério da Criação; resumindo, as quatro letras hebraicas indicam o nome do Ser Criador que se divide em quatro partes: o Sujeito; o Atributo; o Objeto e o Complemento (direto ou indireto); é uma concepção da gramática.

## O quaternário

A Maçonaria, porém, não se fixa, apenas, no Tetragrama Hebraico; busca, sempre na antigüidade, outras definições para a Numerologia.

Assim, pensavam os antigos:

O Quadrado é o símbolo do Quaternário; numa linguagem filosófica é a quadratura de todo Círculo e que expressa o "ciclo da manifestação".

O Quaternário dá limitação e definição à Natureza, que é constituída de três princípios ativos, ou qualidade: "Raja", ou Enxofre, representando o princípio da "atividade", "Tamas", ou Sal, princípio da resistência; "Satva", ou Mercúrio, princípio Rítmico.

O Quaternário geométrico (O Círculo, a Cruz, o Triângulo e o Quadrado), une-se a outras representações: os quatro pontos cardeais; as quatro dimensões einsteinianas; os quatro braços de Brahma; e a Cruz (de quatro braços); as quatro estações do tempo, os quatro elementos da Natureza (ar, água, fogo e terra); os quatro Vedas, os quatro Evangelhos; as quatro Verdades; os quatro animais sagrados constitutivos da Cruz Zodiacal, formando a Esfinge e a Coroa dos Magos: o Touro, o Leão, a Águia e o Filho do Homem.

O Quadrado é a expressão do Quaternário, síntese da Natureza; é a imagem de um Templo perfeito, representando o Templo de Salomão.

O Templo Maçônico é um Quadrilongo que se estende do Oriente ao Ocidente e do Norte ao Sul.

Depois do Círculo, o Quadrado é a mais perfeita das figuras planas, por possuir seus quatro lados iguais, perfeitamente esquadrejados, reproduzindo seus quatro ângulos os 360° da Circunferência, daí o nome: "Quadratura do Círculo".

## O quinário

A União do Ternário com o Quaternário forma a Pirâmide, o perfeito Quinário.

As Pirâmides são os testemunhos vivos da sabedoria do antigo Egito, sabedoria arquitetônica que tem um liame perfeito com a Maçonaria.

Na Pirâmide encontramos o Ternário Divino que se realiza em cada uma de suas faces, correspondentes aos quatro elementos, cada um dos quais surge em seu aspecto tríptico (atividade, inércia e ritmo), como no Zodíaco. Os quatro espigões que unem as faces representam as qualidades comuns aos elementos (masculinos e femininos; positivos e negativos).

O Vértice superior indica a Quintessência; o quinto princípio, o elemento que corresponde ao Verbo Inteligente que se manifesta na Loja. E o princípio que deu origem ao Universo.

A Loja, como a Pirâmide, constitui uma representação perfeita do Universo.

A Pirâmide é colocada sobre a Pedra Quadrada, como símbolo da construção perfeita, social e humana. É a Pedra Cúbica com Ponta.

O Quinto elemento, nos faz passar do Quaternário ao Quinário, e do domínio da matéria ao da Vida e da Inteligência.

No plano da Criação, foi no Quinto dia que Deus criou os animais, deixando-os na Terra, segundo nos relata o Gênesis.

Na Vida do Homem, mormente do Companheiro, a Quintessência é o elemento espiritual que o impulsiona à ação.

A Vida vegetativa não tem comparação com a Vida Espiritual; Espírito, aqui, representa a presença do Grande Geômetra na mente do Companheiro.

Entre os homens, a "espiritualidade" apresenta gamas diversas, é o "crescimento" de que nos falam os Evangelhos e as Cartas de São Paulo, que é comparado ao crescimento comum e vegetativo do ser.

Este estado espiritual, no maçom, surge desde a Iniciação, mas se manifesta com maior potência no Companheiro.

Seria a definição da Quintessência dos elementos; a Razão dos Filósofos, a cristianização dos cristãos e o nirvana dos hindus.

Numa linguagem poética, poderíamos definir a Quintessência como o Reino dos Céus.

As cinco fases consideradas pelos herméticos, a saber:

primeira, a de sua própria origem (a criação a partir do nada); segunda, como originária dos quatro elementos; a terceira, a energia neles contida, como centro estático equilibrante; quarta, a vida que os anima e quinta, a Inteligência que governa a vida orgânica, ponto de partida para as demais "possibilidades", bem demonstram que lhes faltava apenas um simples toque, para a definição final.

Hoje, pelo conhecimento que temos, oriundo da Psicologia, sobre o que seja a Inteligência, temos consciência de que algo mais, muito superior, governa o indivíduo, que sabe raciocinar.

O saber que Deus está em nós; que nós somos parcela divina; que nós fomos criados perfeitos, não basta para amenizar a grande ansiedade de um conhecimento mais claro.

O Companheiro sabe de sua origem; sabe por onde andou e suspeita qual será o seu final; "suspeita", porém, não tem coragem de penetrar no mistério da Quintessência.

O Companheiro chegou até aqui. A sua última instrução é complexa. Sua mente busca, não uma resposta, mas situar-se no caminho que está trilhando.

Resta-lhe, apenas, uma atitude a tomar: isolar-se um pouco do mundo profano, com as suas obrigações fatais.

Medite. Entre em si mesmo e busque na própria fonte a resposta aos seus anseios.

Esta é a lição que a numerologia lhe propicia, quanto ao número de seu Grau.

## O hexagrama

Quando surgiu o Quinário, nascido do centro do quaternário, originou-se a atmosfera psíquica envolvendo a personalidade de Companheiro.

Hermeticamente, esta atmosfera psíquica surgiu da Água vaporizada pelo Fogo, ou Água Ígnea, fluído vital carregado de energias ativas.

Esta união é representada pela Estrela de seis pontas, ou denominada de Signo de Salomão.

São dois Triângulos entrelaçados, representando, o primeiro, o ser masculino e o segundo, o feminino; o primeiro representa a energia individual; o segundo, o Triângulo invertido, simbolizando uma taça, recebe o "orvalho" depositado pela unidade difundida através do Espaço.

A Estrela de seis pontas representa o Macrocosmo, ou seja, o grande Universo em toda a sua extensão infinita.

O Hexagrama expressa o princípio da analogia e correspondência universal dos herméticos: "**O de cima é como o de baixo; o de baixo como o de cima**". São os Triângulos do Mundo Divino e do mundo material: no centro do Hexagrama encontra-se a representação o mundo subjetivo, ou o interior do homem.

O Hexagrama é representado em duas cores: o Triângulo de cima, na cor vermelha; o de baixo, na azul ou preta.

O Hexágono formado na parte interna do Hexagrama, é encontrado no favo das abelhas e na forma da maioria dos cristais, denominadas estas figuras de "arquitetura orgânica".

## O setenário

Sete é o número da Harmonia, que resulta do equilíbrio estabelecido pelos elementos heterogêneos.

É formado pelo número três somado ao número 4, ou seja, pelo Tetragrama, mais o Triângulo.

É o símbolo do Delta Sagrado, sendo o Tetragrama central formado de quatro letras hebraicas, envolvidas pelo Triângulo equilátero.

O conhecimento do Setenário diz mais perto ao Grau 3, e representa a “essência do Ser”, ou seja, a Alma humana purificada, fortificada, temperada pelas provas da existência, tendo atingido um estado que lhe permite realizar a “magia” denominada pelo profano de “milagres”.

É o número do Iniciado Perfeito, que é o Mestre.

Representa o dia do “descanso” do Senhor, o dia Sagrado, quando a Criatura rende homenagem ao seu Criador.

## A Parábola dos Talentos

Quando o Mestre de Nazaré, Jesus, mais tarde “Jesus, o Cristo”, formulava parábolas, aos seus ouvintes e em especial, aos seus discípulos, esses lhe perguntaram: por que as parábolas?

Os profetas Ezequiel e Oséias, empregaram, pela primeira vez, as parábolas, de modo que não era uma inovação do Mestre.

Parábola é um substantivo de origem grega, composta de dois vocábulos: **para-balo**, ou **para-balu**; significa “**colocar uma coisa ao lado de outra**”; “**uma comparação**”, “**um como paralelo do citado na ilustração**”; “**curta relação sob a qual alguma coisa é figurada**”.

Para Jesus, no entanto, o uso da parábola significava a apresentação dos mistérios, que nem todos podiam assimilar; às vezes, nem os próprios discípulos; assim, Jesus “lançava”, para o futuro, a sua Doutrina, porque antevia o registro feito por seus discípulos, em especial os quatro Evangelistas e, entre eles, Mateus.

Temos, para o Segundo Grau, especificamente, a parábola dos talentos, e convém dar-lhe a interpretação adequada, para que a possam compreender.

No título anterior já transcrevemos essa parábola; agora, nos resta interpretá-la.

A interpretação é pessoal; cada pessoa a recebe de modo diferente, e aí reside a sua “mágica”; a mensagem é universal, mas o que ela atinge é particular, individual, restrito ao grau de evolução espiritual.

Os membros da Maçonaria, no Brasil, são em sua maioria cristãos; poucos maometanos e de outras origens; poucos hebreus, porque os rabinos não apreciam a Maçonaria; em alguns casos, até a criticam e proíbem os seus adeptos de ingressar na Ordem.

Portanto, quando se faz referência a Jesus, de modo geral, é considerada aceita.

O Livro Sagrado, na sua quase totalidade, é a Bíblia que compreende o Novo Testamento.

Os fundamentos históricos da Maçonaria, especialmente no Segundo Grau, buscam raízes nos filósofos antigos, como **Sócrates, Platão, Sólon, Licurgo, Pitágoras**, e outros mais.

Não temos, especificamente, um estudo sobre Jesus o Cristo, a não ser no Grau dezoito, na parte filosófica maçônica.

Na Filosofia Cristã, encontramos lições preciosas para o Grau Dois, sendo uma delas, a Parábola dos Talentos.

Em resumo, diz respeito a um Senhor que partindo para outro país, deixou os seus bens e propriedades a cargo de seus servos, dando a cada um certa quantidade de dinheiro;

“talento” era uma moeda de ouro, muito valiosa; cada servo recebeu proporcionalmente às suas aptidões; ao retornar, os servos prestaram contas, sendo que alguns fizeram produzir o dinheiro, mas um deles, o de menos aptidão, enterrou os valores; foi honesto, porque os devolveu ao senhor, mas esse o castigou porque nada produzira.

Essa temática é que devemos considerar.

Em primeiro lugar, temos três espécies de indivíduos; cada um com aptidões diferentes, embora, todos fiéis e honestos; o mais ativo recebeu o maior valor e o duplicou; o que lhe seguiu, que recebera menos da metade que o primeiro, também o duplicou; mas o terceiro, que recebera a menor parte, não o fez produzir.

Os servos tomam o lugar do companheiro; recebem os ensinamentos e de conformidade com a sua capacidade, os desenvolvem, ou os enterram, mostrando egoísmo e incapacidade.

Temos de considerar, primeiramente, a falha do senhor, que tendo muitos servos, selecionou apenas três; não soube fazer a seleção; assim acontece com o candidato à Maçonaria, que é selecionado sem maior preocupação e análise.

Se o senhor deu ao terceiro servo apenas um talento, significa que o conhecia e que sabia não poder entregar-lhe cinco talentos; o que arriscou foi pouco.

O aprendiz elevado a companheiro, prematuramente, equivale ao servo que enterrou o seu talento, por receio, porque sabia que seu senhor era exigente.

Em geral, e quase de forma integral, a Loja é exigente; a grande dificuldade para cultivar o amor fraterno reside na intolerância; assim, mesmo, freqüentemente é aceito um aprendiz despreparado e o resultado óbvio, será o recebimento de um companheiro que não saberá compreender a filosofia do Segundo Grau, resultando em mau companheiro que perturbará o grupo todo.

Aquele senhor da parábola cometeu um grave erro; não soube selecionar os servos, mas como era o “senhor” todo-poderoso, mandou embora, injustamente, para castigar aquele servo improdutivo.

O fundamento da parábola é, sem dúvida, a divulgação do Evangelho, em sua forma primitiva; assim o queria o Mestre.

A realidade é que “alguma coisa” deve ser entregue para produzir fruto; se a semente não for lançada, evidentemente, não dará fruto; portanto temos um “ponto de partida”; virá, em último lugar, a colheita. Aquele senhor era exigente e a sua fama dizia que “colhia onde nem sequer, havia plantado”, numa demonstração de severidade com o trato das coisas divinas.

Tratava-se de valores desiguais, mas todas as três distribuições resultavam em valores; havia em jogo “resultados”.

Os da parábola eram materiais; os do Mestre, espirituais; havia uma necessidade imperiosa de fazer produzir os talentos; o Evangelho era o maior dos talentos.

O senhor que entregara aqueles talentos, ele mesmo retornaria, para buscar os frutos.

Trata-se, aqui, do anúncio profético de que o próprio Senhor Jesus, o Cristo, retornaria para “solicitar” a prestação de contas; aquele que nada produzisse, certamente, seria castigado; houve, portanto, um aviso; o servo “preguiçoso” e “medroso”, não seria colhido de surpresa.

Contudo, a parábola fora formulada para determinado grupo de pessoas e o Mestre desejava atingir exclusivamente a três de seus servos e não a toda uma comunidade.

Aquele que recebeu cinco talentos e que produziu mais cinco, seria a Igreja, cônica de seu compromisso.

Não foi dito que o senhor da parábola tivesse obrigado aos seus servos a aceitarem os talentos distribuídos; depreende-se que houvera plena concordância; ninguém foi ludibriado; podiam recusar a oportunidade.

Mas a aceitaram; o primeiro porque, cheio de entusiasmo e fé, tinha certeza de que seria viável o negócio proposto; o segundo, mais cauteloso, constatou que as suas possibilidades garantiam dobrar o capital recebido; o terceiro, talvez por timidez, ou constrangimento, ou seguindo o exemplo dos que o precederam, aceitou um só talento; caindo em si, verificou do risco que estava correndo, manipulando o talento alheio e apressou-se em colocá-lo em lugar seguro.

Aquele que recebeu a Palavra e a compreendeu, a proclamou abundantemente e colheu os resultados, foi premiado; porque aqueles talentos o seu senhor lhos presenteou; aquele que aceitou somente dois talentos, os dobrou e esse resultado, o favoreceu porque o ganhou para si; mas aquele que teve em suas mãos, apenas, "uma só palavra", a aceitou, mas não a soube utilizar; bastaria tê-la compreendido e com ela, construído o seu próprio Templo interior.

Ocultou-a; a palavra divina não pode ser ocultada; ela deve ser visível para todos, pois é como a luz; não se esconde um candeeiro debaixo da mesa, mas se o coloca em lugar alto, para que possa iluminar ao seu redor.

Não é diferente em Maçonaria; o Grau do companheiro tem essa característica: é preciso "difundir" o que aprende; o aprendiz permanece em silêncio e armazena o conhecimento; o companheiro difunde, fazendo com que frutifique.

Em nossa longa trajetória maçônica, tivemos experiências compensadoras; quando solicitados a pronunciar uma palestra, o fazemos com a maior simplicidade, e geralmente, de improviso; se lançamos mãos de algumas anotações, servem apenas, para seguir um raciocínio correto; as anotações são elementos para que se torne possível a continuidade do assunto.

Nessas oportunidades, que foram muitíssimas, pelo Brasil afora, temos aprendido o suficiente, para compreender, sempre mais, a sabedoria maçônica.

Concluída a palestra, e de retorno ao nosso lugar de descanso, seja hotel ou na casa que nos hospeda, nos entregamos a "anotar" tudo aquilo que nos ocorreu em nosso improviso; nessas ocasiões é que surgem as interpretações mais sutis; que enfocamos aspectos, nunca até então conhecidos; é quando "colhemos" o fruto de nosso trabalho.

Citamos essa experiência para ilustrar como o companheiro pode administrar o "talento recebido"; quando se expõe a Doutrina Maçônica, chegam ao nosso pensamento, as mensagens mais sutis que se encontram registradas em nosso "computador", que pode ser a mente, o coração, a alma, mas sempre, "esse algo que vem de dentro", do Universo de dentro!

Não é preciso e nem convém que, quando um companheiro "descobre" o significado de um símbolo, o divulgue aos quatro ventos; deve reter para si a descoberta, acumulando-a, unindo-a às demais que guardou, para que, na oportunidade em que chegar o Senhor, possa apresentar aquele acervo, que equivale, à duplicação dos talentos recebidos.

Jamais devemos nos esquecer de que um companheiro maçom será, em breve, um mestre maçom; se o companheiro não soube fazer frutificar os seus talentos, não poderá, quando chegar a sua oportunidade, exercer a função de mestre.

O companheirismo encontra-se na Escola, onde se aprende e se ensina; uma escola composta somente de alunos, em nada resultará; mas se houver um mestre, os ensinamentos serão ministrados; é o momento da entrega dos talentos. O mestre não exigirá, de imediato, que o companheiro apresente os frutos sobre aquilo que recebeu; quem os exigirá, será a Loja.

Todo proveito e bom resultado, não será "entregue a alguém", mas constituirá o prêmio a receber.

Quem, porém, "enterrar" o seu talento, o devolverá, coberto de terra, mofado e danificado, porque permaneceu em trevas.

Um mestre que não tiver sido um bom companheiro, equivale àquele servo que recebeu um talento e o escondeu em lugar seguro.

O seu prêmio será a "revelação"; não poderá ocultar o seu fracasso e a sua incompetência; o que poderá um mestre despreparado fazer com seus discípulos? Apenas confundi-los.

Os talentos foram repartidos em três partes; uma para o aprendiz; outra para o companheiro e a terceira, para o mestre.

Quem dos três enterrou o seu talento?

Quem sofre o risco de ser castigado?

A lição dessa parábola faz parte do acervo bíblico-maçônico; porque das Sagradas Escrituras recebemos esclarecimentos preciosos.

Ainda, nos resta a posição dos talentos em si; foram oito ao todo, e eles, como "bens",

sofreram diminuição, quando um foi enterrado; a soma resultou em quatorze talentos; teriam sido dezesseis; porém, o senhor, doou aquele talento desenterrado para o que ficara com dez, sendo portanto o resultado final, quinze talentos.

Jesus gostava de lidar com números; analisando-se as suas sessenta e três parábolas, notaremos como os números foram manejados, propiciando um estudo deveras interessante; no Grau Dois, a numerologia ocupa lugar de destaque; com essa "filosofia de números", compreenderemos os fundamentos reais da Mensagem Crística.

O senhor dos talentos, abriu mão de todos eles; deixou-os com os dois servos fiéis e capazes; por que, então, quis experimentar aqueles servos selecionados? Certamente, tinha um objetivo.

Toda parábola envolve uma finalidade que não é referida; aquele que a recebe, deverá estudá-la e dela extrair os seus próprios resultados.

Aquele senhor possuía muitos servos; era abastado e necessitava, para futuras ausências, de administradores competentes e fiéis; fez a experiência e colheu resultados satisfatórios.

A Maçonaria é uma Instituição perfeita, formada por homens imperfeitos.

Ela precisa subsistir.

Colhamos dessa parábola a lição que nos faz falta; selecionemos; os fiéis administradores, para zelar pelos bens que são imensos.

Na trilogia do Simbolismo, cabe aos companheiros, serem selecionados para, depois, como mestres, zelarem pela perpetuidade da Sublime Ordem, como acontece com o Cristianismo que subsiste e tende a cada vez mais aperfeiçoar-se porque o Cristianismo é a própria Perfeição, fundado por quem foi Justo e Perfeito, mas os cristãos, são homens que continuam, imperfeitos.

## A Cadeia de União

A Cadeia de União, genericamente, é apresentada no Grau de Aprendiz, porque quando após a cerimônia da Iniciação, a Cadeia "abre-se" permitindo a inclusão de mais elos.

Apesar de termos já, há alguns anos, apresentado uma monografia sobre a Cadeia de União, é de todo necessário afirmarmos que no Grau Dois os companheiros não dispensam a formação de uma Cadeia.

Precipualemente, a finalidade litúrgica de uma Cadeia de União será a transmissão da "Palavra Semestral"; essa Palavra, contudo, só é comunicada no Grau de Aprendiz.

Esse fato, poderia sugerir a dispensa da formação da Cadeia de União, nos Graus Dois e Três.

A relevância de uma Cadeia de União, não se prende, exclusivamente à comunicação da Palavra Semestral; ousaríamos dizer que esse aspecto é quase secundário, pois a finalidade da cerimônia litúrgica é afirmar o potencial místico de uma Loja.

Quando o Venerável Mestre convida os maçons para formarem a Cadeia de União, no Companheirismo, a Postura Inicial difere, obviamente, da do Grau do Aprendiz; já não será feito o Sinal Gutural, mas o Sinal do Companheiro que é o sinal "cordial", que provém do "arrancar o coração".

Colocados os maçons companheiros na formação do círculo, todos "arrancam" o próprio coração, numa demonstração de que não mais haverá individualidade ou sentimentos egoísticos; assim, essa Cadeia será de um "segundo grau", o do companheirismo, que situa o elo, no interesse do "próximo" e não particular.

A Cadeia de União no Companheirismo, destina-se a beneficiar o irmão aflito que pede, com pleno direito de ser atendido, o auxílio dos seus companheiros.

Por outro lado, as "experiências" que surgem dentro da Cadeia de União diferem das que se criam dentro da formação da Cadeia do Aprendiz.

O Avental cingido ao Companheiro, não terá a Abeta erguida, portanto, o fator "procriático da geração", fica encoberto; outros serão os "objetivos", muito diversos, porque o Companheiro já ingressou no plano do conhecimento universal das artes e das ciências.

O Rito Escocês Antigo e Aceito é formado por trinta e três graus e todos eles acolhem a formação da Cadeia de União.

Cada Grau possuía as suas próprias Posturas e características que conhecemos.

Portanto, cada Cadeia de União, surge mais "sofisticada", com nuances místicas e esotéricas diversas.

É preciso analisar com muita acuidade essas características porque os "efeitos" desse aspecto litúrgico dão resultados tão preciosos que se nos ativéssemos, exclusivamente, a examiná-los, descobriríamos um manancial infindável de benesses e resultados espirituais.

Por ocasião da publicação de nosso **Dicionário Maçônico**, tivemos o cuidado de estudar todos os dicionários editados no Brasil, bem como dos existentes no estrangeiro, aqueles a que pudemos ter acesso e buscamos entre outros verbetes, especificamente, aqueles que faziam referência à Cadeia de União.

Quão "pobres" são esses verbetes!

Mesmo as obras de literatura maçônica, a pátria e estrangeiras, limitam-se a dedicar "algumas linhas" a assunto tão relevante, numa comprovação de quão pobre, ainda, é o conhecimento maçônico entre os homens!

Se, numa sessão de Grau filosófica, tomarmos parte numa Cadeia de União, como se essa fora a que se realiza numa sessão do Primeiro Grau, é claro que os "efeitos" não passarão dos limites do Aprendizado! Será, portanto, a prática de uma cerimônia com resultados inadequados e conseqüências iguais, um ato pobre que não atinge os propósitos que deveria encerrar tanto no aspecto místico como esotérico.

Porém, a Cadeia de União não surgiu, tão somente, para através dela serem feitos "pedidos".

No momento em que os Companheiros, já em posição de círculo, desfizerem o sinal "cordial", e as mãos se unirem, os pés se juntarem, a sua força atinge por igual, a todos transformando-os em um só pólo, em um imenso imã que atrairá os fluidos emanados dos maçons que compõem a Fraternidade Universal.

É o "recarregamento" das baterias; os corações, libertos da ameaça de serem extirpados de dentro do peito, passam a pulsar com mais intensidade; o sangue flui beneficiando todo o organismo, alimentando-o.

Essa força parece "vir de fora", todavia, ela emana, ela exsurge de "dentro".

A Fraternidade Universal explode porque as portas das prisões são abertas.

O vôo é iniciado e não terá limites; não existem fronteiras nem obstáculos.

A "nave" enceta a sua jornada; é impulsionada pela união dos pensamentos.

Um só pensamento.

Poderoso porque quem o possui será a Egrégora que, ainda não abandonou o recinto; que ainda está no Templo.

O Grande Arquiteto do Universo está no Templo.

Nós estamos no Templo.

Nós somos os maçons.

A formação de uma Cadeia de União, encerrando os "trabalhos", é a ápice da "Escada em Caracol", que ascende às Câmaras Secretas, onde está, na expectativa, - o Conhecimento.

A sessão maçônica que não for concluída com a formação dessa Cadeia será incompleta; estará em suspenso; não terá atingido o ideal e a meta.

Não é muito fácil ser maçom; mais difícil, ainda, será permanecer maçom.

Não é fácil entender os múltiplos efeitos de uma Cadeia de União; as dificuldades podem ser contornadas e superadas; a curiosidade é um meio atraente para que o maçom se empenhe em buscar os pequenos detalhes, de certo modo despercebidos, para que paulatinamente, passo a passo, ano a ano, a Luz penetre e ilumine o caminho para que nosso caminhar "veja" os obstáculos que se apresentam.

As “pedras do caminho” têm nome: desinteresse; displicência; apego à matéria; acanhamento; preguiça mental; baterias descarregadas; atrofiamento; marasmo; monotonia; surdez; cegueira; e ainda, mais e mais pedras, espinhos e abrolhos!

Podemos comparar uma Cadeia de União mal formada, mal direcionada, mal construída, com um grupo de convidados que após, de forma tradicional, sentam-se à mesa e aguardam que se lhe apresentem os apetitosos pratos previamente anunciados pelo anfitrião; se as iguarias não vêm, porque, então, os convidados sentaram à mesa?

